

**MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL**

SETÚBAL ARQUEOLÓGICA

VOLUME II-III



**JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
1976-77**

Publicação periódica editada pelo Museu
de Arqueologia e Etnografia da Junta
Distrital de Setúbal

Redacção **CARLOS TAVARES DA SILVA,**
JOAQUINA SOARES

Enviar toda a correspondência (originais,
permutas, etc.) para :

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA
DA
JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
Av. Luísa Todi n.º 162
S E T Ú B A L (PORTUGAL)

MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E
ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

SETÚBAL ARQUEOLÓGICA

VOLUME II-III

EDIÇÃO DA
JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
1976 - 77

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DOS POVOADOS CALCOLÍTICOS DO BAIXO ALENTEJO E ALGARVE

por Carlos Tavares da Silva
e Joaquina Soares

O conhecimento desarticulado que possuímos acerca das culturas calcolíticas do Sul do País é, em grande parte, resultante de uma investigação não sistemática e carecida de um modelo teórico que a oriente no estabelecimento das interrogações perante os dados. Assim, embora exista uma considerável acumulação de elementos de estudo, estes continuam em muitos casos soltos e incoerentes.

No Baixo Alentejo, com os importantes trabalhos de Abel Viana, Ruy Freire de Andrade, Veiga Ferreira e António Serralheiro foram dados a conhecer numerosos monumentos de tipo **thólos** (1). No Algarve, Estácio da Veiga e Santos Rocha haviam publicado as **thóloi** de Alcalar, Monte Velho e Marcela e, posteriormente, investigadores como J. Formosinho, Veiga Ferreira e G. Zbyszewski revelaram novos monumentos em Alcalar e um em Castro Marim.

Não obstante este avultado número de monumentos do grupo das **thóloi** do Sudoeste identificado no Baixo Alentejo e Algarve, os povoados correspondentes às populações responsáveis pela sua construção continuavam por descobrir (2) embora o conhecimento dos povoados calcolíticos da Estremadura, integráveis na mesma grande área cultural que abrange o Sul da Península, permitisse a orientação da prospecção em função do estabelecimento de quadros ecológicos teóricos preferenciais relativos

(1) As **thóloi** do Baixo Alentejo até agora publicadas são as seguintes: Lousal, Folha da Amendoeira, Monte do Outeiro, Monte das Pereiras, Malha Ferro, Cerro do Gatão, Monte Velho, Amendoeira Nova, A dos Tassos e Nora Velha.

(2) Os únicos vestígios claramente calcolíticos de feição habitacional até agora assinalados no Baixo Alentejo integram-se na fase final desse período, isto é, pertencem ao Horizonte Campaniforme: Barrada do Grilo, no Torrão (Farinha dos Santos, M., Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1972) e Vale Vistoso, a Sul de Sines (Oliveira Jorge, 1973; Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1976-77); de referir ainda a vaga notícia do aparecimento de cerâmica campaniforme no Outeiro de S. Bernardo (Lima, J. F., 1953), bem como a descoberta de um fragmento de taça tipo Palmela sobre o chapéu de ferro de Algarves, em Aljustrel (Domergue e Frei d'Andrade, R., 1971).

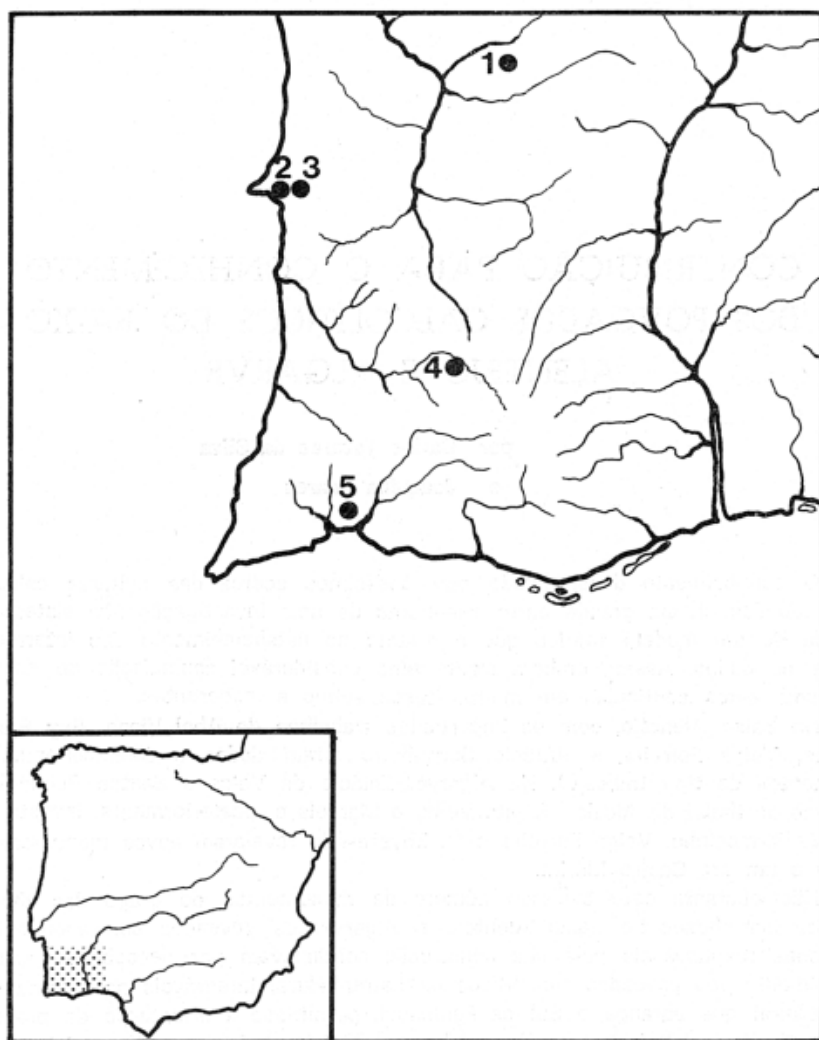


Fig. 1 — Localização dos povoados calcolíticos do Cabeço da Mina (1), de Vale Pincel II (2), de Monte Novo (3), do Cortadouro (4) e de Alcalar (5).

à implantação mais comum do povoado desta época na paisagem: elevações com boas condições naturais de defesa, com água doce nas proximidades, abrindo-se para campos de cultivo.

Damos hoje notícia de cinco povoados, situados no Baixo Alentejo e Algarve (fig. 1), dois de uma fase inicial do Calcolítico ou mesmo de um momento de transição

do Neolítico para o Calcolítico (Cabeço da Mina, entre o Torrão e Alvito, e Vale Pincel II, em Sines), muito possivelmente contemporâneos dos níveis mais profundos (Horizonte dos «Copos Canelados») da Parede, do Pedrão, de Vila Nova de S. Pedro e do Zambujal; e três do Calcolítico pleno, pré-campaniforme (Monte Novo, em Sines, Cortadouro, a Sul de Ourique e Alcalar, este último correspondente à célebre necrópole algarvia de **thóloi** do mesmo nome), pertencentes ao horizonte dos monumentos megalíticos de falsa cúpula do Sudoeste.

ESTUDO DA CERÂMICA

A fim de evitar repetições desnecessárias aquando do estudo da cerâmica — o material mais abundante dos cinco povoados que constituem o objecto deste trabalho —, julgamos conveniente apresentar previamente o inventário dos atributos e tipos morfológicos identificados.

I Pasta

1 — Compacta :

- 1.1 — com raros e.n.p. ⁽³⁾ > 0,5 mm.
- 1.2 — com abundantes e.n.p. até 1 mm.; escassos > 1 mm.
- 1.3 — com abundantes e.n.p. > 1 mm.

2 — Semi-compacta :

- 2.1 — com abundantes e.n.p. até 1 mm.; escassos > 1 mm.
- 2.2 — com abundantes e.n.p. > 1 mm.

3 — Pouco compacta :

- 3.1 — com abundantes e.n.p. até 1 mm.; escassos > 1 mm.
- 3.2 — com abundantes e.n.p. > 1 mm.

II — Cor (superfícies e fractura)

- 1 — Superfícies e fractura castanho-avermelhadas com manchas isoladas acinzentadas/negras (cozedura oxidante).
- 2 — Superfícies e fractura acinzentadas/negras com manchas isoladas castanho-avermelhadas (cozedura redutora).
- 3 — Fractura com zona ou zonas acinzentadas/negras e castanho-avermelhadas :
 - 3.1 — Fractura com zona superficial externa castanho-avermelhada e z. superficial interna acinzentada/negra ;
 - 3.2 — fractura com z. superficial externa acinzentada/negra e z. superficial interna castanho-avermelhada ;

(3) Utilizamos a abreviatura e.n.p. para designar elemento(s) não plástico(s).

- 3.3 — fractura com z. intermédia acinzentada/negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas (cozedura redutora e fase de arrefecimento oxidante);
- 3.4 — fractura com zona intermédia castanho-avermelhada e zonas superficiais acinzentadas/negras (ambiente de cozedura oxidante com arrefecimento redutor).

III — Forma geral (fig. 1a)

Há a considerar as seguintes medidas e índices:

Dbe — Diâmetro externo da boca.

Dbi — Diâmetro interno da boca.

Dp — Diâmetro da pança.

Dc — Diâmetro da carena.

Dmx — Diâmetro máximo.

H — Altura total.

Hf — Altura do fundo.

Hc (=Hf) — Altura da carena.

lb — largura do lábio.

e — espessura máxima.

Ip' — Índice de profundidade relativamente ao diâmetro externo da boca $\left(\frac{H \times 100}{Dbe}\right)$

Ip'' — Índice de profundidade relativamente ao diâmetro máximo $\left(\frac{H \times 100}{Dmx}\right)$

Icf — Índice de convexidade do fundo $\left(\frac{Hf \times 100}{Dc} < 10\right)$ — fundo muito pouco convexo; de 11 a 20 — fundo pouco convexo; de 21 a 30 — fundo convexo; de 31 a 40 — fundo muito convexo; de 41 a 50 — fundo fortemente convexo).

Ihc — Índice de altura da carena $\left(\frac{Hc \times 100}{H}\right) < 25$ — muito baixa; de 26 a 45 — baixa; de 46 a 55 — média; de 56 a 75 — alta; > 75 — muito alta.

Iab — Índice de abertura da boca $\left(\frac{Dbe \times 100}{Dp}\right)$.

Iip — Índice da inclinação da parede (formas carenadas): $\frac{Dbe \times 100}{Dc}$.

Iilb — Índice da larg. do lábio $\left(\frac{lb \times 100}{Dbe}\right)$.

De notar que nos capítulos dedicados à morfologia dos recipientes em cerâmica os valores observados (medidas e índices) nem sempre foram obtidos para a totalidade da amostra estudada pois muitos exemplares não permitiram, pelo seu estado de fragmentação, a determinação de algumas dessas medidas.

1 — Prato de bordo sem espessamento ($Ip' < 20$):

1.1. — Base plana ou convexo-aplanada; parede mal diferenciada, muito inclinada para o exterior (variante 1).

1.2 — Parede bem diferenciada, podendo ser inclinada ou vertical (var. 2).

1.3 — Base a tender para convexa; parede muito inclinada para o exterior de perfil em S (var. 3 — aproxima-se do perfil do prato de bordo almendrado).

2 — Prato de bordo almendrado — $Ip' < 20$; $Dbe \geq 300$ mm.; bordo com lábio largo

— $Iilb > 4,8$ — plano-convexo ou plano e com espessamento interno (por vezes também espessado externamente); perfil almendrado:

2.1 — Lábio convexo-aplanado, formando aresta ligeiramente boleada com o interior (var. 1).

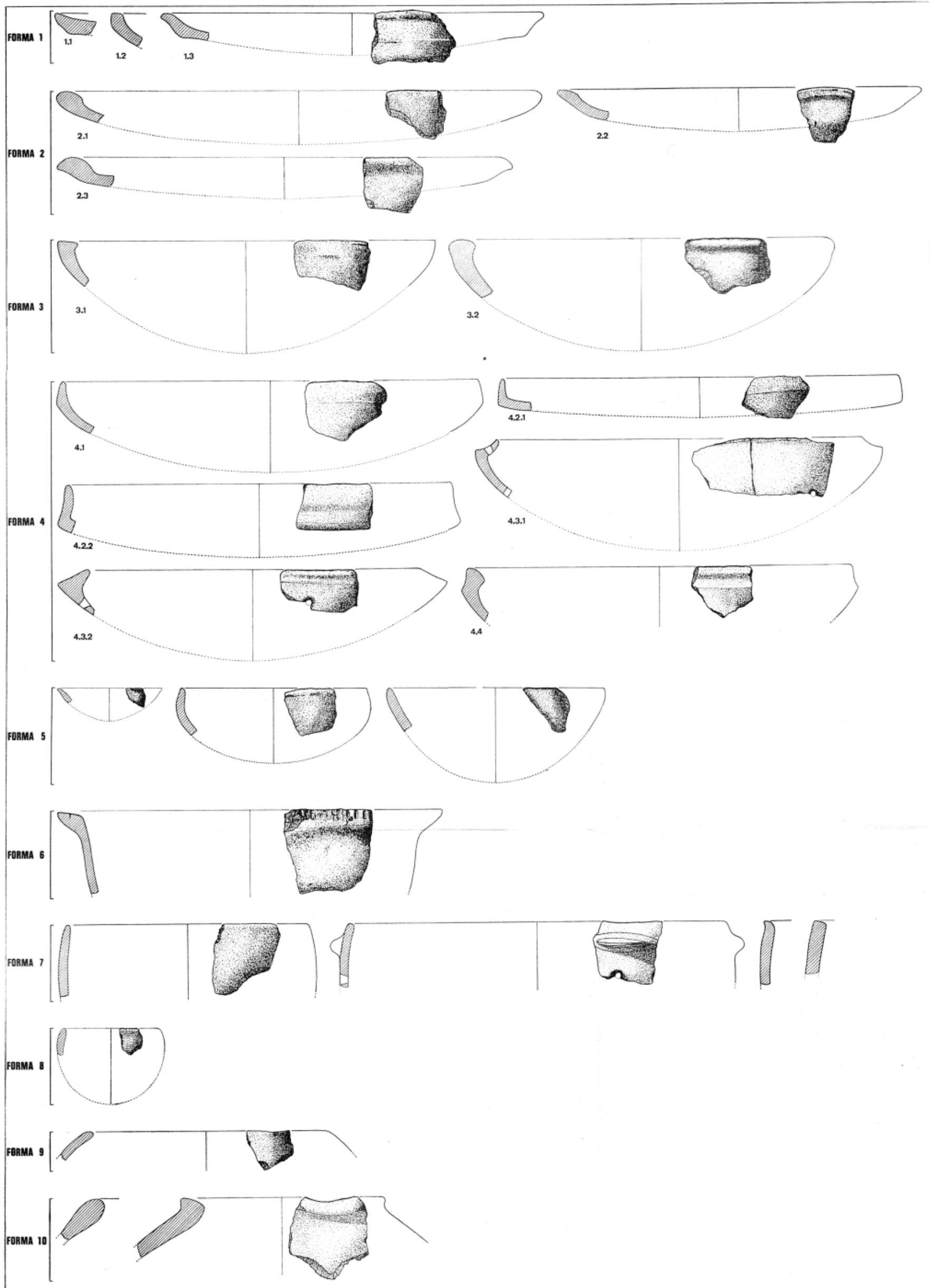


Fig. 1 a — Tipos morfológicos dos recipientes em cerâmica dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve.

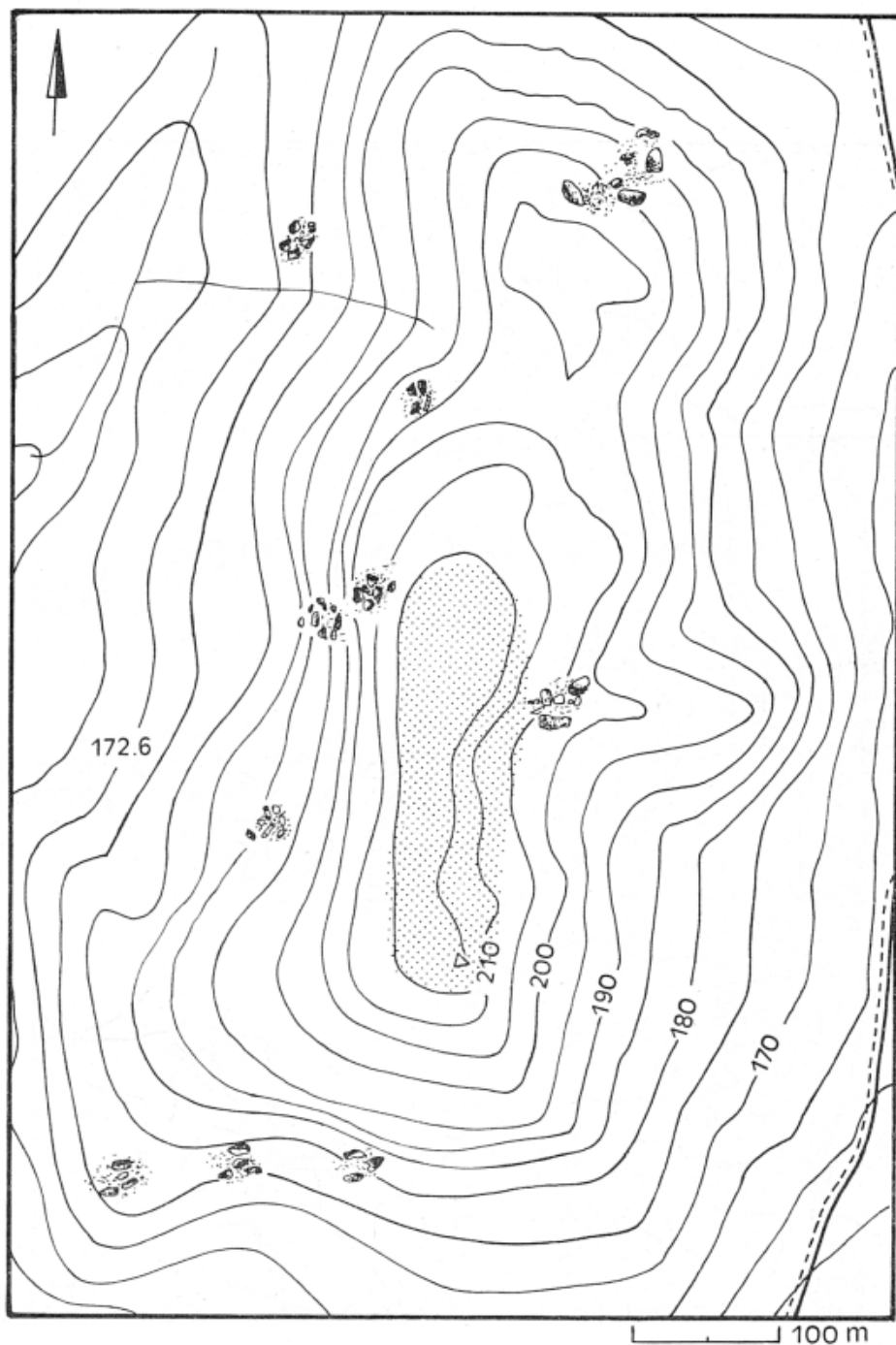


Fig. 3 — Localização do Cabeço da Mina na carta de 1:5 000 (o pontado corresponde à área ocupada durante o Calcolítico).

direito, é a mais elevada (cota de 219 m.) de uma série de colinas com afloramentos de rochas eruptivas, nomeadamente pórfiros, tufos e conglomerados vulcânicos (Fig. 4). Na região existem mineralizações feríferas (magnetite) e cupríferas (sobretudo malaquite), tendo sido algumas delas alvo de explorações mineiras (Barros e Carvalhosa e Zbyszewski G., 1972).

A curta distância do Cabeço da Mina corre a Ribeira das Soberanas; toda a área é sulcada por linhas de água e rica em poços e fontes.

PROSPECÇÃO E ESCAVAÇÃO

Visitámos pela primeira vez o Cabeço da Mina no dia 1 de Janeiro de 1974. O local fora-nos indicado pela Senhora D. Gertrudes do Bom Sucesso Nunes, natural do Torrão. Sobre ele contara-nos uma lenda de conteúdo muito comum e frequentemente relacionado com jazidas arqueológicas: «no Cabeço da Mina encontram-se enterrados dois potes, um contendo uma fortuna fabulosa e o outro, um mal terrível...».

Aquando dessa nossa visita, a metade Este do Cabeço havia sofrido uma lavoura muito funda que trouxera à superfície numerosos materiais arqueológicos, facto que nos permitiu não só identificar rapidamente a estação arqueológica, como também proceder a uma exaustiva e sistemática recolha de material e, assim, obter uma amostra representativa da ocupação pré-histórica. Após prospecções que incidiram também na metade não lavrada, verificámos que tal ocupação abrangeu a zona Sul da parte superior do Cabeço da Mina (300 m. segundo a direcção N.—S. por 100 m. segundo a direcção E.—W.). Recolheram-se ainda cerâmicas romanas na extremidade e encosta Sul. Não foram, por enquanto, identificados vestígios de amuralhado.

Procedeu-se à abertura de um pequeno corte de reconhecimento⁽⁸⁾ com 4 m. de comprimento (segundo a direcção N.—S.) e 2 m. de largura (E.—W.). O seu canto NW. ficou localizado a 102 m. N., 10° E. do marco geodésico da extremidade Sul do Cabeço da Mina. A escavação revelou apenas duas camadas arqueologicamente férteis, correspondendo a mais profunda (C.2) à única ocupação pré-histórica do local, e a superficial (C.1) à fase de abandono e de transporte de materiais arqueológicos por acção dos agentes da geodinâmica externa e da lavoura. Observou-se a seguinte sucessão (de cima para baixo) (Fig. 5):

- C. 1 — Espessura 0,12/0,18 m.. Areia argilosa castanho-escura (7.5 YR 3/2) quando húmida e castanha (aprox. 10 YR 5/3) quando seca. pH 6. Com raízes. Revolvida pelas lavouras. Inclinação de 4°-6° de Norte para Sul e de 8° de Oeste para Este. Fragmentos de cerâmica muito rolados.
- C. 2 — Espessura 0,10/0,15 m. Areia argilosa castanho-avermelhada (5 YR 4/4) quando húmida e castanho-viva (aprox. 7.5 YR 5/6) quando seca. pH 6,1. A mesma inclinação da C. 1. Numerosos fragmentos de cerâmica pouco ou não rolados.

(8) Trabalhos efectuados pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, nos quais participaram, além dos autores, Antónia Coelho - Soares e Jorge Costa, técnicos do mesmo museu.

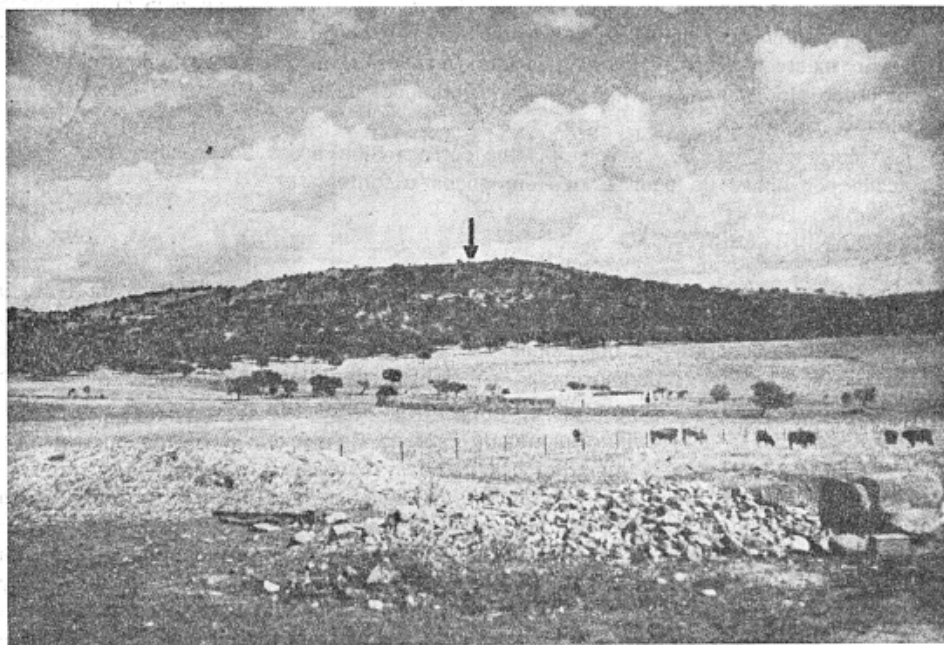


Fig. 4 — O Cabeço da Mina visto de Oeste, do Monte das Cortes Pequenas.

C.3 — Espessura 0,14/0,22 m.. Areia argilosa castanho-viva (7.5 YR 5/6) quando húmida e amarelo-avermelhada clara (aprox. 7. 5YR7/6) quando seca. Numerosos calhaus angulosos resultantes da desagregação da rocha-mãe. pH 6,2. A mesma inclinação da C.1. Arqueologicamente estéril.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

20 sub-produtos de talhe em sílex: 12 da superfície, 3 da C.1 e 5 da C.2. Cor variada: branca, cinzenta clara (10 YR 6/1 e 5 YR 6/1), cinzento-acastanhada clara (10 YR 6/2), vermelha pálida (10 R 6/3), castanho-avermelhada (2. 5 YR 4/4), castanha (7.5 YR 5/4), cinzenta média (N5) e cinzenta escura (N4).

14 utensílios (Fig. 6): 9 da superfície, 3 da C.1 e 2 da C.2; 9 são em sílex, 3 em quartzo leitoso e 2 em xisto jaspoide. No seu conjunto, apresentam uma feição marcadamente calcolítica, denunciando paralelos flagrantes com a indústria lítica dos povoados calcolíticos da Estremadura e dos dólmenes evoluídos e **tholoi** do Alentejo. Estão presentes 1 lâmina de retoque semi-abrupto/abrupto, 1 lâmina de retoque oblíquo, 3 lâminas não retocadas, com traços de uso («facas»), 3 denticulados, 4 pontas de seta (3 de base côncava e 1 de base indeterminada) e 2 peças indeterminadas. Se atendermos apenas ao espólio exumado no corte de reconhecimento (numa prospecção

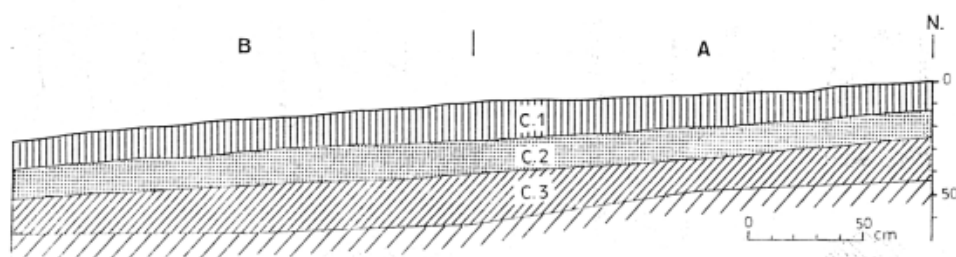


Fig. 5 — Perfil Oeste do corte de reconhecimento aberto no Cabeço da Mina.

de superfície os utensílios em pedra lascada têm menos probabilidades de ser encontrados do que outros artefactos, nomeadamente os de cerâmica) verifica-se que no total das 44 peças (cerâmicas e líticas) surgem 5 utensílios em pedra lascada; o resultado da relação entre o número de utensílios em pedra lascada e o número de vasos de cerâmica é 0,15.

- 1 ⁽⁹⁾ — Fragmento mesial de lâmina em sílex negro. Secção transversal sub-triangular. Retoque semi-abrupto (45° - 55°) em ambos os bordos. Larg. 14 mm.; esp. 5 mm.; $e/l = 0,4$. C. 2.
- 2 — Fragmento mesial de lâmina em sílex castanho (10 YR 5/3) e castanho muito pálido (10 YR 8/3). Secção transversal triangular e trapezoidal. Retoque pequeno, oblíquo e directo no bordo direito, com tendência para abrupto em alguns negativos. Larg. 22 mm.; esp. 7 mm.; $e/l = 0,3$. Superfície.
- 3 e 4 — Dois fragmentos mesiais de lâminas em sílex acinzentado e negro. Secções transversais triangular e sub-trapezoidal. Não retocados; com traços de utilização («facas»). Larg. 21 mm. e 19 mm.; esp. 7 mm. e 6 mm.; $e/l = 0,3$. C.1 (n.º 3) e superfície (n.º 4).
- 5 — Lâmina em quartzo leitoso. Secção transversal triangular. Não retocada; com traços de utilização («faca»). Fragmentada na extremidade distal. Larg. 15 mm.; esp. 5 mm.; $e/l = 0,3$. Superfície.
- 6 — Denticulado sobre lâmina de sílex castanho-acinzentado escuro (10 YR 4/2). Secção transversal triangular. Bordo esquerdo com esquirolamento directo e inverso; bordo direito com **encoches** contíguos constituídos por pequenos retoques profundos, abruptos e directos. Fragmentado em ambas as extremidades. Larg. 23 mm.; esp. 9 mm.. Superfície.
- 7 — Denticulado sobre lâmina de quartzo leitoso. Secção transversal sub-triangular.

(9) Numeração da fig. 6.

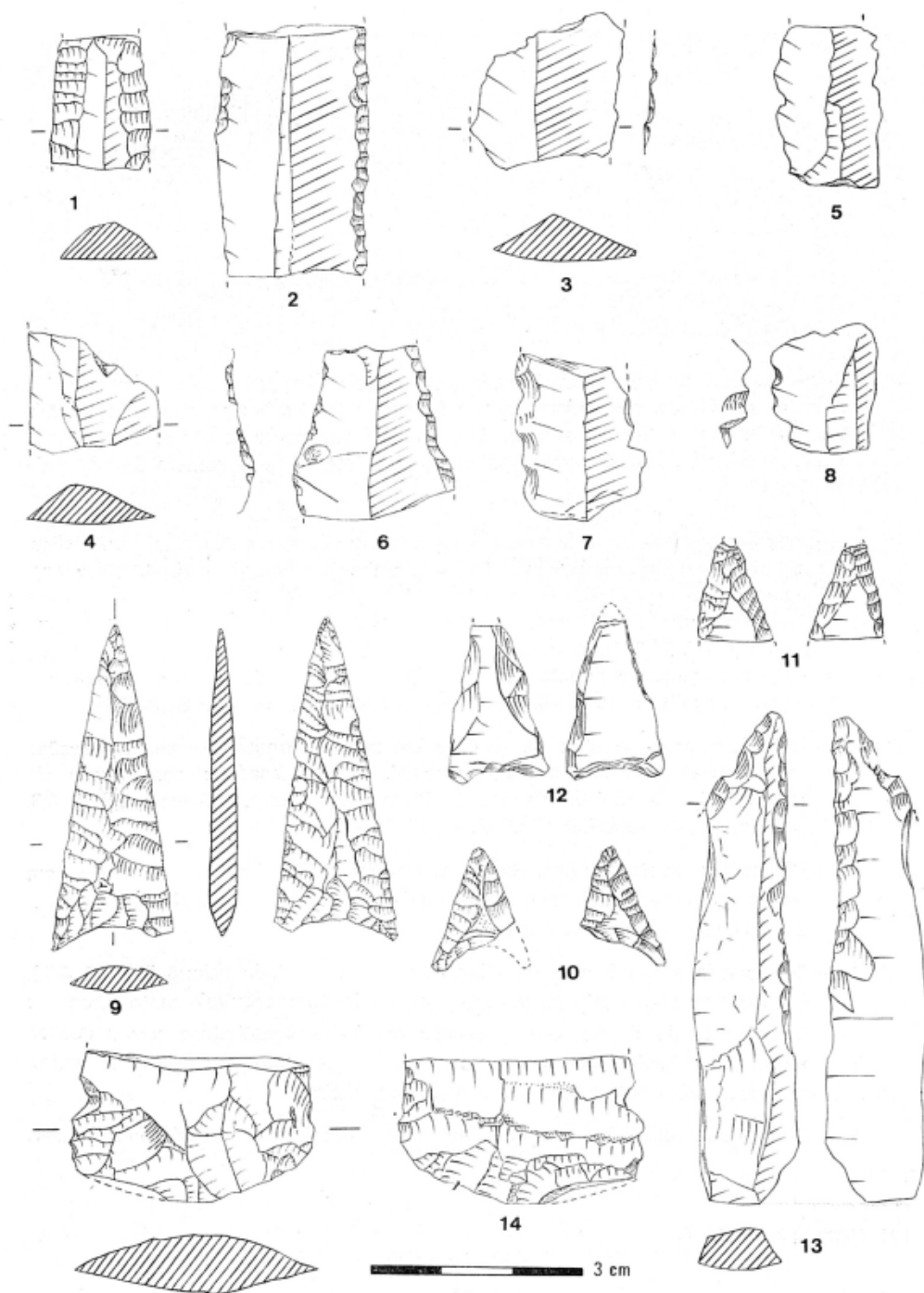


Fig. 6 — Cabeço da Mina. Utensilagem em pedra lascada.

Bordo esquerdo com **encoches** contíguos clactonenses directos. Fragmentado na extremidade distal. Larg. 18 mm.; esp. 5 mm. C. 1.

- 8 — Denticulado sobre lasca de quartzo leitoso. Secção transversal trapezoidal. Bordo esquerdo com **encoches** contíguos, clactonenses e alternantes. Compr. 18 mm.; larg. 15 mm.; esp. 4 mm.. Superfície.
- 9 — Ponta de seta triangular de base côncava e bordos rectilíneos, em sílex cinzento rosado claro (5 YR 6/2) e cinzento-avermelhado (5 YR 5/2). Retoque cobridor regular, sub-paralelo, no anverso e no reverso. Secção transversal biconvexa. Secção longitudinal não encurvada. Compr. 47 mm.; larg. 17 mm.; esp. 4 mm.. Superfície.
- 10 — Ponta de seta triangular de base côncava e bordos rectilíneos, em sílex cinzento escuro (N4). Retoque invasor no anverso e no reverso. Secção transversal biconvexa. Secção longitudinal não encurvada. Compr. 18 mm.; larg. 14 mm.; esp. 3,5 mm.. C. 1.
- 11 — Fragmento distal de ponta de seta triangular em sílex cinzento-acastanhado (5 YR 4/1). Retoque invasor no anverso e no reverso. Secção transversal biconvexa. Larg. 11 mm.; esp. 4 mm.. C. 2.
- 12 — Ponta de seta triangular de base côncava e bordos ligeiramente sinuosos executada sobre uma plaqueta de xisto vermelho-púrpura (10 R 4/2). Anverso com retoque invasor e reverso com retoque marginal; áreas relativamente extensas não foram retocadas. A preparação da ponta de seta é medíocre. Compr. 23 mm.; larg. 14 mm.; esp. 3 mm.. Superfície.
- 13 — Peça indeterminada em xisto jaspoide castanho-avermelhado (5 YR 5/4) e castanho claro (7.5 YR 6/4). A definição de um vértice terminal e o retoque bifacial abrupto/semi-abrupto (no anverso) e rasante (no reverso), ao longo dos dois bordos, parecem apontar para uma tentativa malograda de fabrico de uma ponta de seta. Superfície.
- 14 — Peça indeterminada em sílex negro. Secção transversal elíptica e retoque bifacial cobridor. Larg. 35 mm.; esp. 9 mm.. Superfície.

Este último utensílio insere-se num grupo tecnológico que tem grande desenvolvimento nos povoados calcolíticos da Estremadura e cujo tipo mais característico é a chamada «foicinha».

UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA/PICOTADA

5 exemplares em pedra polida (recolhas de superfície). 2 são fragmentos que não permitem a reconstituição dos artefactos a que pertenceram.

Presentes 2 machados polidos numa rocha dura cinzento-esverdeada escura (5 G 4/1 e 5 GY 4/1), muito fragmentados; perfis dos gumes em duplo bisel convexo ligeiramente assimétrico, fio do gume muito afiado no n.º 1 da fig. 7; secções transversais rectangulares. Esp. máxs. 25 e 28 mm.; ângulo do gume 65°.

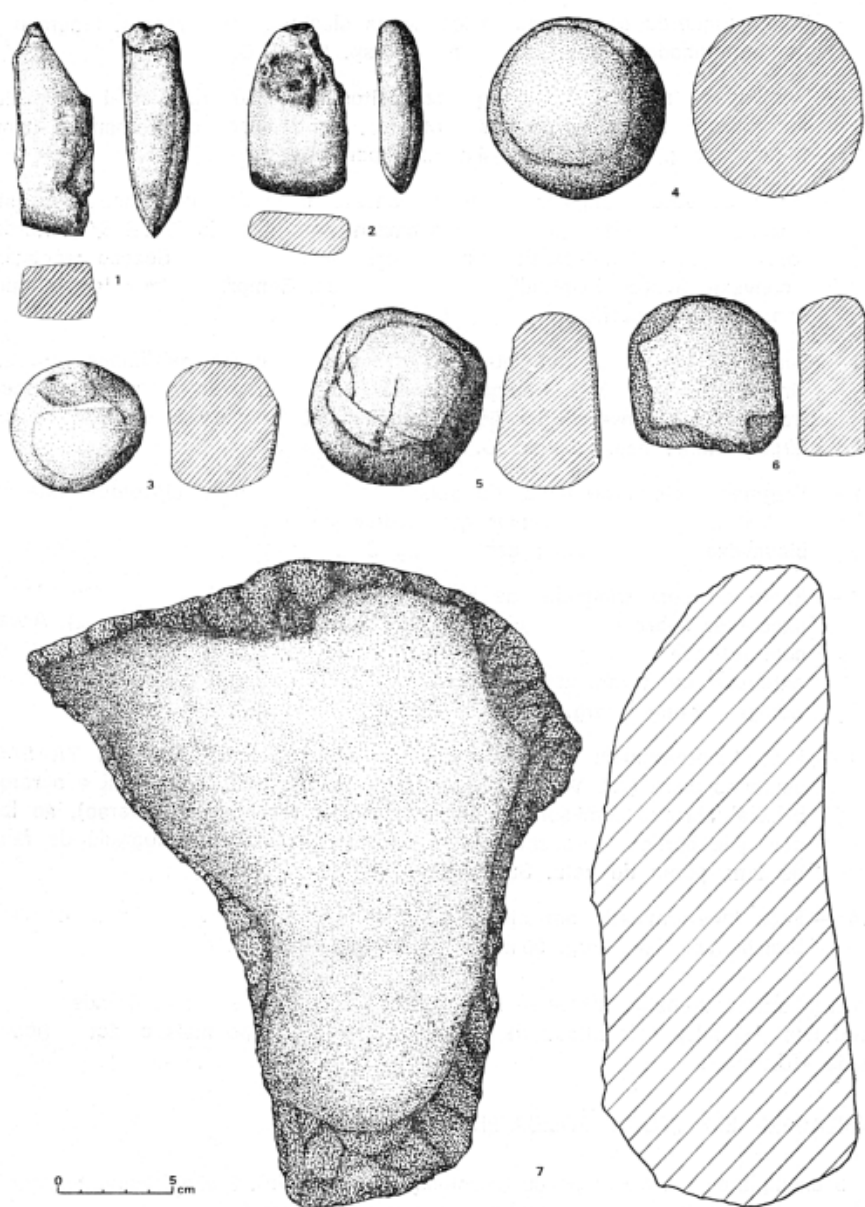


Fig. 7 — Cabeço da Mina. Utensilagem em pedra polida/picotada: 1 — machado (CM/446); 2 — enxó (CM/2); 3, 4 e 5 — percutores poliédricos (CM/25, CM/554 e CM/23); 6 — elemento movente de mó (CM/31); 7 — elemento dormente de mó (CM/466).

Surgiu também uma enxó polida sobre uma rocha dura cinzento-esverdeada (5 GY 5/1); talão parcialmente eliminado; gume rombo, ligeiramente convexo, quase rectilíneo, de perfil em duplo bisel plano-convexo assimétrico; secção transversal rectangular; secção longitudinal plano-convexa a tender para côncavo-convexa. Compr. (L) 75 mm.; larg. máx. (l) 44 mm.; larg. no gume 40 mm.; esp. (e) 19 mm.; $l/e = 2,3$; $L/e = 3,9$; ângulo do gume 60° ; peso 113,205 gr.. (Fig. 7, n.º 2).

13 percutores poliédricos a tender para esferoidais, todos da superfície, 9 em pórfiros da região e 4 em quartzo. Uma grande parte destas peças apresenta as superfícies preparadas através de um picotado fino. Alguns exemplares possuem, juntamente com as superfícies de percussão, faces polidas que parecem corresponder à superfície natural dos seixos suportes. Dimensões médias: $67,7 \times 65 \times 53,6$ mm.. Peso do menor 247,785 gr.; peso do maior 657,390 gr.. (Fig. 7, n.º 3-5).

13 elementos de mós (12 da superfície e 1 da C.2), sendo 4 moventes, 6 dormentes e 3 fragmentos indeterminados. Foram produzidos em rochas porfíricas filoneanas.

O elemento movente melhor conservado apresenta as seguintes dimensões: $70 \times 67 \times 33$ mm. (Fig. 7, n.º 6).

O elemento dormente melhor conservado possui forma irregular; superfície activa picotada e côncava; base fortemente convexa; fragmentado, pelo que uma das dimensões é indeterminada: 290×90 mm.. (Fig. 7, n.º 7).

CERÂMICA. RECIPIENTES

Detectado, ainda que provisoriamente, através do corte de reconhecimento, um único estrato de ocupação e tendo-se realizado uma sistemática e exaustiva recolha de superfície que revelou um conjunto homogéneo e coerente com o observado no corte de reconhecimento, decidimos não separar, no tratamento morfo-estatístico, a cerâmica proveniente da superfície da resultante da abertura do corte.

Neste estudo considerámos apenas os fragmentos com bordo que permitiram reconstituição gráfica, ainda que, frequentemente, só parcial. Eliminámos, portanto, inclusivamente os fragmentos com carena cujas formas gerais são fáceis de identificar mas que, por não possuírem bordo, uma vez incluídos iriam falsear os resultados estatísticos. Ficámos, assim, em presença de 332 fragmentos classificáveis (300 da superfície, 5 da C.1 e 27 da C.2).

A cerâmica, quer a da superfície, quer a do corte de reconhecimento, revela uma grande unidade técnica: pasta quase sempre compacta com abundantes elementos não plásticos maiores que 1 mm., frequentemente superiores a 2 mm., predominando, por observação macroscópica, os grãos de quartzo e as partículas de mica negra e branca (Quadro I); cor da fractura e das superfícies em geral castanho-avermelhada (10 R 5/6, 10 R 4/6, 10 YR 6/4, 10 YR 5/4, 5 YR 5/6) embora com algumas manchas isoladas acinzentadas (Quadro II) o que corresponde a um ambiente de cozedura oxidante; superfícies frequentemente bem ou muito bem alisadas, ainda que, por vezes, com irregularidades (em alguns exemplares, sobretudo do grupo dos **esféricos**, notam-se, por alisamento deficiente, as estrias e as irregularidades deixadas pela técnica do rolo).

O Quadro I mostra-nos que a pasta menos compacta ocorre principalmente, se bem que numa frequência inferior à da compacta, nas **taças em calote**, nos **esféricos**

e nos **globulares**. Os **pratos**, as **taças largas de bordo espessado internamente**, as **taças carenadas** — a forma mais abundante — e os «**potes**» oferecem pasta quase exclusivamente compacta.

Quadro I — Cabeço da Mina. Distribuição dos grupos de pasta pelas formas dos vasos.

Forma Pasta	1	3	4	5	6	7	8	9	10	Total	
	V.N.										
1.2	—	3	—	—	—	1	—	—	—	4	1,20
1.3	6	41	118	29	4	71	—	1	10	280	84,33
2.1	—	—	—	1	—	—	1	—	—	2	0,60
2.2	—	2	8	14	—	13	—	3	—	40	12,04
3.2	—	—	—	4	—	1	—	1	—	6	1,80
	6	46	126	48	4	86	1	5	10	332	99,97

Quadro III — Cabeço da Mina. Ambiente de cozedura.

	V.N.	%
Oxidante	216	65,06
Redutor	19	5,72
Red. — oxid.	97	29,21
	332	99,99

A cerâmica do Cabeço da Mina é lisa na sua quase totalidade. Há somente a considerar a presença de «denteado» impresso no lábio de um **vaso de corpo alto e de bordo extrovertido** (fig. 11, n.º 2) e no lábio de um **esférico** (fig. 11, n.º 12).

Identificámos as seguintes formas: (Quadro IV):

(1) **Prato de bordo sem espessamento** (fig. 8).

6 exemplares (1,80%), todos da superfície.

Ip' entre 2,5 e 18. Ao primeiro destes valores corresponde um prato (**forma 1.1**) de fundo plano e quase sem parede, sendo esta formada por uma ligeira inclinação do fundo (fig. 8, n.º 1) e cujo **Dbe** atinge 400 mm., enquanto **H** é apenas de cerca de 10 mm.; ao segundo, um prato (**forma 1.2**) de parede bem diferenciada, sub-vertical e fundo a tender para convexo (fig. 8, n.º 2) e cujo **Dbe** é de cerca de 250 mm. e **H** de aproximadamente 45 mm..

Lábio convexo.

e de 7 a 16 mm..

Quadro IV — Cabeço da Mina. Formas cerâmicas.

	S.	C. 1	C. 2	Total	
				V.N.	%
1 — Prato de b.s/esp.	6	—	—	6	1,80
3 — Taça de b. esp. int.	41	—	5	46	13,85
4 — Taça carenada	115	3	8	126	37,95
5 — Taça em calote	42	1	5	48	14,45
6 — Vaso alto de b. extr.	4	—	—	4	1,20
7 — Esférico	79	1	6	86	25,90
8 — Peq. esférico	1	—	—	1	0,30
9 — Globular	2	—	3	5	1,50
10 — «Pote»	10	—	—	10	3,01
	300	5	27	332	99,96

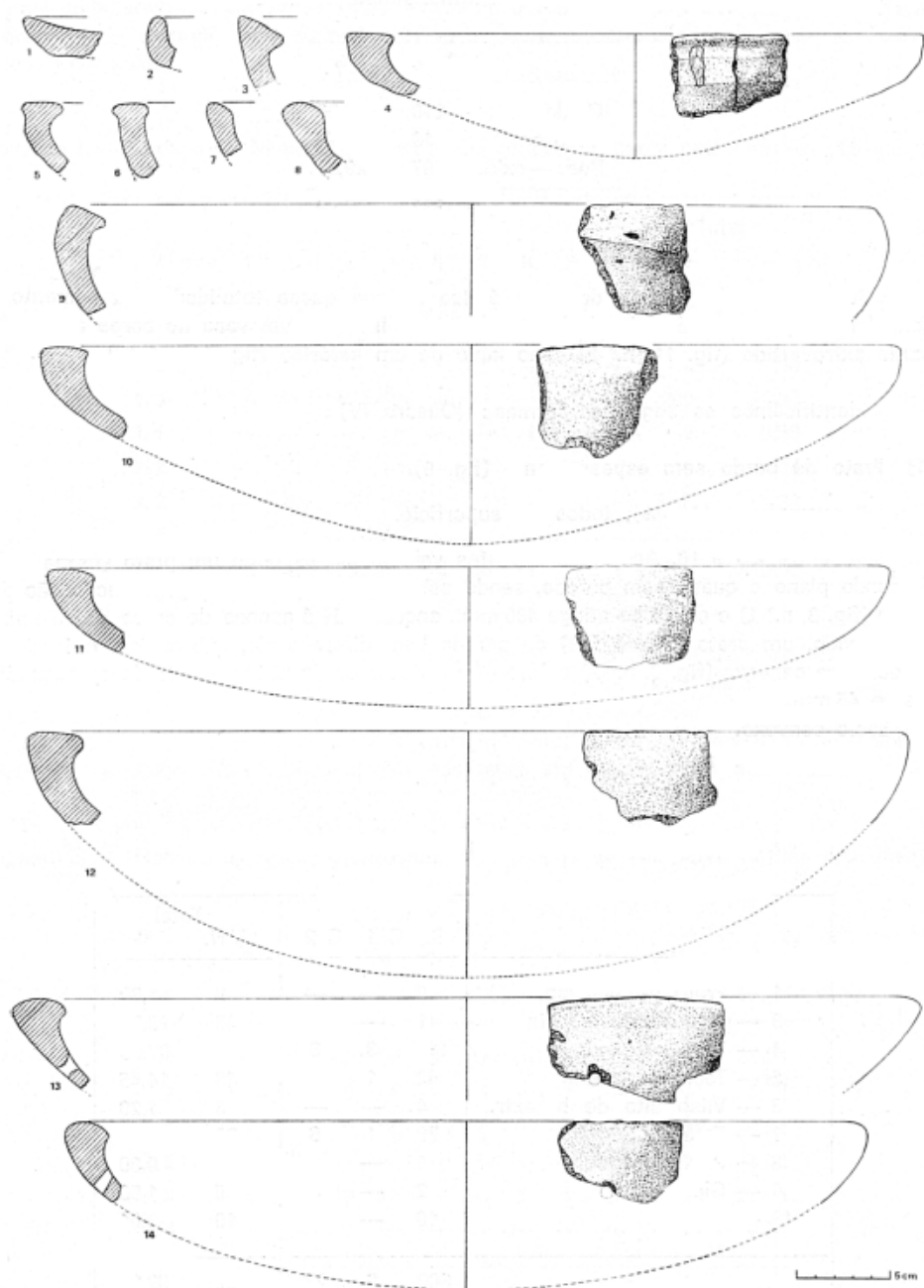


Fig. 8 — Cabeço da Mina. Cerâmica: **forma 1** (1 — CM/257 e 2 — CM/468); **forma 3** (3 — CM/65, 4 — CM/522, 5 — CM/528, 6 — CM/561, 7 — CM/427, 8 — CM/481, 9 — CM/120, 10 — CM/399, 11 — CM/422, 12 — CM/516, 13 — CM/577 e 14 — CM/204). Red. 1/4.

(3) Taça larga de bordo espessado internamente (fig. 8).

46 exemplares (13,85%) : 41 da superfície e 5 da C.2.

Valores observados : **Ip'** entre 20 e 34; **Dbe** de 310 a 510 mm. ($\bar{x} = 433 \pm 51,6$) ; **Dbi** de 260 a 480 mm. ; **H** de 65 a 140 mm. ; **lb** de 11 a 33 mm. ($\bar{x} = 20,8 \pm 4,6$) ; **llb** de 3,3 a 7,8, em geral de 5-6 ; **e** (fora da zona de influência do espessamento do bordo) de 8 a 16 mm.

Variante 1 (**forma 3.1**) : 13 exemplares, (fig. 8, n.º 3-5 e 9-11), 8 da superfície e 4 da C.2. Alguns exemplares (fig. 8, n.º 3 e 9) desta variante fazem lembrar a **forma 4.3.2** (variante 3.2 da **taça carenada**).

Variante 2 (**forma 3.2**) : 7 exemplares, fig. 8, n.º 8, 13 e 14), 6 da superfície e 1 de C.2. Esta variante aproxima-se em alguns casos do **prato de bordo almendrado (forma 2)**, o que é especialmente nítido em 2 exemplares, um deles representado na fig. 8, n.º 8.

26 exemplares não foram incluídos em nenhuma destas variantes (fig. 8, n.º 6, 7 e 12).

Além do característico espessamento interno, o bordo de 7 exemplares apresenta um marcado espessamento externo arredondado (fig. 8, n.º 5 e 6).

Furos de suspensão transversais à parede do vaso, cilíndricos ou bicónicos, em 4 exemplares (em 3, situam-se entre 25 e 35 mm. abaixo do lábio ; em 1, foi aberto imediatamente abaixo do lábio, atravessando o espessamento do bordo). (Fig. 8, n.º 13 e 14).

(4) Taça carenada (figs. 9 e 10).

126 exemplares (37,95%) : 115 da superfície, 3 da C.1 e 8 da C.2.

Valores observados : **Ip'** entre 10 e 40 ; **lhc** entre 13 e 93 ; **lip** entre 73 e 110 ; **lcf** entre 4 e 35 ; **Dbe** de 165 a 520 mm. ; **Dc** de 180 a 560 mm. ; **H** de 40 a 210 mm. ; **Hc** de 15 a 195 mm. ; **Hp** de 10 a 45 mm. ; **e** de 5 a 19 mm..

Variante 1 (**forma 4.1**) : 3 exemplares, todos da superfície. (Fig. 9, n.º 1).

Variante 2 (**forma 4.2**) : 47 exemplares (fig. 9, n.º 2-8), 41 da superfície, 1 da C.1 e 5 da C.2.

34 exemplares pertencem à **forma 4.2.1** (fig. 9, n.º 2-5) e 13 à **forma 4.2.2** (fig. 9, n.º 6-8).

Variante 3 (**forma 4.3**) : 47 exemplares, (fig. 9, n.º 9 e 10 e fig. 10, n.º 1-7 e 9-11), 45 da superfície e 2 da C.2 ; 15 exemplares integram-se na **forma 4.3.1** (fig. 9, n.º 9 e 10 e fig. 10, n.º 1 e 2), 28 na **forma 4.3.2** (fig. 10, n.º 3-7 e 9-11) e 4 pertencem a uma sub-variante indeterminada (fig. 10, n.º 8).

Alguns exemplares da **forma 4.3.2**, com a parede muito baixa e muito inclinada para o interior (fig. 10, n.º 4-7), lembram a **taça larga de bordo espessado internamente (forma 3.1)**.

Variante 4 (**forma 4.4**) : 6 exemplares, todos da superfície. (Fig. 10, n.º 12 e 13).

Além dos exemplares distribuídos pelas variantes referidas, possuímos ainda 23 exemplares de variante indeterminada (20 da superfície, 2 da C.1 e 1 da C.2).

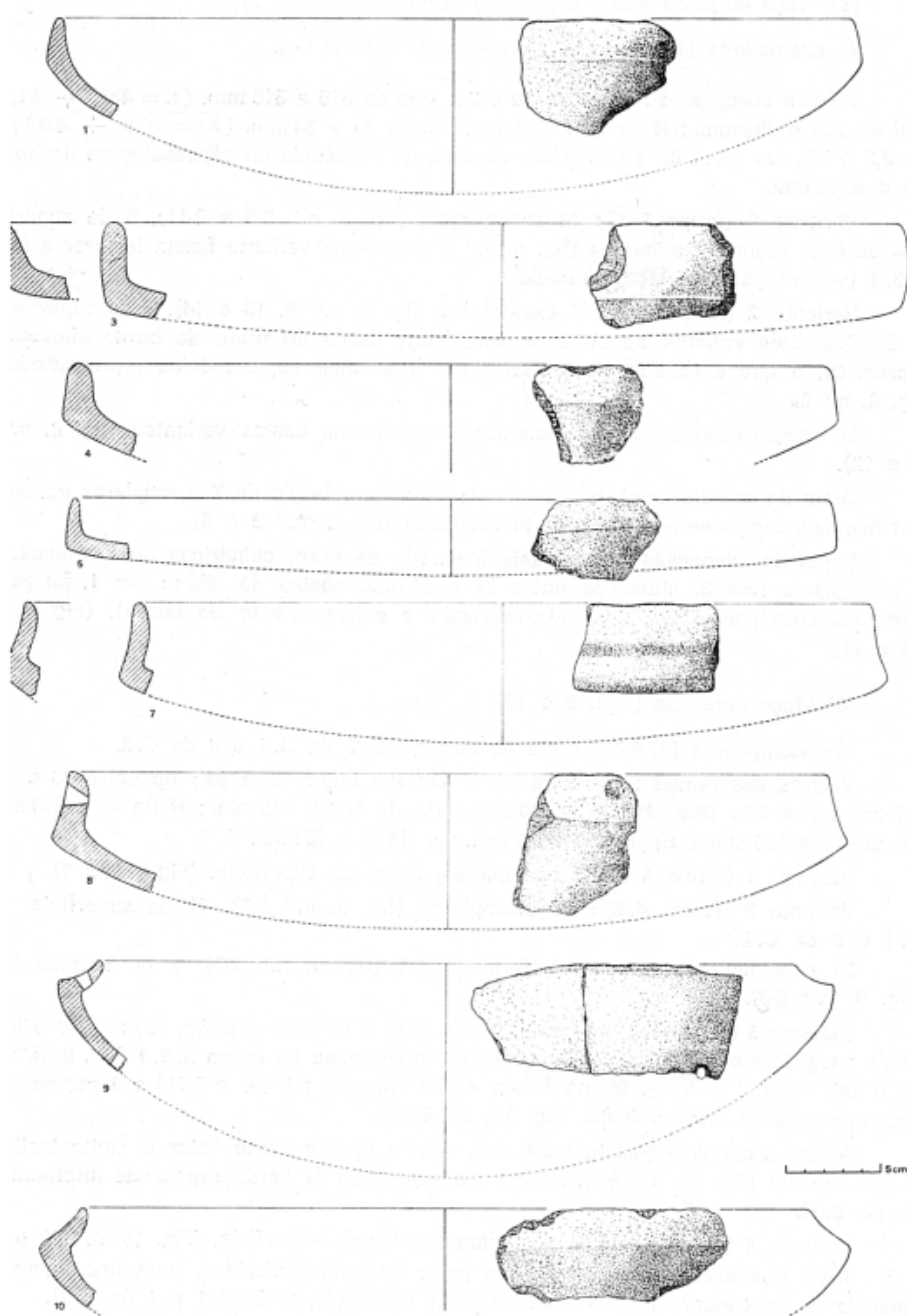


Fig. 9 — Cabeço da Mina. Cerâmica :forma 4 (1 — CM/46, 2 — CM/92, 3 — CM/335, 4 — CM/201, 5 — CM/137, 6 — CM/58, 7 — CM/61, 8 — CM/83, 9 — CM/118 e 10 — CM/59). Red. 1/4.

Quadro V — Cabeço da Mina. Valores observados nas variantes da **forma 4**

	lp'	lhc	lip	lcf	Dbe (mm.)	Dc (mm.)	H (mm.)	Hc (mm.)	Hp (mm.)	e (mm.)
4.1	21	72	97-100	15	350-420	350-430	90	65	25	8-12
4.2	10-20	13-54	92-109	4-11	430-450*	210-470**	40-80	15-43	25-45	7-15
			* ($\bar{X} = 382,2 \pm 37,6$) ** ($\bar{X} = 393,6 \pm 43,44$)							
4.3	22-40	62-93	73-96***	17-35	165-520	180-560	55-210	40-195	10-25	5-15
			*** ($\bar{X} = 87,7 \pm 5,43$)							
4.4	24-33	58-81	97-110	6-11	250-500	230-470	60-130	35-105	25	8-19

Algumas taças carenadas apresentam furos (de suspensão?), inclusivamente no fundo. Assim, 1 exemplar da **forma 4.2.2** tem um furo tronco-cónico que atravessa transversalmente a parede 20 mm. acima da carena e 5 mm. abaixo do lábio (fig. 9, n.º 8); um outro, da **forma 4.3**, possui um furo tronco-cónico, atravessando transversalmente a parede 30 mm. abaixo da carena (fig. 10, n.º 10); finalmente, um terceiro, também da **forma 4.3**, apresenta dois furos sub-cilíndricos, um, na parede, 10 mm. acima da carena e outro, no fundo, 50 mm. abaixo da carena (fig. 9, n.º 9).

(5) Taça em calote (fig. 10).

48 exemplares (14,45%): 41 da superfície, 1 da C.1 e 5 da C.2.

Valores observados: **lp'** entre 32 e 57; **Dbe** de 135 a 380 mm.; **H** de 60 a 190 mm.; **e** de 6 a 13 mm..

Nenhum bordo apresenta espessamento; o lábio é convexo em 39 exemplares e aplanado apenas em 9. Só muito excepcionalmente o bordo se inflecte, mas sempre ligeiramente, quer para o exterior (3 exemplares), quer para o interior (2 exemplares); em geral é recto, ainda que frequentemente inclinado para o exterior.

(6) Vaso de corpo alto e bordo extrovertido (fig. 11).

4 exemplares (1,20%), todos da superfície.

Valores observados: **Dbe** de 330 a 385 mm.; **Dbi** de 310 a 330 mm.; **lb** de 10 a 23 mm.; **llb** entre 3 e 6; **e** de 8 a 14 mm..

(7) Esférico (fig. 11).

86 exemplares (25,90%): 79 da superfície, 1 da C.1 e 6 da C.2.

Valores observados: **lp''** entre 60 e 82 (distinguem-se dois sub-grupos: um baixo e largo com valores entre 60 e 73, e outro alto, em «saco», cujo índice é superior a 80); **lab** entre 77 e 98, em geral maior que 90; **Dbe** de 150 a 390 mm.; **Dbi** de 140 a 380 mm.; **Dp (Dmx)** de 170 a 400 m.; **H** de 125 a 260 mm.; **e** de 7 a 16 mm..

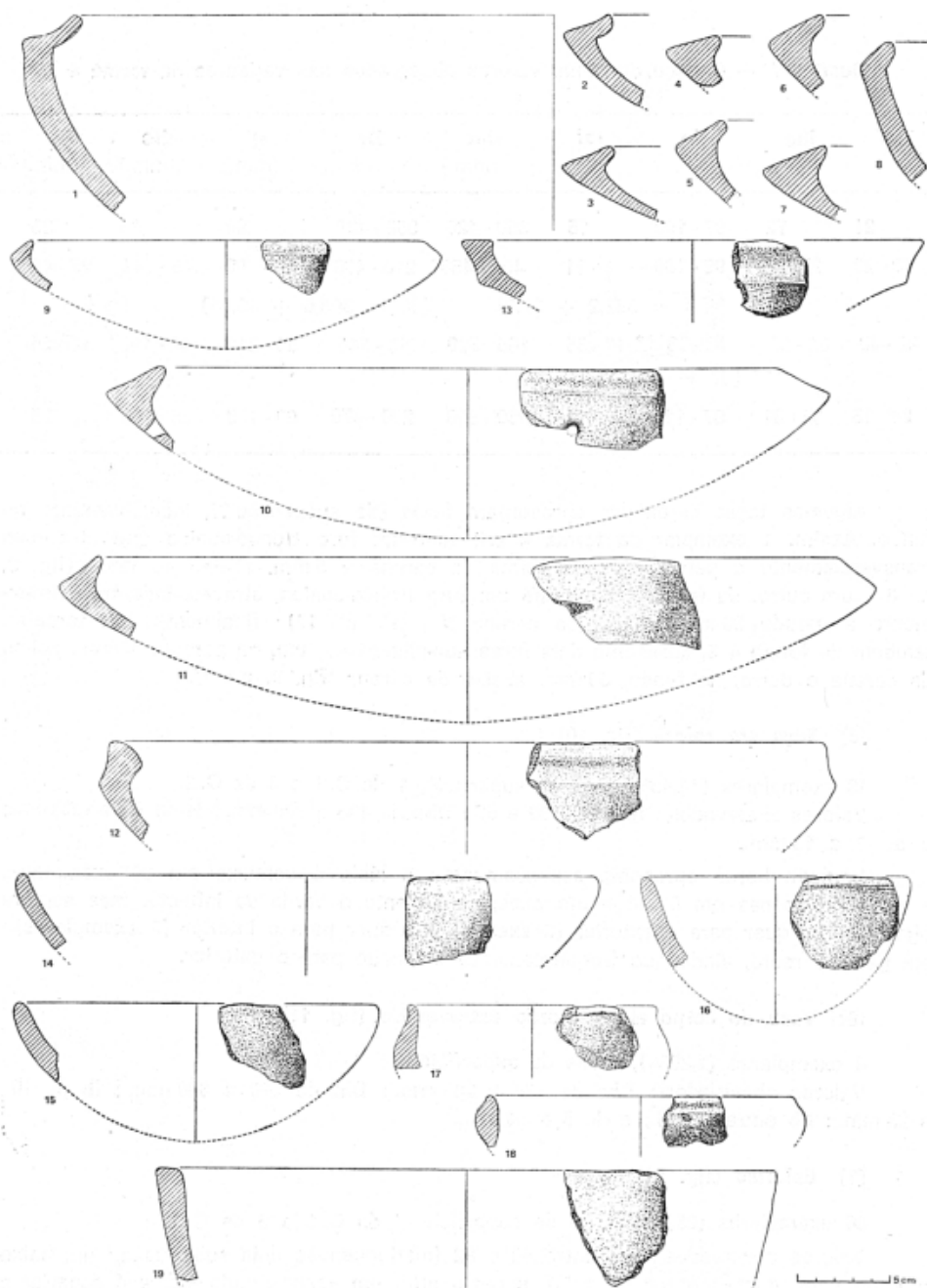


Fig. 10 — Cabeço da Mina. Cerâmica : **forma 4** (1 — CM/107, 2 — CM/218, 3 — CM/392, 4 — CM/261, 5 — CM/232, 6 — CM/90, 7 — CM/221, 8 — CM/219, 9 — CM/291, 10 — CM/55, 11 — CM/91, 12 — CM/436 e 13 — CM/443) e **forma 5** (14 — CM/486, 15 — CM/529, 16 — CM/94, 17 — CM/380, 18 — CM/382 e 19 — CM/110). Red. 1/4.

Os bordos são quase sempre direitos, sem espessamento (77 exemplares) e de lábio convexo — fig. 11, n.º 3-8 (somente 4 exemplares possuem o lábio aplanado — fig. 11, n.º 9). Em 9 exemplares é ligeiramente extrovertido e (ou) possui um tênue espessamento externo (fig. 11, n.º 10-13).

Alguns **esféricos** poderiam ser suspensos: 1 fragmento é atravessado por um furo tronco-cônico, situado 50 mm. abaixo do lábio e 20 mm. abaixo de um mamilo alongado segundo a horizontal (fig. 11, n.º 7).

Mais frequentes são os mamilos de preensão (34 fragmentos com bordo — 39%), situados a curta distância do lábio (entre 3 e 20 mm, $\bar{X} = 9,4 \pm 4,14$) ou mesmo sobre o próprio lábio (1 exemplar) e que surgem em três grupos morfológicos distintos (Quadro VI):

- 1 — Alongados (segundo a horizontal) e baixos: 3 exemplares (fig. 11, n.º 7).
- 2 — Alongados (segundo a horizontal) e altos: 15 exemplares (fig. 11, n.º 8 e 13)
- 3 — Curtos e altos, sub-cônicos: 6 exemplares (fig. 11 n.º 10 e 12).

Quadro VI — Cabeço da Mina. Mamilos.

	L	h x 100	L	l	h
	l	L	(mm.)	(mm.)	(mm.)
1	2,8-3,4	13,7-27	31-58	5-12	5-12
2	1,8-3,4	32,2-52,6	25-45	9-20	10-20
3	1,1-1,7	50-65	17-27	12-23	9-15

(8) Pequeno esférico (fig. 11).

1 exemplar (0,30%), da superfície.

Valores observados: **lp** = 69; **lab** = 87; **Dbe** = 95 mm.; **Dbi** = 90 mm.; **Dp** (Dmx) = 108 mm.; **H** = 75 mm.; **e** = 7 mm..

Bordo sem espessamento e sem qualquer inflexão; lábio convexo.

(9) Globular (fig. 11).

5 exemplares (1,5%): 2 da superfície e 3 da C.2.

Valores observados: **lab** entre 66 e 60; **Dbe** de 180 a 240 mm.; **Dbi** de 170 a 230 mm.; **Dp** de 300 a 360 mm.; **H** de 220 a 250 mm.; **e** de 7 a 10 mm..

Presença de um furo tronco-cônico transversal à parede e situado 15 mm. abaixo do lábio (fig. 11, n.º 16).

(10) «Pote» (fig. 11).

10 exemplares (3,01%), todos da superfície.

Valores observados: **Dbi** de 160 a 360 mm.; **e** de 9 a 15 mm..

Os bordos apresentam-se ou com ligeiro espessamento convexo no exterior e

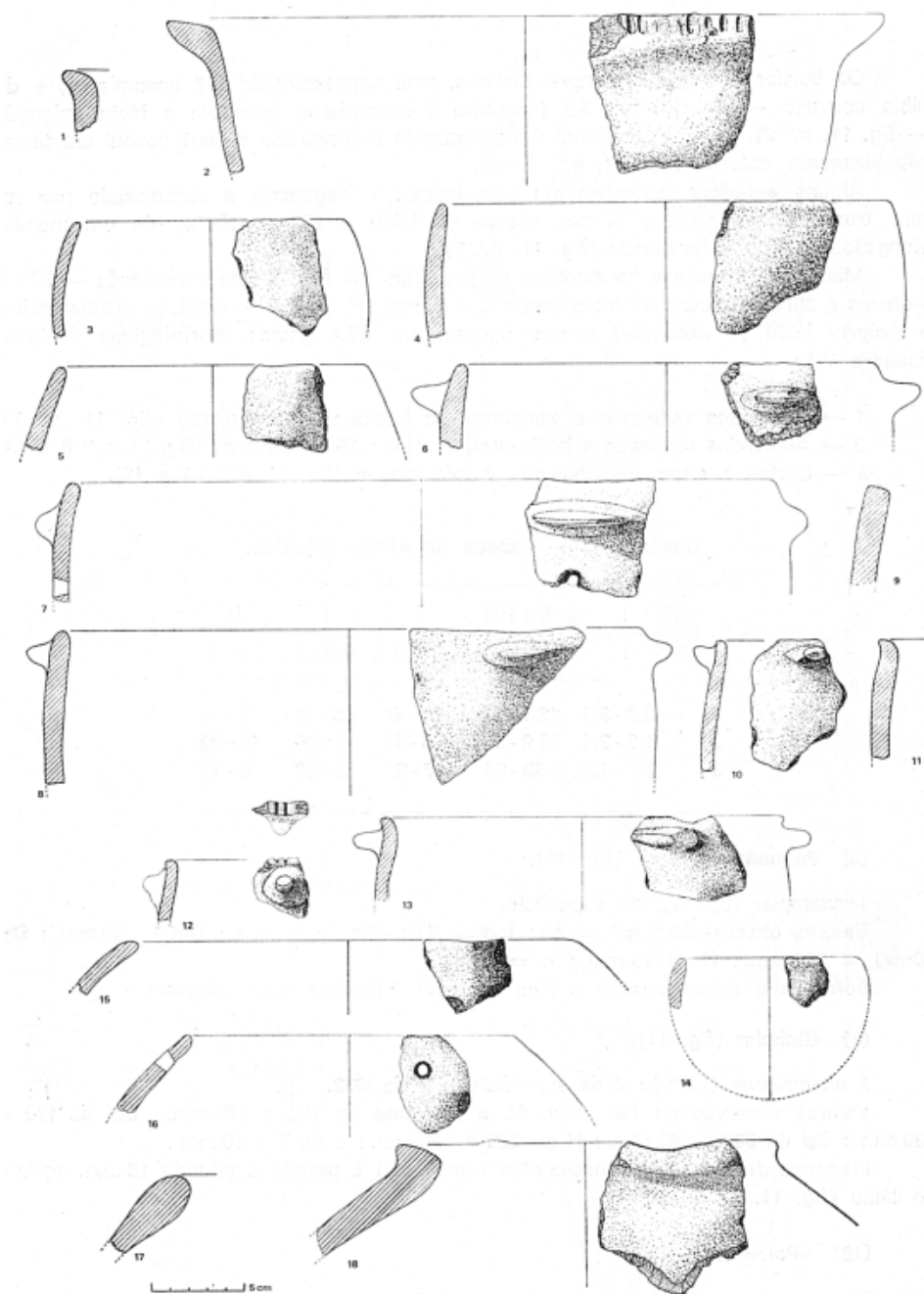


Fig. 11 — Cabeço da Mina. Cerâmica: forma 6 (1 — CM/470 e 2 — CM/81), forma 7 (3 — CM/131, 4 — CM/336, 5 — CM/173, 6 — CM/230, 7 — CM/123, 8 — CM/368, 9 — CM/245, 10 — CM/141, 11 — CM/133, 12 — CM/408, 13 — CM/502), forma 8 (14 — CM/308), forma 9 (15 — CM/544 e 16 — CM/280) e forma 10 (17 — CM/236 e 18 — CM/423). Red. 1/4.

no interior (2 exemplares — fig. 11, n.º 17), ou com acentuado espessamento externo, de secção triangular ou sub-triangular (8 exemplares — fig. 11, n.º 18).

CERÂMICA. DIVERSOS

Colheres (fig. 12).

2 exemplares fragmentados, achados à superfície. Ambos de cabo horizontal. Um de concha profunda (prof. 22 mm.) e contorno ligeiramente ovoide (90 x 80 mm.; esp. da parede 8 mm.; esp. do fundo 15 mm.); cabo de secção sub-circular (compr. 70 mm.; larg. 20-25 mm.; esp. 20-22 mm.). Outro de concha achatada e contorno marcadamente oval (70x50 mm.; esp. da parede 5 mm.; esp. do fundo 4 mm.; prof. 8 mm.); cabo mais curto e de secção igualmente sub-circular (compr. 25 mm.; larg. 10-15 mm.; esp. 8-14 mm.).

Pasta de um modo geral compacta e com abundantes e.n.p. (feldspato, biotite, Superfície acastanhada; o segundo exemplar possui, em secção, uma zona intermédia cinzento-esverdeada clara.

Cadinho de fundição (?)

1 fragmento encontrado à superfície mostra uma cor (cinzento-azulada — 5 B 6/1) e uma pasta (vesicular) que fazem lembrar as dos cadinhos de fundição dos povoados calcolíticos da Estremadura.

«Pesos de tear» (fig. 12).

25 exemplares, paralelepípedicos, de arestas e cantos por vezes boleados, todos fragmentados: 20 da superfície, 1 da C. 1 e 4 da C. 2. Em 7 (6 da superfície e 1 da C. 1) é evidente a existência de um único furo em cada topo; 2 (1 da C. 2) apresentam dois furos em cada topo. Os furos são cilíndricos, por vezes a tender para bicónicos (em alguns casos é visível uma deformação provocada provavelmente pela acção do fio); os seus diâmetros variam entre 4 e 14 mm..

Pasta de um modo geral compacta e com abundantes e.n.p. (quartzo, biotite, moscovite) frequentemente superiores a 1 mm. 4 exemplares com pasta pouco compacta.

Em 11, a pasta é totalmente avermelhada (2.5 YR 4/6, p. ex.), acastanhada (5 YR 4/6, p. ex.) e/ou amarelada (10 YR 6/4) — ambiente de cozedura oxidante; em 10, avermelhada ou amarelada na superfície e acinzentada na alma — ambiente de cozedura redutor-oxidante; em 4, totalmente acinzentada — cozedura redutora.

Comprimento indeterminado em todos os exemplares; larg. compreendida entre 22 e 56 mm. ($\bar{X} = 35,05 \pm 8,58$); e de 10 a 24 mm. ($\bar{X} = 14,68 \pm 3,22$); $\frac{e}{l}$ de 0,3 a 0,6, em geral de 0,4.

Cossoiros (fig. 12).

2 fragmentos (1 da superfície e 1 da C. 2) possivelmente de cossoiros; secção bi-convexa com furo sub-cilíndrico.

Pasta compacta, o da superf. com escassos e.n.p. maiores que 1 mm. e o da C. 2 com abundantes e.n.p. maiores que 1 mm.. Cor totalmente acastanhada e avermelhada.

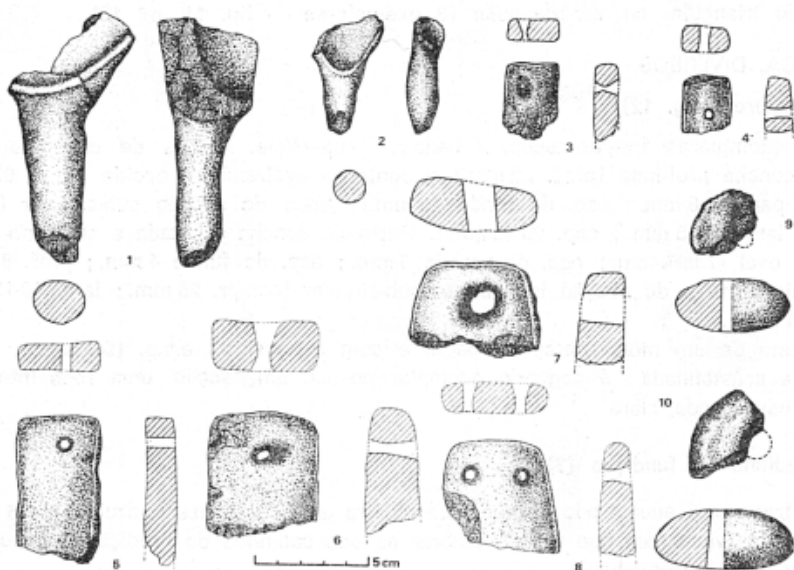


Fig. 12 — Cabeço da Mina. Cerâmica: colheres (1 — CM/375 e 2 — CM/476), «pesos de tear» (3 — CM/451, 4 — CM/329, 5 — CM/115, 6 — CM/509, 7 — CM/254 e 8 — CM/404) e cossoiros (9 — CM/546 e 10 — CM/150). Red. 1/3.

Dimensões do menor (o da C.2): diâmetro aproximado 40 mm.; esp. 22 mm..
Dimensões do maior: diâmetro aproximado 55 mm.; esp. 25 mm..

VALE PINCEL II (SINES)

LOCALIZAÇÃO

Base da encosta Sul do maciço dos Chãos de Sines, entre as cotas de 35 e 45 m.; abrange uma vasta área, sensivelmente plana e sem condições naturais de defesa, com cerca de 400 m. (segundo a direcção E.—W.) por cerca de 200 m. (segundo a direcção N.—S.), atravessada por uma importante linha de água que, descendo de N.NW. para S.SE., a divide em duas zonas (A e B) de dimensões aproximadamente iguais, e limitada a Este e a Oeste por duas outras linhas de água. (Fig.^s 13 e 14).

O centro da estação arqueológica localiza-se a cerca de 2,5 km. (em linha recta) para SE da vila de Sines (a cujo concelho e freguesia pertence — Distrito de Setúbal), a 300 m. para SE. do Monte de Vale Pincel e é definido, na quadrícula hectométrica do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa (10), pelas coordenadas:

(10) Ver nota 6.

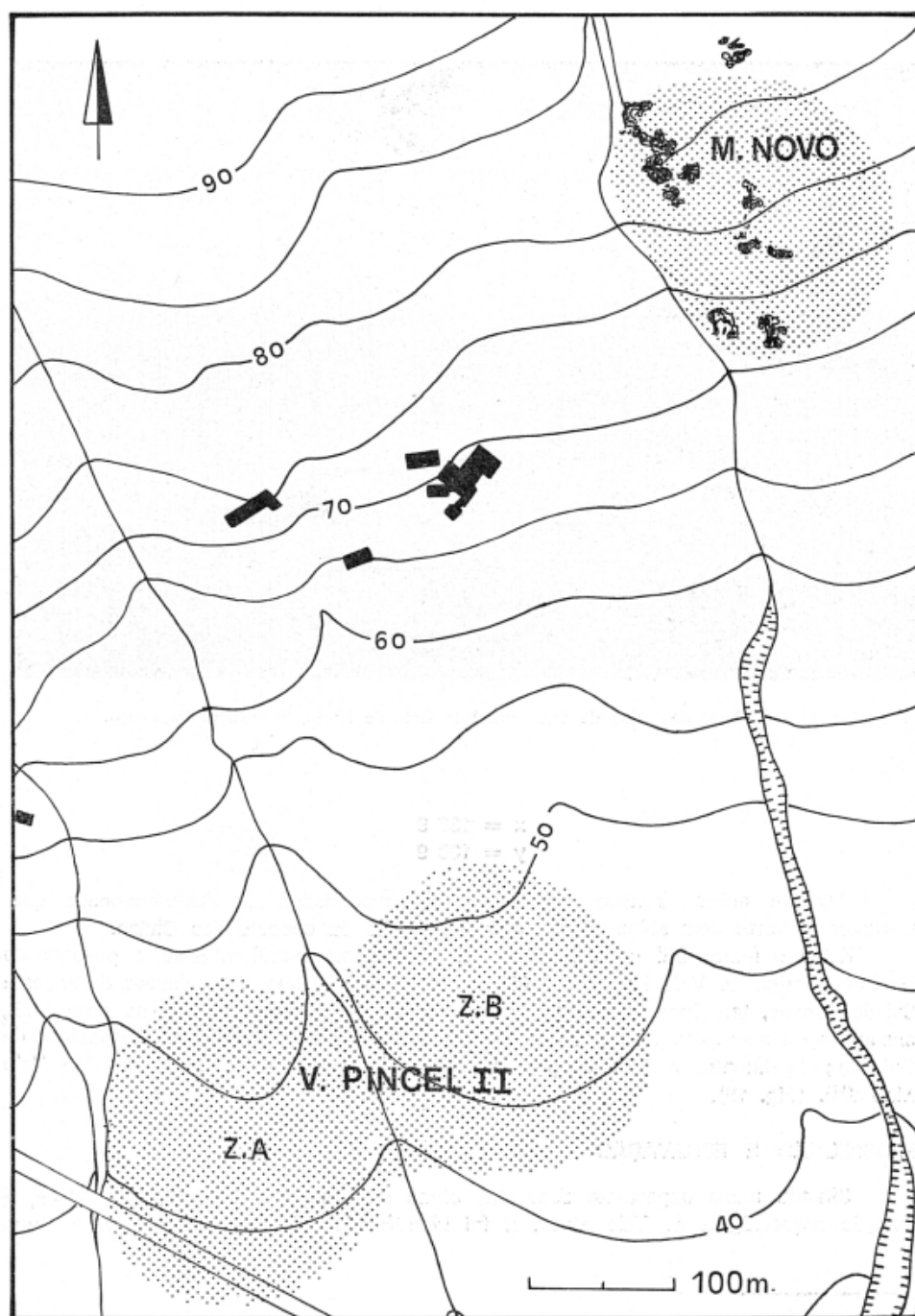


Fig. 13 — Localização dos povoados de Vale Píncel II e de Monte Novo na carta de 1:5 000.

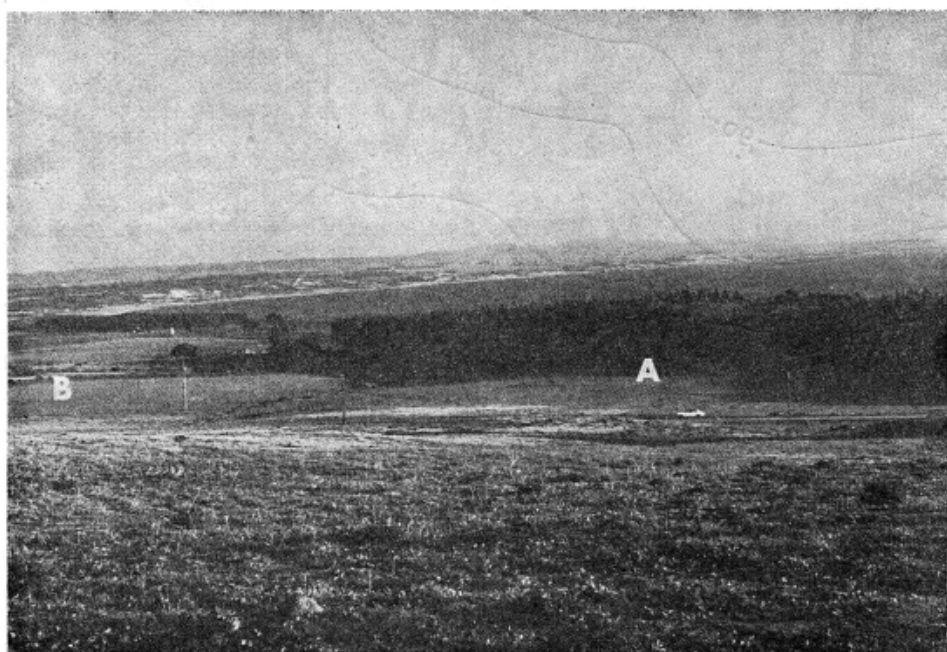


Fig. 14 — O local da jazida de Vale Pincel II visto de Norte, da encosta dos Chãos.

x = 137 9

y = 108 9

Assenta sobre arenitos argilosos mal consolidados do Plio-pleistoceno que confinam a Norte com solos de alteração de diorito da encosta dos Chãos.

Entre o limite Sul de Vale Pincel II e a falésia litoral situa-se o povoado do Neolítico antigo de Vale Pincel I; a 600 m. para N.NE., numa zona elevada da encosta Sul dos Chãos, tem lugar o povoado calcolítico de Monte Novo; a 600 m. para E.NE., encontra-se a necrópole e o povoado da Idade do Bronze («Bronze do Sudoeste») da Quitéria; finalmente, a 1800 m. para SE., descobriu-se a jazida mesolítica de Vale Marim⁽¹¹⁾. (Fig. 15).

PROSPECÇÃO E ESCAVAÇÃO

Situada numa importante zona das obras do complexo industrial de Sines, a estação arqueológica de Vale Pincel II foi identificada pelos autores em 12 de Outu-

(11) Descobertas e escavações arqueológicas dos autores através do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

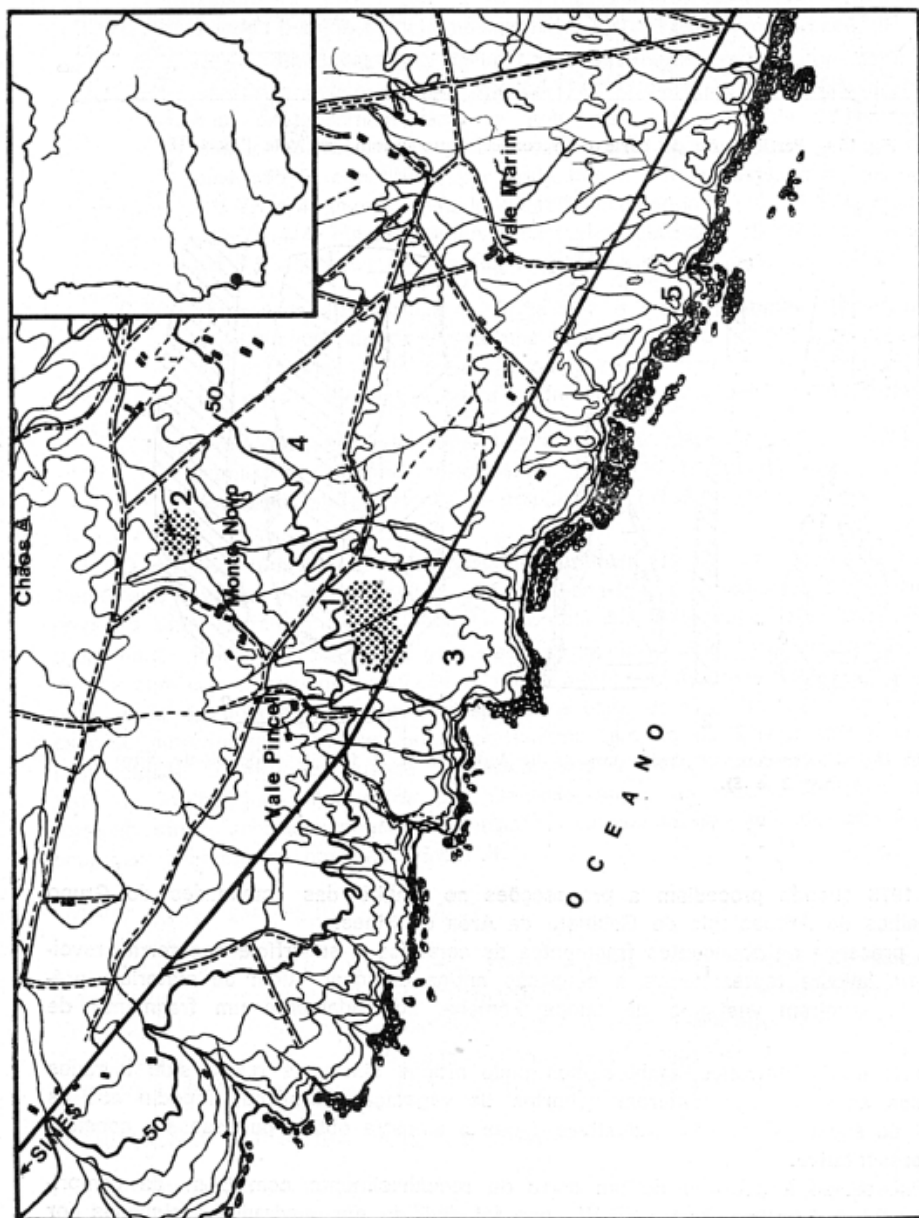


Fig. 15 — Localização de Vale Píncel II (1) e de Monte Novo (2) na carta de 1 : 25 000. Indicam-se outras jazidas identificadas na área abrangida : 3 — povoado do Neolítico antigo de Vale Píncel I ; 4 — povoado e necrópole do «Bronze do Sudoeste» da Quitéria ; 5 — jazida megalítica de Vale Marim.

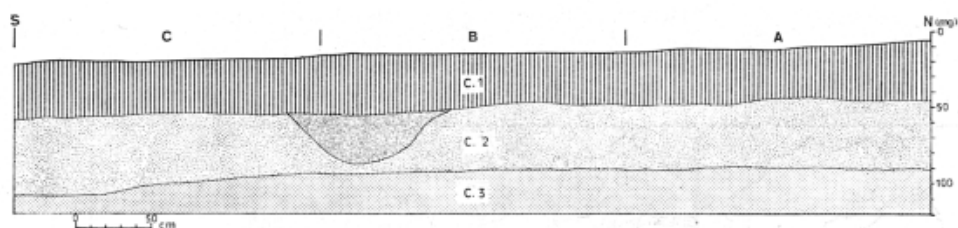


Fig. 16 — Perfil Norte do corte de reconhecimento aberto em Vale Pincel II.

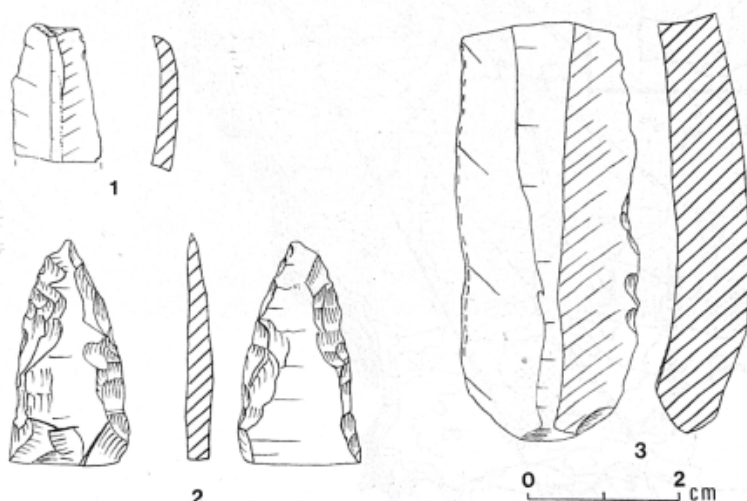


Fig. 17 — Utensilagem em pedra lascada de Vale Pincel II (n.º 1) e de Monte Novo (n.ºs 2 e 3).

bro de 1976 quando procediam a prospecções no âmbito das actividades do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

A presença de abundantes fragmentos de cerâmica à superfície das terras revolvidas pela lavoura testemunhava a ocupação antiga do local. Além de materiais pré-históricos, surgiram vestígios da Época Romana, nomeadamente um fragmento de tegula.

O facto dos terrenos, embora mostrando nítidos sinais de terem sido lavrados há poucos anos, se apresentarem cobertos de vegetação herbácea, impediu que as recolhas de superfície fossem exaustivas e que a amostra obtida pudesse ser considerada representativa.

Procedeu-se à abertura de um corte de reconhecimento com 6 m. de comprimento (N.-S.) e 2 m. de largura (E.-W.) que foi dividido em quadrados designados por

letras, de Norte para Sul. Observou-se a seguinte sucessão estratigráfica (de cima para baixo) (fig.16):

- C.1 — Espessura de 0,30/0,40 m.. Areia fina e média castanho-escuro (10 YR 4/3) quando húmida e castanho-amarelado (10 YR 5/4) quando seco. pH 5,5. Com raízes. Revolvida pela lavoura. Numerosos fragmentos de cerâmica pré-histórica pouco ou não rolados. Pedras partidas por acção do fogo. Na base desta camada forma-se uma bolsa com cerca de 0,70 m. de profundidade que atravessa a C.2 nos quadrados B e C e atinge a C.3 no quadrado B, constituída por areia fina e média castanho-amarelado escuro (10 YR 4/4) quando húmida e castanho-amarelado (10 YR 5/4) quando seco (10 YR 4/4) quando húmida e castanho-amarelado (10 YR 5/4) quando seco. pH 5,5. Forneceu abundantes fragmentos de cerâmica não rolados.
- C.2 — Espessura de 0,40/0,50 m. Areia fina e média castanho-amarelado (10 YR 5/4) quando húmida e castanho-amarelado claro (10 YR 6/4) quando seco. pH 6. Menor quantidade de cerâmica do que na C.1; o número de fragmentos decresce com a profundidade, diminuindo na base da camada.
- C.3 — Areia fina e média amarelo-avermelhado claro (7.5 YR 6-7/6) quando húmida e castanha muito pálida (10 YR 7/4) quando seco. Faz parte da formação plio-pleistocénica sub-jacente. pH 6.

O elevado número de fragmentos de cerâmica da C.1 bem como o fraco rolamento que revelam parecem indicar que esta camada, ou melhor, a sua base corresponde a uma «permanência de habitat» (Bordes, F., 1975) cujas estruturas se encontram muito destruídas sobretudo por acção da lavoura. Pelo contrário, a identificação da C.2 com um estrato de ocupação é, neste momento, muito problemática. Perturbada pela acção da população a que corresponde a base da C.1 (bolsa do quadrado B), o escasso material que oferece, (aliás do mesmo tipo do da C.1) e que decresce em profundidade (restringe-se quase exclusivamente à parte superior), pode ter resultado de infiltrações oriundas da C.1. Contudo, antes de escavações mais extensas, torna-se muito arriscado negar ou afirmar a existência de mais de um período de ocupação pré-histórica em Vale Pínel II.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

Muito escassa, a indústria em pedra lascada está representada somente por 1 testemunho: fragmento distal de uma lamela em sílex castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2) com retoque na extremidade distal e com possíveis traços de utilização («faquinha») no bordo direito; secção transversal trapezoidal; secção longitudinal arqueada; dimensões actuais 18x11,5x2,5 mm.; e/l = 0,2; C.1a. (Fig. 17, n.º 1).

UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA/PICOTADA

4 enxós em pedra polida de cor cinzenta clara (N7) e cinzento-esverdeada clara (5 GY 5/1), 3 recolhidas à superfície e 1 proveniente da C.1a. Flancos e bordos incom-

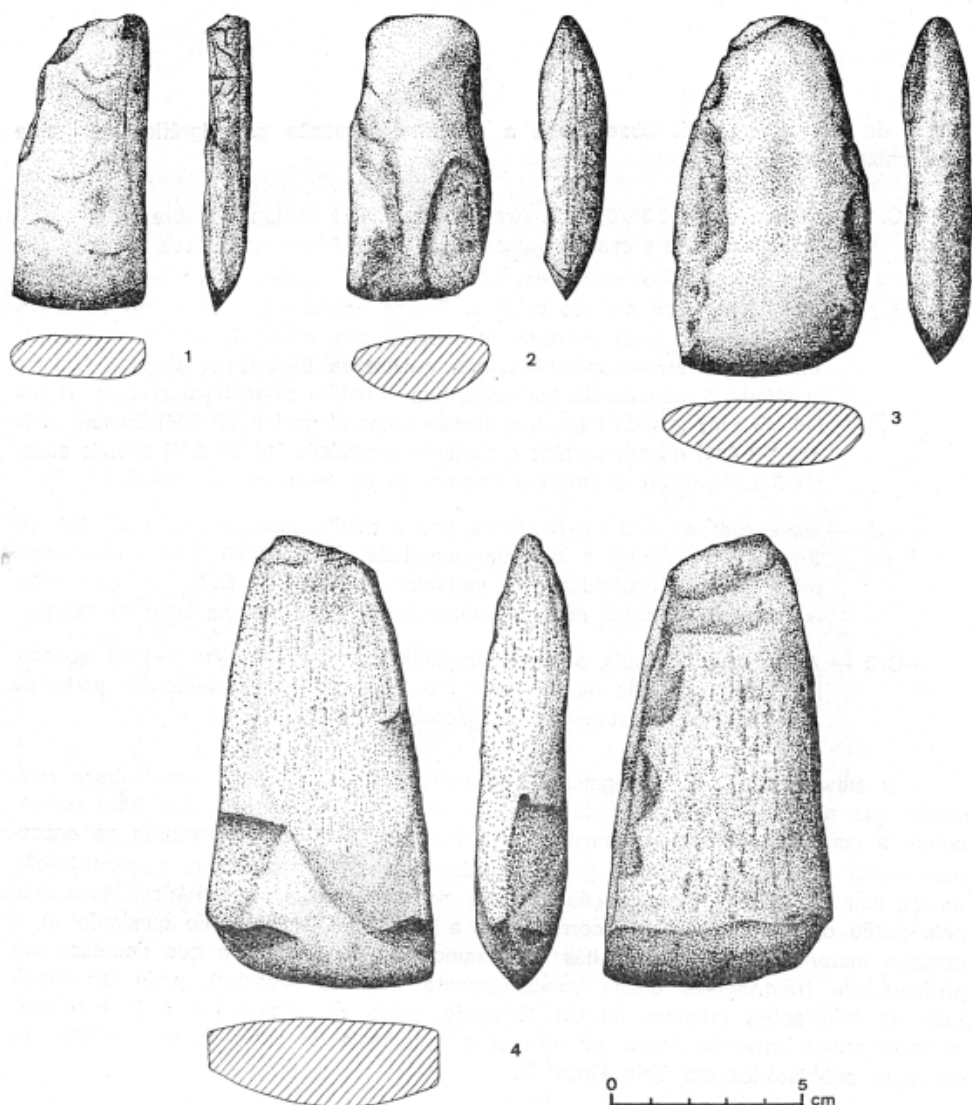


Fig. 18 — Vale Pínel II. Utensilagem em pedra polida (1 — VP11/301, 2 — VP11/13, 3 — VP11/27 e 4 — VP11/2).

pletamente polidos em todas as peças. Gumes afiados, de perfil em bisel simples (1 ex.) e em duplo bisel (3 ex.s): convexo assimétrico (1 ex.) e plano-convexo (2 ex.s). Secção transversal rectangular (2 ex.s) e plano-convexa (2 ex.s). 79x35x12; 75x36x17; 94x51x18; 120x61x23 mm. $L/l = 2,2; 2,0; 1,8; 1,9$. $l/e = 2,9; 2,1; 2,8; 2,6$. $L/e = 6,5; 4,4; 5,2; 5,2$. Ângulo do gume: 65°; 70°; 75°; 80°. Peso: 59,84 gr.; 67,14 gr.; 142,71 gr.; 291,94 gr. (Fig. 18).

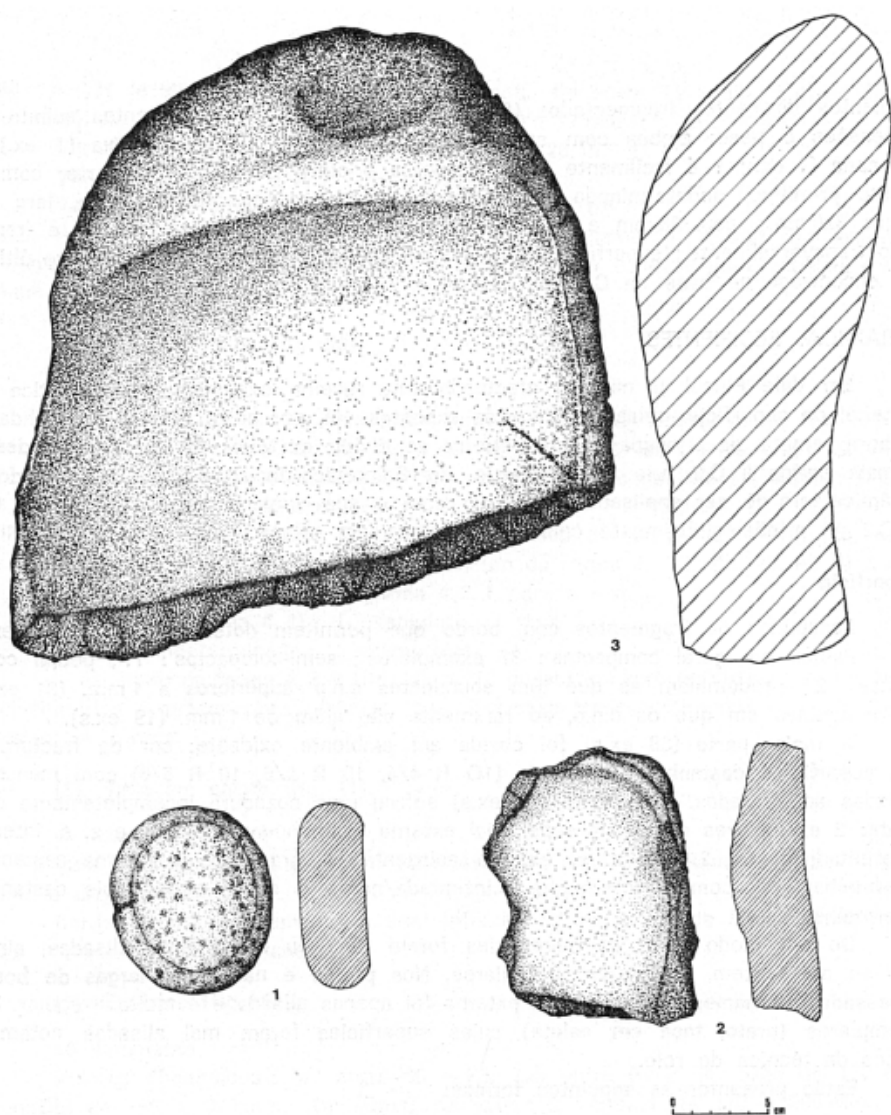


Fig. 19 — Vale Pínel II. Elementos de mó: elemento movente (1 — VP11/81) e elementos dormentes (2 — VP11/26 e 3 — VP11/593).

5 elementos de mós: 4 em gabros possivelmente do maciço dos Chãos, de cor cinzento-esverdeada clara (5 Y 6/1) e cinzenta clara (N7); 1 em grés castanho-amarelado médio (10 YR 5/4). 2 exemplares são elementos moventes executados a partir de calhaus rolados: 1 muito fragmentado com superfície activa ligeiramente convexa; outro, completo, de contorno oval e bastante achatado, com a superfície activa plana, possui 100x85x37 mm. e pesa 463,65 gr., (fig. 19, n.º 1). 2 exemplares são

elementos dormentes fragmentados (fig. 19, n.ºs 2 e 3), muito diferentes quanto às dimensões e peso; ambos com superfície activa côncava; base convexa (1 ex.) e aplanada (1 ex.); 1 é facilmente transportável e o outro de difícil transporte; comprimento primitivo indeterminado em ambos; larg. do menor indeterminada, larg. do maior 320 mm.; esp. 38 mm e 125 mm. O quinto exemplar é indeterminado e fracturado transversalmente; superfície activa plana; larg. 160 mm.; esp. 97 mm.. Este último foi encontrado na base da C.1; os restantes, à superfície.

CERÂMICA. RECIPIENTES

Em Vale Pínel II não foi efectuada uma recolha exaustiva e sistemática de material de superfície, pelas razões atrás expostas. Há, por outro lado, a possibilidade, embora remota, de a ocupação pré-histórica se dividir em duas fases, correspondendo a mais antiga à C.2 e a mais recente, do Calcolítico inicial, à C.1. Deste modo, a cerâmica terá de ser analisada de acordo com a sua proveniência — superfície, C.1 e C.2 — e não globalmente como procedemos em relação à do Cabeço da Mina.

Superfície

Possuímos 50 fragmentos com bordo que permitem determinar a forma geral.

Pastas em geral compactas: 37 exemplares; semi-compactas: 11; pouco compactas: 2; predominam as que têm abundantes e.n.p. superiores a 1 mm. (31 ex.s) sobre aquelas em que os e.n.p. só raramente vão além de 1 mm. (19 ex.s).

A maior parte (38 ex.s) foi cozida em ambiente oxidante: cor da fractura e das superfícies castanho-avermelhada (10 R 4/4, 10 R 4/6, 10 R 5/6) com manchas isoladas acinzentadas. A restante (12 ex.s) sofreu uma cozedura incompletamente oxidante: 2 exemplares com zona superficial externa castanho-avermelhada e z. s. interna acinzentada/negra; 2 com z. s. externa acinzentada/negra e z. s. interna castanho-avermelhada; 8 com z. intermédia acinzentada/negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas.

De um modo geral as superfícies foram bem ou muito bem alisadas, ainda que se apresentem, por vezes, irregulares. Nos **pratos** e nas **taças largas de bordo espessado internamente** a superfície externa foi apenas alisada e é muito irregular. Em exemplares (**prato, taça em calote**) cujas superfícies foram mal alisadas notam-se traços da técnica do rolo.

Estão presentes as seguintes formas:

(1) Prato de bordo não espessado (fig. 20, n.º 1)

2 exemplares; bordo ligeiramente extrovertido, com perfil em S (**forma 1.3**) a tender para o do **prato de bordo almendrado**.

Valores observados: $Ip' = 10$; **Dbe** de 370 a 390 mm.; **H** = 40 mm.; e de 13 a 14 mm..

(3) Taça larga de bordo espessado internamente (fig. 20).

14 exemplares.

Valores observados: Ip' entre 26 e 29; **Dbe** de 340 a 380 mm.; **Dbi** de 300 a

340 mm.; **H** de 90 a 110 mm.; **lb** de 14 a 27 mm.; **llb** entre 5,2 e 5,3; **e** (fora da zona de influência do espessamento do bordo) de 10 a 17 mm..

Variante 1 (forma 3.1): 5 exemplares. (Fig. 20, n.º 2).

Variante 2 (forma 3.2): 3 exemplares.

Variante indeterminada: 6 exemplares (Fig. 20, n.º 3).

Alguns exemplares apresentam, além do espessamento interno, um acentuado espessamento externo arredondado. Em 5 exemplares o espessamento interno é muito ténue (fig. 20, n.º 3).

(4) Taça carenada (fig. 20).

7 exemplares.

Valores observados: **lp'** entre 11 (forma 4.2) e 25 (forma 4.3); **lhc** entre 28 (forma 4.2) e 77 (forma 4.3); **lip** entre 93 (forma 4.3) e 103 (forma 4.2); **lcf** entre 3 (forma 4.2) e 18 (forma 4.3); **Dbe** de 310 a 440 mm.; **Dc** de 300 a 470 mm.; **H** de 35 a 110 mm.; **Hc** de 10 a 85 mm.; **Hp** = 25 mm.; **e** de 7 a 15 mm..

Variante 2 (forma 4.2): 2 exemplares, ambos da forma 4.2.1 (fig. 20, n.º 7).

Variante 3 (forma 4.3): 2 exemplares, um da forma 4.3.2 (fig. 20, n.º 9) e outro que parece estar na transição da forma 4.3.1 para a 4.3.2.

Variante 4 (forma 4.4): 1 exemplar.

Variante indeterminada: 2 exemplares.

1 exemplar da forma 4.3.2 (fig. 20, n.º 9) possui um furo de suspensão, de secção sub-cilíndrica a tender para biconica, que atravessa transversalmente o fundo 20 mm. abaixo da carena.

(5) Taça em calote (fig. 21).

11 exemplares.

Valores observados: **lp'** entre 39 e 41; **Dbe** de 170 a 370 mm.; **H** de 75 a 150 mm.; **e** de 7 a 15 mm..

Bordos sem espessamento e sem inflexão e, em geral, de lábio convexo; apenas 1 possui o lábio aplanado.

(7) Esférico (fig. 22).

16 exemplares.

Valores observados: **lp''** entre 65 e 75; **lab** entre 84 e 94; **Dbe** de 170 a 330 mm.; **Dbi** de 160 a 320 mm.; **Dp (Dmx)** de 250 a 275 mm.; **H** de 170 a 200 mm.; **e** de 6 a 12 mm..

Predominam os bordos sem espessamento e sem qualquer inflexão (10 exemplares — fig. 22, n.º 3) sobre os que são ligeiramente extrovertidos ou possuem espessamento externo (6 exemplares — fig. 22, n.ºs 7 e 8). Só 1 exemplar tem o lábio aplanado; os restantes têm-no convexo.

Presença de 1 exemplar com furo de suspensão tronco-cónico que atravessa transversalmente a parede, 17 mm. abaixo do lábio (fig. 22, n.º 8).

6 exemplares (com bordo) apresentam mamilos de preensão a curta distância do lábio (5 a 14 mm.): 3 são alongados (segundo a horizontal), 2 são sub-cónicos/sub-piramidais e 1 é indeterminado. (Fig. 22, n.º 3).

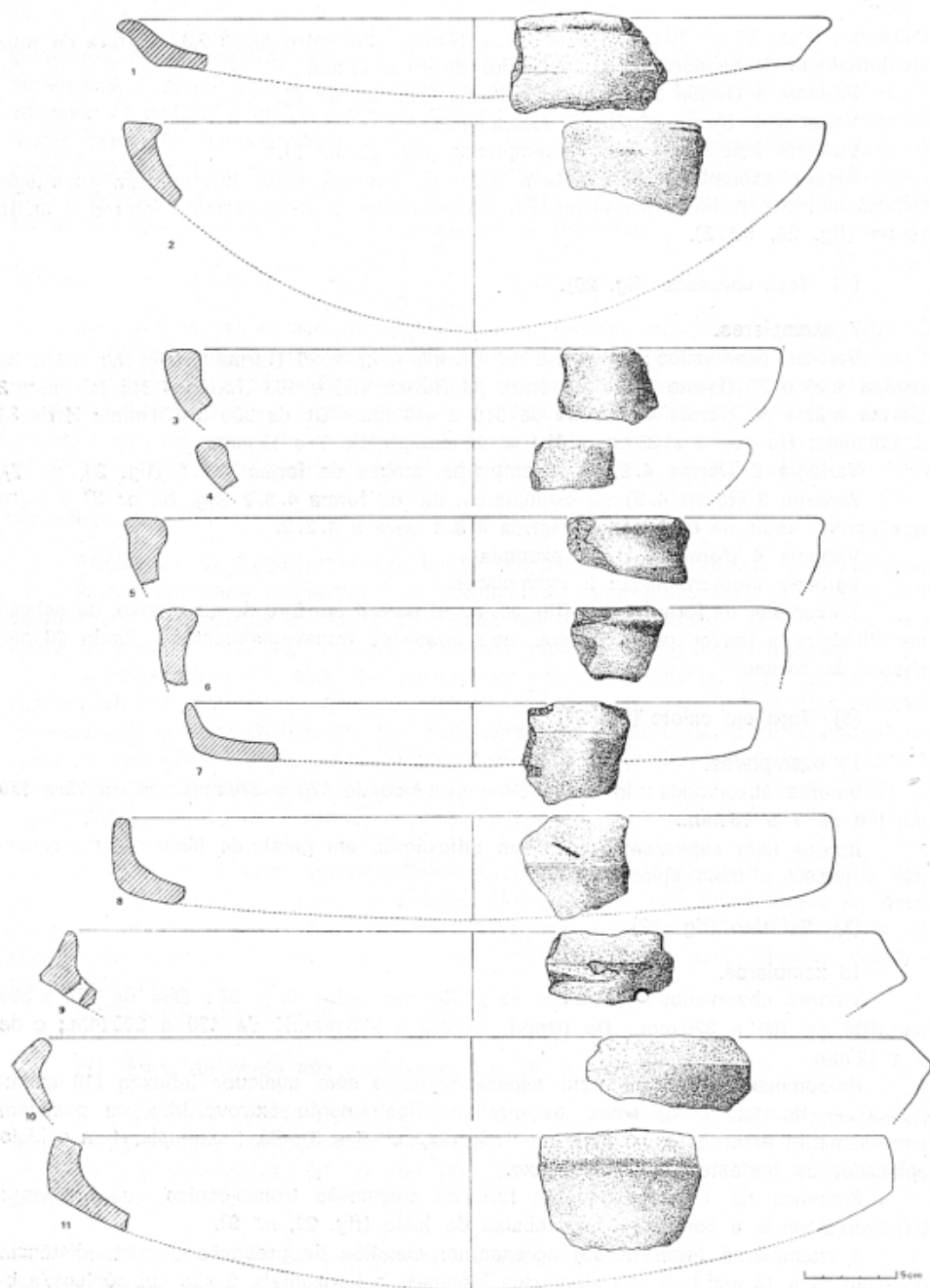


Fig. 20 — Vale Pínel II. Cerâmica da superfície (1-3, 7 e 9) e da C.3 (4-6, 8, 10 e 11): forma 1 (1 — VP11/15), forma 3 (2 — VP11/14, 3 — VP11/60, 4 — VP11/531, 5 — VP11/510 e 6 — VP11/157) e forma 4 (7 — VP11/37, 8 — VP11/166, 9 — VP11/77, 10 — VP11/336 e 11 — VP11/261). Red. 1/4.

Camada 1

Os fragmentos com bordo cuja forma geral é determinável são em número de 184.

De um ponto de vista tecnológico, distinguem-se duas classes principais:

Classe a — espessura entre 5 mm. e 16 mm.; superfícies alisadas, frequentemente bem ou muito bem alisadas, ainda que, por vezes, irregulares (136 exs. — 74% : 57 **taças em calote** e todos os exemplares das restantes formas).

Classe b — espessura entre 3 mm. e 7 mm.; superfícies quase nunca alisadas : ásperas e muito irregulares (48 exs., 26%, todos do grupo das **taças em calote**, geralmente de bordo afilado e, por vezes, com ligeiro espessamento não intencional mas resultante de deficiente acabamento da peça).

Em ambas as classes a pasta é predominantemente compacta mas enquanto que na **a** atinge a frequência de 79 %, na **classe b** não ultrapassa 58 %, sendo os restantes 42 % constituídos por pasta semi-compacta. A maior parte dos fragmentos da **classe a** e todos os da **b** possuem abundantes e.n.p. até 1 mm. e escassos superiores a 1 mm.. Estão presentes os mesmos grupos de pasta que no Cabeço da Mina mas em percentagens diferentes (Quadro VII). Tais diferenças dizem, sobretudo, respeito à dimensão dos e.n.p. que no Cabeço da Mina são em geral superiores a 1 mm.. Em Vale Pincel II os e.n.p. mais frequentes são de quartzo; presentes finas partículas de mica (moscovite).

Quadro VII — Vale Pincel II — C.1. Distribuição dos grupos de pasta pelas formas dos vasos.

Forma	Total								V.N.	%
	1	3	4	5	7	9	10			
Pasta										
1.2	1	11	6	69	20	2	1	110	59,78	
1.3	—	4	3	6	13	—	—	26	14,13	
2.1	—	1	—	30	7	—	—	38	20,65	
2.2	—	4	—	—	5	—	—	9	4,89	
3.2	—	—	—	—	1	—	—	1	0,54	
	1	20	9	105	46	2	1	184	99,99	

Também no que se refere à cor da fractura e das superfícies, na C.1 de Vale Pincel II encontramos os mesmos grupos que no Cabeço da Mina; ao contrário do

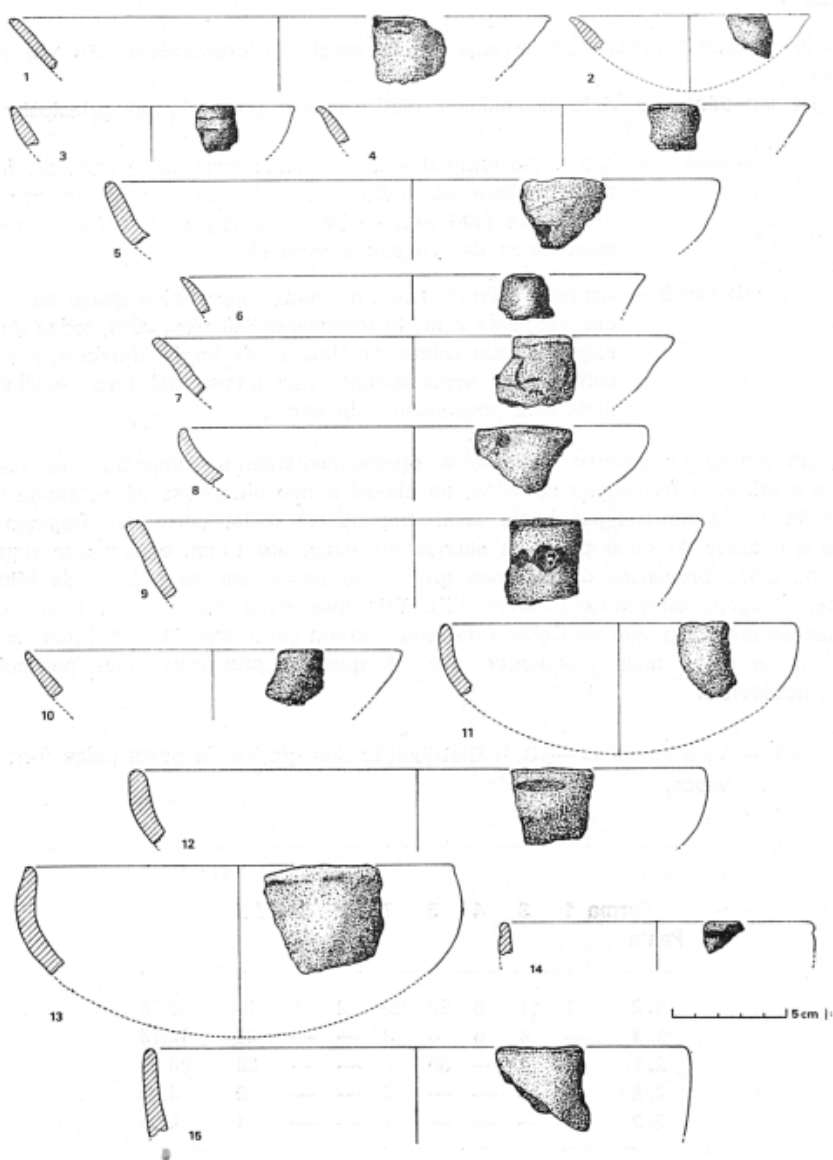


Fig. 21 — Vale Pincel II. Cerâmica da superfície (13) e da C.1 (1-12, 14 e 15): **forma 5** (1 — VP11/275, 2 — VP11/213, 3 — VP11/207, 4 — VP11/334, 5 — VP11/541, 6 — VP11/146, 7 — VP11/136, 8 — VP11/332, 9 — VP11/330, 10 — VP11/582, 11 — VP11/461, 12 — VP11/522, 13 — VP11/472, 14 — VP11/153 e 15 — VP11/87). Os n.ºs 5, 8, 9 e 11-15 pertencem à classe de fabrico a; os n.ºs 1-4, 6, 7 e 10 pertencem à classe b Red. 1/3.

que se verifica quanto à pasta, nota-se grande semelhança entre as curvas de frequência dos grupos de cor da cerâmica das duas jazidas (Quadro VIII).

Com efeito, na C.1 de Vale Pínel II predomina, igualmente, a cerâmica cozida em ambiente completamente oxidante (66%) (este aspecto acentua-se na cerâmica da **classe b** cujos exemplares apresentam na sua quase totalidade a fractura e as superfícies castanho-avermelhadas); segue-se, a uma certa distância, a que sofreu uma cozedura redutora-oxidante (28 %), e, por fim, a que revela um ambiente completamente redutor (5 %).

Decoração somente em 1 exemplar: taça em calote, da classe **a**, decorada na superfície externa por um sulco horizontal situado 5 mm. abaixo do lábio (fig. 21, n.º 14).

Quadro VIII — Vale Pínel II — C.1. Distribuição dos grupos de cor pelas formas dos vasos.

Cor	Forma								Total	
	1	3	4	5	7	9	10	V.N.	%	
1	—	17	6	76	22	—	1	122	66,30	
2	—	—	—	7	2	—	—	9	4,89	
3.1	1	—	1	4	1	—	—	7	3,80	
3.2	—	—	—	3	5	—	—	8	4,34	
3.3	—	3	2	13	16	2	—	36	19,56	
3.4	—	—	—	2	—	—	—	2	1,08	
	1	20	9	105	46	2	1	184	99,97	

Identificámos as seguintes formas gerais (Quadro IX) :

Quadro IX — Vale Pínel II. Formas de recipientes da C.1

	V.N.	%
1	1	0,54
3	20	10,86
4	9	4,89
5	105	57,06
7	46	25,00
9	2	1,08
10	1	0,54
	184	99,97

(1) Prato de bordo sem espessamento.

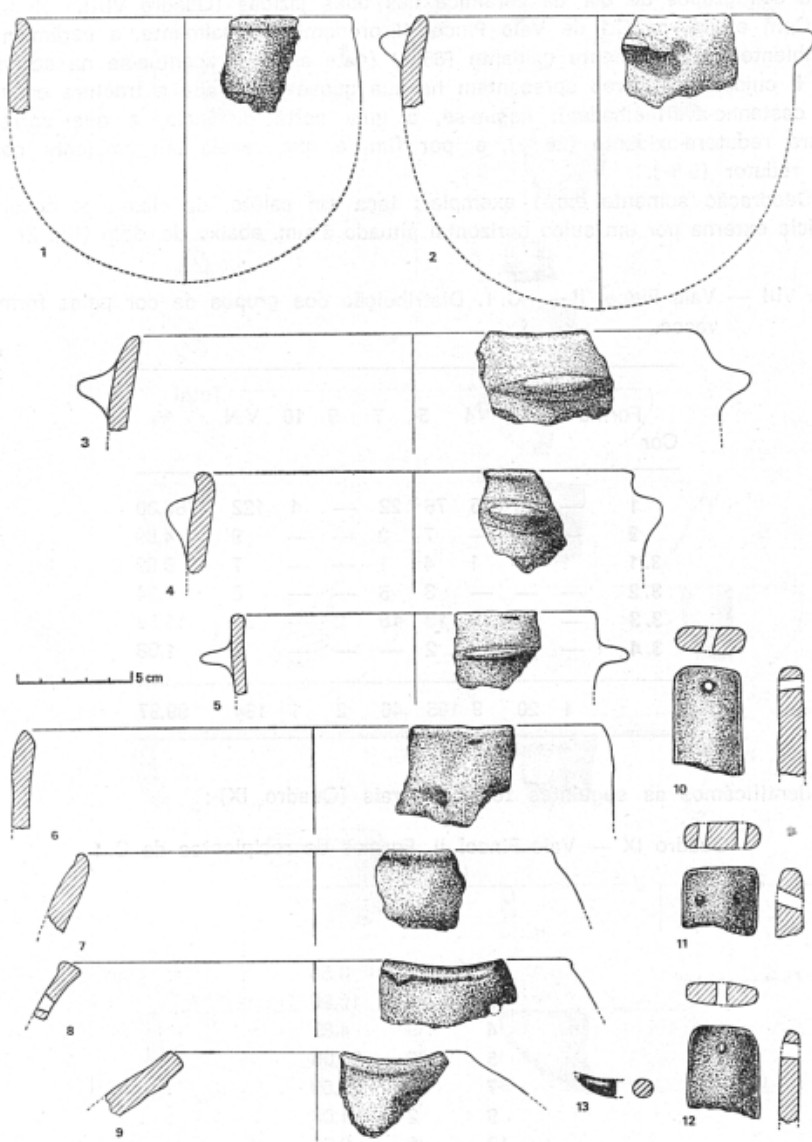


Fig. 22 — Vale Pínel II. Cerâmica da superfície (3, 7 e 8) e da C. 1 (1, 2, 4-6, 9-13):
 forma 7 (1 — VP11/508, 2 — VP11/333, 3 — VP11/45, 4 — VP11/177, 5 —
 VP11/506, 6 — VP11/513, 7 — VP11/51 e 8 — VP11/31), forma 9 (9 — VP11/99),
 «pesos de tear» (10 — VP11/493, 11 — VP11/160 e 12 — VP11/288), peça
 corniforme (13 — VP11/226). Red. 1/3.

1 exemplar (variante 1 — forma 1.1). Lábio convexo.

Valores observados: **H** = 16 mm.; **e** = 11 mm..

(3) Taça larga de bordo espessado internamente (fig. 20).

20 exemplares (10,86%).

Valores observados: **lp'** de 26 a 41; **Dbe** de 300 a 380 mm.; **Dbi** de 270 a 340 mm.; **H** de 80 a 150 mm.; **lb** de 12 a 26 mm. ($\bar{x} = 18,9 \pm 3,12$); **llb** de 5,6 a 6,3; **e** (fora da zona de influência do espessamento do bordo) de 8 a 17 mm..

Variante 1 (forma 3.1): 6 exemplares.

Variante 2 (forma 3.2): 7 exemplares (fig. 20, n.º 4-6).

Variante indeterminada: 7 exemplares.

2 exemplares possuem no bordo, além do espessamento interno, um espessamento externo arredondado (fig. 20, n.º 5).

1 exemplar é atravessado transversalmente por um furo de suspensão tronco-cónico, 24 mm. abaixo do lábio.

(4) Taça carenada (fig. 20).

9 exemplares (4,89%).

Valores observados: **lp'** entre 14 (forma 4.2) e 34 (forma 4.3); **lhc** entre 36 (forma 4.2) e 91 (forma 4.3); **lip** entre 94 (forma 4.3) e 100 (forma 4.2); **lcf** entre 5 (forma 4.2) e 29 (forma 4.3); **Dbe** de 390 a 470 mm.; **Dc** de 390 a 500 mm.; **H** de 55 a 160 mm.; **Hc** de 20 a 145 mm.; **Hp** de 15 a 35 mm.; **e** de 7 a 16 mm..

Variante 2 (forma 4.2): 6 exemplares, 5 da forma 4.2.1 (fig. 20, n.º 8) e 1 da forma 4.2.2.

Variante 3 (forma 4.3): 2 exemplares, ambos da forma 4.3.2 (fig. 20, n.º 10).

Variante 4 (forma 4.4?): 1 exemplar (fig. 20, n.º 11).

7 exemplares têm o lábio aplanado e, somente 2, o lábio convexo. 1 exemplar da forma 4.2.1 possui um ténue espessamento arredondado no exterior do bordo.

(5) Taça em calote (fig. 21).

105 exemplares (57,06%).

Valores observados: **lp'** entre 24 e 46; **Dbe** de 81 a 470 mm.; **H** de 33 a 140 mm.; **e** de 3 a 14 mm..

Os bordos são em geral rectos, embora frequentemente muito inclinados para o exterior, de lábio convexo e sem espessamento. Os poucos bordos que revelam uma inflexão para o exterior (20 ex.s) são quase todos do grupo de fabrico **b** (16 ex.s); esta inflexão é, por vezes, reforçada por um ténue espessamento externo que não reveste um carácter intencional mas, pelo contrário, corresponde a um deficiente acabamento da peça. 11 exemplares mostram lábio aplanado.

Em 1 exemplar há um furo de suspensão bicónico que atravessa a parede a 15 mm. do lábio.

(7) Esférico (fig. 22).

46 exemplares (25,00%).

Valores observados : **lp** entre 74 e 90 ; **lab** entre 91 e 100 ; **Dbe** de 110 a 260 mm. **Dbi** de 100 a 250 mm ; **Dp (Dmx)** de 155 a 200 mm. ; **H** de 115 a 180 mm. ; e de 5 a 15 mm..

Predominam os bordos sem espessamento, sem inflexão e de lábio convexo. Os lábios aplanados e os bordos com ténue espessamento e ligeiramente extrovertidos surgem em menor percentagem.

8 exemplares (com bordo) possuem mamilos de preensão, a curta distância do lábio (5 a 15 mm.) : 7 são alongados (segundo a horizontal) (fig. 22 n.º 2, 4 e 5), sendo um deles achatado e alto, tipo «orelha» (fig. 22, n.º 5) ; 1 é sub-cónico.

(9) Globular (fig. 22, n.º 9).

2 exemplares (1,08%).

Valores observados : **lab** = 43 ; **Dbe** = 125 mm. ; **Dbi** = 120 mm. ; **Dp** = 290 mm. ; **H** = 25 mm ; e de 7 a 11 mm.

(10) «Pote»

1 exemplar (0,54%).

e = 11 mm.

Bordo com acentuado espessamento externo de secção sub-triangular.

Camada 2

Forneceu apenas 34 exemplares (fragmentos com bordo).

As características de carácter tecnológico são idênticas às da cerâmica da C.1. Distinguem-se as mesmas duas classes :

a — Superfícies em geral irregulares, embora frequentemente bem ou muito bem alisadas ; espessura entre 6 e 10 mm. (25 exs. : 13 **taças em calote** e todos os exemplares dos restantes grupos morfológicos) ;

b — Superfícies em geral não alisadas, rugosas e irregulares, notando-se, por vezes, os traços deixados pela técnica do rolo (9 exs., todos pertencentes a **taça em calote**).

Pasta geralmente compacta com abundantes e.n.p. até 1 mm. e escassos superiores a 1 mm. (23 ex. sendo 5 da classe **b**). Os e.n.p. são de quartzo ; a mica é escassa.

A cor revela uma cozedura em ambiente redutor seguida de um arrefecimento em ambiente oxidante (16 exs. : 11 com zona intermédia da fractura acinzentada/negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas ; 3 com zona superficial externa acinzentada/ /negra e zona superficial interna castanho- avermelhada ; 2 com zona superficial externa castanho-avermelhada e zona superficial interna acinzentada/negra), uma cozedura em ambiente oxidante (15 exs. com as superfícies e a fractura castanho-avermelhadas) e uma cozedura completamente redutora (3 exs. com superfícies e fractura acinzentadas).

Decoração presente apenas em 1 exemplar : denteado impresso sobre a aresta exterior de um bordo aplanado pertencente a um **esférico** (fig. 23, n.º 8).

O reduzido número de exemplares não permite extrair ilacções válidas acerca da frequência das diversas formas. Com efeito não podemos atribuir nenhum significado ao facto das formas 3 e 4 estarem representadas, cada uma delas, somente por um exemplar pouco característico.

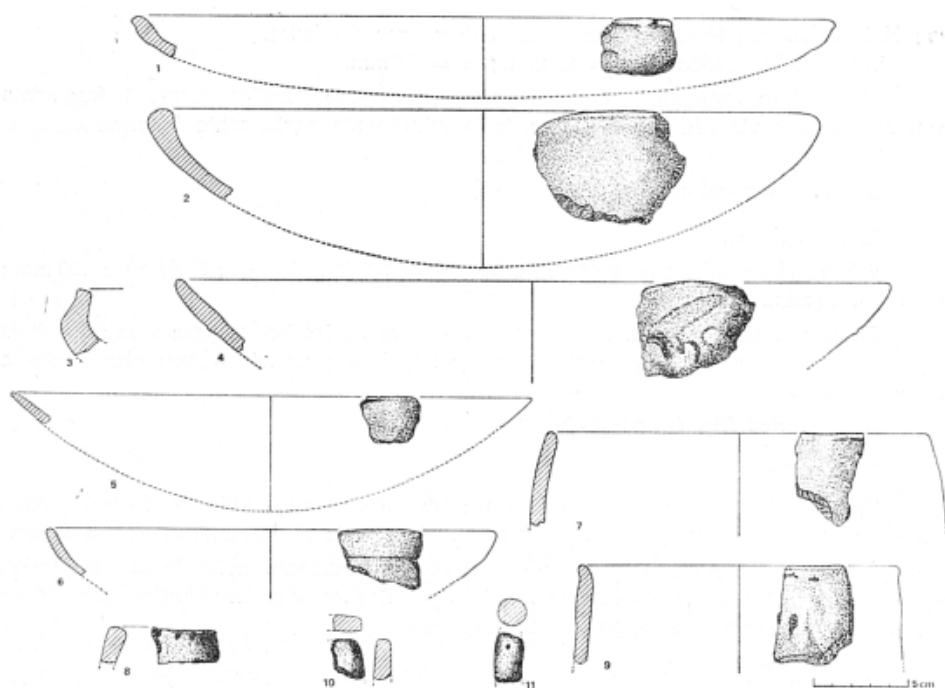


Fig. 23 — Vale Pincel II. Cerâmica da C. 2: forma 1 (1 — VP/236), forma 3? (2 — VP/306), forma 4? (3 — VP/482), forma 5 (4 — VP/321, 5 — VP/483 e 6 — VP/454), forma 7 (7 — VP/480, 8 — VP/314 e 9 — VP/481), «peso de tear» (10 — VP/491) e crescente? (11 — VP/382). Red. 1/4.

(1) Prato de bordo sem espessamento (fig. 23, n.º 1).

1 exemplar (variante 2 — forma 1.2).

Valores observados: $lp' = 11$; $Dbe = 360$ mm.; $H = 40$ mm.; $e = 9$ mm..

(3?) Taça larga de bordo espessado internamente? (fig. 23, n.º 2).

1 exemplar (variante 2? — forma 3.2?).

Valores observados: $lp' = 23$; $Dbe = 350$ mm.; $Dbi = 330$ mm.; $H = 80$ mm.; $lb = 13$ mm.; $llb = 3,7$; $e = 7$ mm.

(4?) Taça carenada? (fig. 23, n.º 3).

1 exemplar (variante indeterminada: carena quase inexistente, muito pouco vinca-

da; lábio aplanado; ténue espessamento externo arredondado).

Valores observados: $H_p = 20$ mm.; $e = 15$ mm.

Além deste exemplar com bordo mas pouco característico surgiu 1 fragmento com carena bem vincada e sem bordo, indiscutivelmente pertencente à **forma 4**.

(5) Taça em calote (fig. 23, n.º 4-6).

22 exemplares.

Valores observados: Ip' entre 22 e 27; Dbe de 170 a 380 mm.; H de 60 a 100 mm.; e de 4 a 10 mm..

Os bordos são em geral rectos se bem que muito inclinados para o exterior, sem espessamento e com lábio convexo ou em duplo bisel; apenas 4 exemplares têm o lábio aplanado.

(7) Esférico (fig. 23, n.º 7-9).

8 exemplares.

Valores observados: Ip'' entre 79 e 81; Iab entre 91 e 97; Dbe de 170 a 210 mm.; Dbi de 160 a 190 mm.; Dp de 175 a 220 mm.; H de 160 a 175 mm.; e de 7 a 10 mm..

A maioria dos exemplares tem o bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, sem espessamento e o lábio convexo. O bordo é ligeiramente extrovertido, com ténue espessamento externo, somente em 2 exemplares.

(9) Globular

1 exemplar.

$e = 8$ mm.

CERÂMICA. DIVERSOS

«Pesos de tear» (fig. 22, n.º 10-12 e fig. 23, n.º 10).

20 exemplares (2 da superfície, 17 da C.1 e 1 da C.2), todos fragmentados.

São do mesmo tipo dos do Cabeço da Mina: placas paralelepipedicas, compridas, estreitas (l entre 18 e 36 mm; $\bar{x} = 28 \pm 5,82$) e pouco espessas (e entre 5 e 19 mm; $\bar{X} = 10,6 \pm 3,02$) com arestas e cantos quase sempre boleados.

8 exemplares (1 da superfície e 7 da C.1) apresentam um único furo em cada topo. Apenas 1 exemplar (C.1) possui dois furos. Os restantes fragmentos não conservam nenhum dos topos. Os furos são cilíndricos ou tronco-cónicos, frequentemente com evidentes traços deixados pela acção do fio de suspensão; os diâmetros variam entre 2 e 8 mm.

Pasta em geral compacta com abundantes e.n.p. de quartzo até 1 mm., por vezes superior a 1 mm. Presença de mica.

9 exemplares têm a pasta castanho-avermelhada; 8 possuem uma zona acinzentada entre zonas superficiais acastanhadas; 2 têm uma zona superficial acinzentada e a outra zona superficial acastanhada; 1 exemplar é totalmente acinzentado. O ambiente de cozedura foi, pois, quer totalmente oxidante, quer redutor com arrefecimento oxidante.

«Crescente» (?)

1 exemplar (C. 2).

Ligeiramente arqueado. Secção transversal sub-circular. (Fig. 23, n.º 11).

Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo e escassa mica) até 1 mm. e raros superiores a 1 mm..

Compr. actual 25 mm.; larg. 15 mm.; esp. 14 mm..

Peça corniforme (fig. 22, n.º 13).

Pequena peça em cerâmica de pasta compacta com raros e.n.p. (quartzo) superiores a 0,5 mm., com superfície e fractura castanho-amareladas, de forma cónica e encurvada. Fracturada na base e na ponta.

Compr. actual 16 mm.; diâmetro máx. 8 mm..

MONTE NOVO (SINES)

LOCALIZAÇÃO

Zona superior da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines (fig. 24), entre as cotas de 70 e 90 metros; abrange uma área de suave declive (9 %), com cerca de 150/200 metros (segundo a direcção E.-W.) por 150 metros (segundo a direcção N.-S.), que oferece boas condições naturais de defesa não só pela sua cota (domina-se toda a baía de S. Torpes e as terras baixas que se estendem para Sul e Sudoeste da base dos Chãos), como também pelos afloramentos de gabro-dioritos que existem no local. Limitada a Oeste por uma importante linha de água. (Fig. 13).

O centro da estação arqueológica localiza-se a cerca de 2,5 km. (em linha recta) para E.SE. da vila de Sines (a cujo concelho e freguesia pertence — Distrito de Setúbal), a 250 m. para E.NE. de Monte Novo e é definido, na quadrícula hectométrica do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa (12), pelas coordenadas:

$$X = 138 \ 2$$

$$Y = 109 \ 5 \ (13)$$

Apenas a cerca de 400 metros para S.SE., situa-se, na base da encosta dos Chãos, o povoado e a necrópole do «Bronze do Sudoeste» da Quitéria e a cerca de 600 e 700 metros para S.SW., também na base dos Chãos, encontram-se os povoados, respectivamente, de Vale Pincel II (Neolítico final/Calcolítico inicial) e de Vale Pincel I (Neolítico antigo); a 1 900 metros para S.SE., junto à falésia litoral, localiza-se a jazida mesolítica de Vale Marim (14). (Fig. 15).

PROSPECÇÃO E ESCAVAÇÃO

Esta jazida, tal como a de Vale Pincel II, integra-se numa zona preferencial do complexo industrial e urbano do Gabinete da Área de Sines. Por este motivo, os auto-

(12) Ver nota 6.

(13) Carta Militar de Portugal, Serviços Cartográficos do Exército, Folha 526, 1 : 25 000, Ed. de 1944.

(14) Ver nota 11.

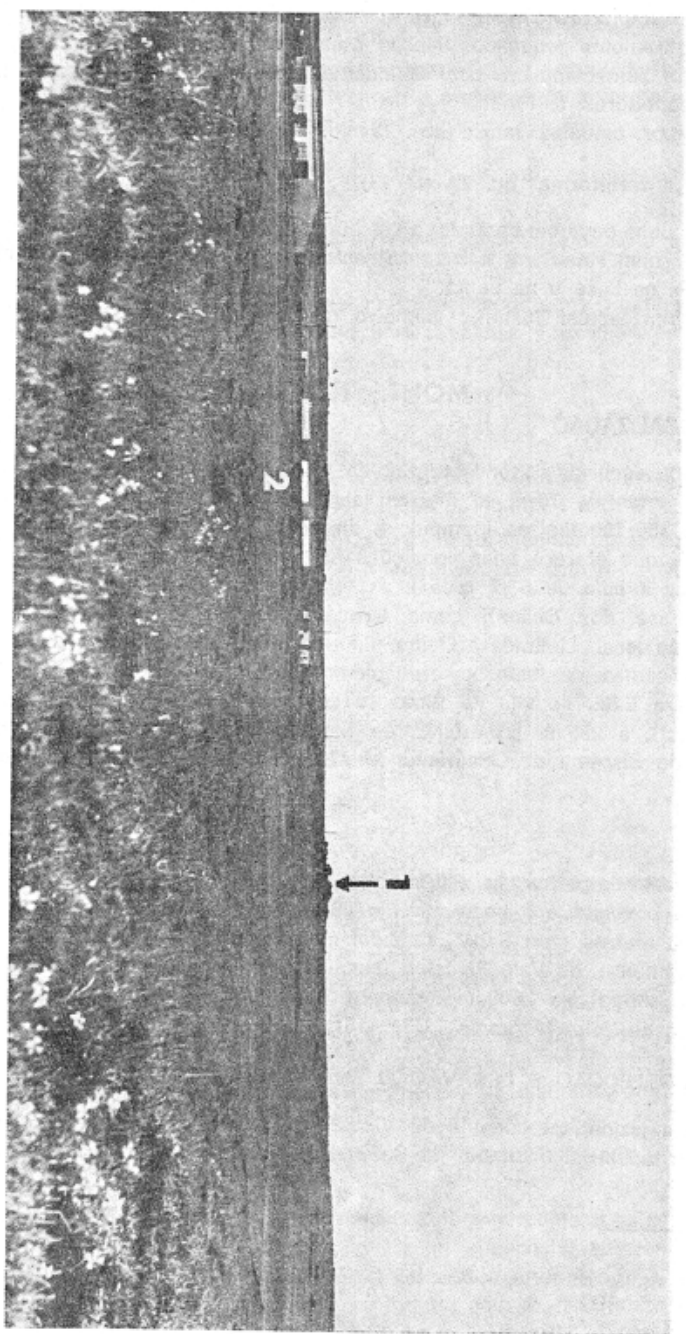


Fig. 24 — A encosta Sul dos Chãos (Sines). 1 — Monte Novo ; 2 — povoado e necrópole da Idade do Bronze da Quitéria.

res, no âmbito das actividades do Grupo de Trabalhos de Arqueologia daquele organismo, prospectaram intensamente essa zona. Assim, em Março de 1975, identificaram o povoado calcolítico de Monte Novo. Procedeu-se então a uma recolha exaustiva dos numerosos artefactos encontrados à superfície dos terrenos recentemente lavrados e limitou-se a área ocupada⁽¹⁵⁾. Notou-se ainda o afloramento de uma estrutura em arco com cerca de 24 metros de perímetro e 22 metros de corda, constituída por grandes blocos de gabro-diorito.

O campo foi quadriculado com base no estabelecimento de dois eixos ortogonais: um de orientação N-S. e dividido em segmentos de recta de 2 m. de comprimento, designados por números; outro, de orientação E-W., cujos segmentos de recta, também de 2 m., são identificados por letras. Cada quadrado (2 m. de lado) é designado por uma letra maiúscula e por um número. Até à elaboração da presente notícia foram escavados os quadrados B61, C61, D61 e E61⁽¹⁶⁾. Observou-se a seguinte sucessão estratigráfica (de cima para baixo) (Fig. 25):

C.1 — Espessura 0,30/0,35 m. Areia argilosa castanho-amarelada escura (10 YR 3/4) quando húmida e castanho-amarelada média (10 YR 4/4) quando seca, transportada — proveniente da erosão dos solos residuais de alteração do maciço gabro-diorítico. pH 6,2. Com raízes. Revolvida pelas lavuras. Fragmentos de cerâmica muito rolados, alguns da Época Romana (sigillata sud-gálica⁽¹⁷⁾).

C.2 — Espessura 0,15 m.. Argila arenosa castanho-amarelada escura (10 YR 2.5/4) quando húmida e castanho-amarelada escura quando seca (10 YR 3/4), transportada — proveniente da erosão dos solos residuais de alteração do maciço gabro-diorítico. pH 6,2. Números fragmentos de cerâmica pouco ou não rolados, exclusivamente pré-históricos.

C.3 — Espessura 0,10/0,15 m. Argila arenosa castanha média (5 YR 3.5/6) quando húmida e castanha média (5 YR 4/6) quando seca, com fragmentos de rocha meteorizada, na base — solo residual de alteração do maciço gabro-diorítico⁽¹⁸⁾. pH 6,3. Arqueologicamente estéril.

O nível de ocupação calcolítica corresponde à base da C.2. No quadrado B 61 surgiu uma fiada de grandes blocos de gabro-diorito, implantados na C.3, que fazem parte da estrutura em arco referida anteriormente e cuja largura é de cerca de 1,30 m..

(15) A intervenção do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do G.A.S. impediu a destruição da jazida, ameaçada pela montagem dos estaleiros da Construterra.

(16) Escavação, ainda em curso, realizada pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, sob a orientação dos autores. O seu bom êxito ficou a dever-se, em grande parte, ao excelente trabalho do Senhor José Gonçalves.

(17) Determinação efectuada por Luísa Viegas, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(18) Informações fornecidas pelo dr. Horta da Silva, do Laboratório de Solos do Gabinete da Área de Sines.

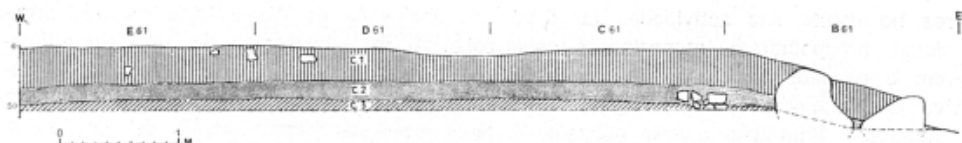


Fig. 25 — Monte Novo. Perfil Norte dos quadrados B 61 - E 61.

Acompanhando esta estrutura, pelo seu interior, nota-se outra fiada de blocos de dimensões médias que assentam na base da C.2.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

2 utensílios (recolhidos à superfície):

- Fragmento proximal de uma lâmina robusta, com traços de utilização, sobretudo no bordo direito («faca»), em sílex castanho-amarelado claro (10 YR 7/2). Secção transversal trapezoidal. Secção longitudinal arqueada. Dimensões actuais: 55x24x10 mm e/l = 0,4. (Fig. 17, n.º 2).
- Ponta de seta de base recta e bordos convexo (direito) e rectilíneo (esquerdo), em xisto cinzento-claro (N7), castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2) e castanho-avermelhado pálido (10 R 5/4). Retoque invasor em ambas as faces. No reverso permaneceu por retocar uma zona central relativamente ampla. A base não foi retocada. Secção transversal biconvexa. Secção longitudinal ligeiramente arqueada. Dimensões: 30x16x3 mm. (Fig. 17, n.º 3).

Atendendo à reduzida área até agora escavada que pode corresponder a um espaço de actividade especializada, não podemos interpretar com um mínimo de segurança a escassez deste espólio.

UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA/PICOTADA

Não foi encontrado qualquer utensílio em pedra polida.

5 elementos de mó (fig. 26) em gabro-diorito vermelho-acinzentado (10 R 5/2) e castanho claro (5 YR 5/6) (4 sobre calhaus rolados):

- 2 elementos moventes (um deles fragmentado transversalmente) com as superfícies de trabalho planas; compr. 162 mm.; larg. 110 mm e 89 mm.; esp. 53 mm. e 35 mm..
- 2 elementos dormentes (um fragmentado transversalmente) com superfícies de trabalho concavas; bases irregular e aplanada; compr. 540 mm.; larg. 350 mm. e 240 mm.; esp. 210 e 86 mm..
- 1 elemento indeterminado.

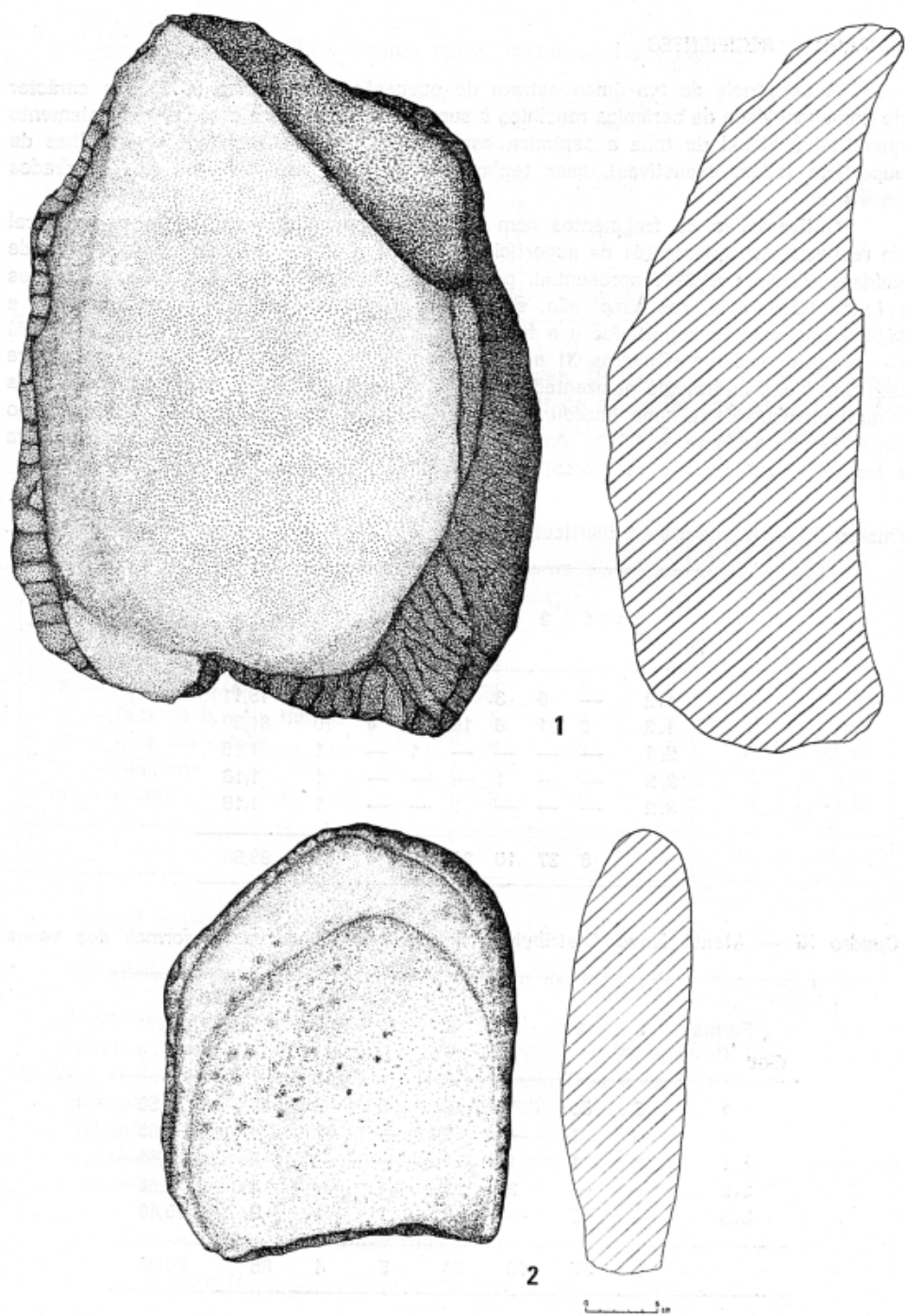


Fig. 26 — Monte Novo. Elementos de mó (1 — MN/157 e 2 — MN/156).

CERÂMICA. RECIPIENTES

A existência de um único estrato de ocupação pré-histórica (C.2) e o carácter de homogeneidade da cerâmica recolhida à superfície, levou-nos a efectuar um tratamento quantitativo global de toda a cerâmica estudada, quer tenha resultado de recolhas de superfície (aliás, exaustivas), quer tenha sido exumada nas camadas dos quadrados escavados.

Obtiveram-se 86 fragmentos com bordo que permitem conhecer a forma geral do respectivo recipiente (61 da superfície, 9 da C.1 e 16 da C.2). Revelam uma grande unidade técnica: 81,39% apresentam pasta compacta com abundantes e.n.p. superiores a 1 mm. (Quadro X) (os e.n.p. são, sobretudo, de quartzo; abundante mica branca) e 75,58% possuem as superfícies e a fractura castanho-avermelhadas (em geral 10 R 3/6) — cozedura oxidante (Quadros XI e XII — nota-se que só 10,46% mostram a fractura com uma zona intermédia acinzentada/negra e zonas superficiais castanho-avermelhadas o que corresponde a uma cozedura redutora seguida de uma fase de arrefecimento em ambiente oxidante, e 4,65% têm as superfícies e a fractura acinzentadas: cozedura e fase de arrefecimento redutoras).

Quadro X — Monte Novo. Distribuição dos grupos de pasta pelas formas dos vasos.

Forma Pasta	1	2	3	5	7	10	V.N.	Total	
									%
1.2	—	6	3	4	—	—	13	15,11	
1.3	6	31	6	19	4	4	70	81,39	
2.1	—	—	—	—	1	—	1	1,16	
2.2	—	—	1	—	—	—	1	1,16	
3.2	—	—	—	1	—	—	1	1,16	
	6	37	10	24	5	4	86	99,98	

Quadro XI — Monte Novo. Distribuição dos grupos de cor pelas formas dos vasos.

Forma	1	2	3	5	7	10	Total	
Cor	V.N.	%						
1	5	30	7	18	3	2	65	75,58
2	—	1	—	2	—	1	4	4,65
3.1	1	1	1	1	—	—	4	4,65
3.2	—	—	2	1	1	—	4	4,65
3.3	—	5	—	2	1	1	9	10,46
	6	37	10	24	5	4	86	99,99

Quadro XII — Monte Novo. Ambiente de cozedura.

	V.N.	%
Oxidante	65	75,58
Redutor	4	4,65
Red. — oxid.	17	19,76
	86	99,99

As superfícies surgem quase sempre erodidas. De notar que os pratos menos erodidos, quer os de bordo sem espessamento quer os de bordo almendrado, mostram a superfície interna muito bem alisada e a externa mal alisada e muito irregular.

Decoração completamente ausente.

Quadro XIII — Monte Novo. Formas cerâmicas.

	S.	C. 1	C. 2	Total	
				V.N.	%
1 — Prato de b. s. esp.	6	—	—	6	6,97
2 — Prato de b. almendr.	29	2	6	37	43,02
3 — Taça de b. esp. int.	5	3	2	10	11,62
5 — Taça em calote	15	3	6	24	27,90
7 — Esférico	4	—	1	5	5,81
10 — «Pote»	2	1	1	4	4,65
	61	9	16	86	99,97

Formas presentes (Quadro XIII):

(1) Prato de bordo sem espessamento (fig. 27, n.º 1-4).

6 exemplares (6,97%), todos da superfície.

Valores observados: **lp'** entre 4 (**forma 1.1**) e 11 (**forma 1.2**); **Dbe** de 340 a 450 mm.; **H** de 15 mm. (**forma 1.1**) a 50 mm. (**forma 1.2**); **e** de 8 a 13 mm..

Variante 1 (**forma 1.1**): 5 exemplares (fig. 27, n.º 1-3).

Variante 2 (**forma 1.2**): 1 exemplar (fig. 27, n.º 4).

4 exemplares possuem o lábio convexo ou em duplo bisel (fig. 27, n.º 1 e 3) e 2 o lábio aplanado (fig. 27, n.º 2 e 4).

(2) Prato de bordo almendrado (fig. 27)

37 exemplares (43,02%): 29 da superfície, 2 da C.1 e 6 da C.2.

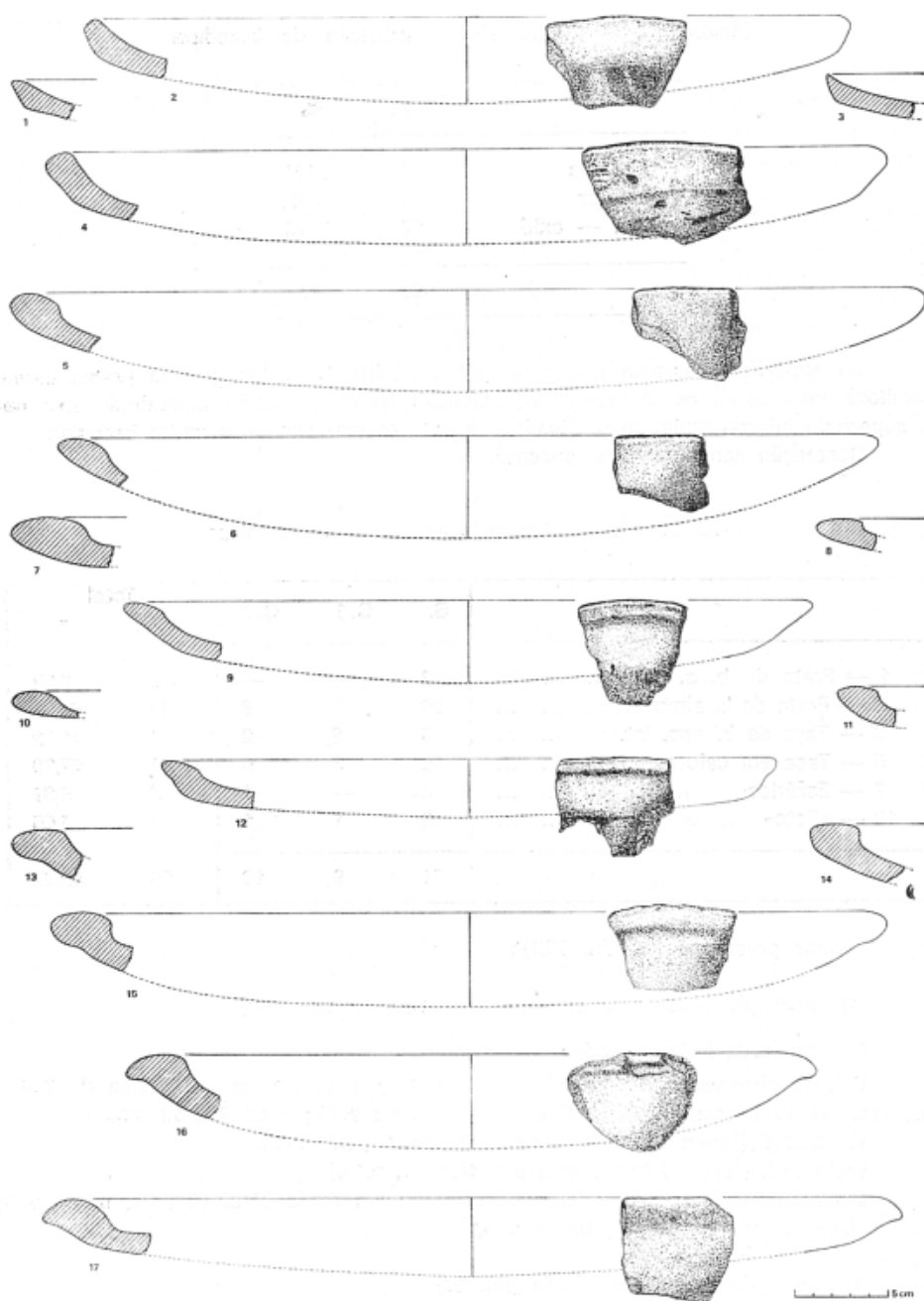


Fig. 27 — Monte Novo. Cerâmica: **forma 1** (1 — MN/30, 2 — MN/4, 3 — MN/10 e 4 — MN/1) e **forma 2** (5 — MN/13, 6 — MN/35, 7 — MN/12, 8 — MN/137 9 — MN/3, 10 — MN/7, 11 — MN/15, 12 — MN/85, 13 — MN/52, 14 — MN/109, 15 — MN/25, 16 — MN/84 e 17 — MN/2). Red. 1/4.

Valores observados : **Ip'** entre 9 e 13 ; **Dbe** de 300 a 490 mm. ($\bar{X} = 404 + 50,03$) ; **Dbi** de 270 a 440 mm. ; **H** de 30 a 55 mm. ; **lb** de 14 a 40 mm. ($\bar{X} = 24,4 + 5,42$) ; **llb** de 4,8 a 8,3 ; e **Je** 4 a 15 mm..

Presentes as três variantes (**formas 2.1** — fig. 27, n.º 5 e 7 —, **2.2** — fig. 27, n.º 8, 9, 11-14 — e **2.3** — fig. 27, n.º 17), por vezes dificilmente distinguíveis entre si ; predomina a **forma 2.1**.

(3) Taça larga de bordo espessado internamente (fig. 28, n.º 1-4).

10 exemplares (11,62%) : 5 da superfície, 3 da C.1 e 2 da C.2.

Valores observados : **Ip'** entre 26 e 33 ; **Dbe** = 350 mm ; **Dbi** de 300 a 320 mm. ; **H** de 90 a 115 mm. ; **lb** de 10 a 24 mm ($\bar{X} = 16,4 + 3,92$) ; **llb** de 4,3 a 6,8 ; e (fora da zona de influência do espessamento) de 7 a 14 mm..

Variante **1 (forma 3.1)** : 4 exemplares (fig. 28, n.º 1-3).

Variante **2 (forma 3.2)** : 2 exemplares (fig. 28, n.º 4).

Variante indeterminada : 4 exemplares.

De notar que em alguns exemplares o espessamento interno é muito ténue (fig. 28, n.º 3) ; por vezes, observa-se também a existência de um espessamento externo arredondado (fig. 28, n.º 1 e 4).

1 exemplar (fig. 28, n.º 3), encontrado na C.2, possui um furo de suspensão situado 20 mm abaixo do lábio.

(5) Taça em calote (fig. 28, n.º 5-11).

24 exemplares (27,90%) : 15 da superfície, 3 da C.1 e 6 da C.2.

Valores observados : **Ip'** entre 26 e 46 ; **Dbe** de 210 a 480 mm. ; **H** de 60 a 140 mm. ; e de 6 a 15 mm..

Os bordos são em geral rectos (16 exs.) ainda que quase sempre inclinados para o exterior ; 5 exemplares são ligeiramente introvertidos ; 1 apresenta uma acentuada inflexão para o interior, formando-se quase uma carena muito alta (fig. 28, n.º 8) e aproximando-se o seu perfil do das **taças carenadas** ; somente 2 exemplares são ligeiramente extrovertidos. Na sua grande maioria não têm espessamento (1 exemplar com ténue espessamento externo arredondado — fig. 28, n.º 11). O lábio é convexo, exceptuando 2 casos em que é aplanado (fig. 28, n.º 9).

(7) Esférico (fig. 28, n.º 12-14).

5 exemplares (5,81%) : 4 da superfície e 1 da C.2.

Nenhum dos fragmentos permite conhecer o diâmetro da boca, o diâmetro da pança e a altura. e varia entre 7 e 12 mm..

4 exemplares possuem o bordo recto ; 1 exemplar tem o bordo ligeiramente extrovertido (fig. 28, n.º 13). 1 com ténue espessamento externo. Lábio convexo em 4 exemplares e aplanado em 1.

(10) «Pote» (fig. 28, n.º 15 e 16).

4 exemplares (4,65%) ; 2 da superfície, 1 da C.1 e 1 da C.2. e de 8 a 13 mm.. Bordo com espessamento externo de secção sub-triangular.

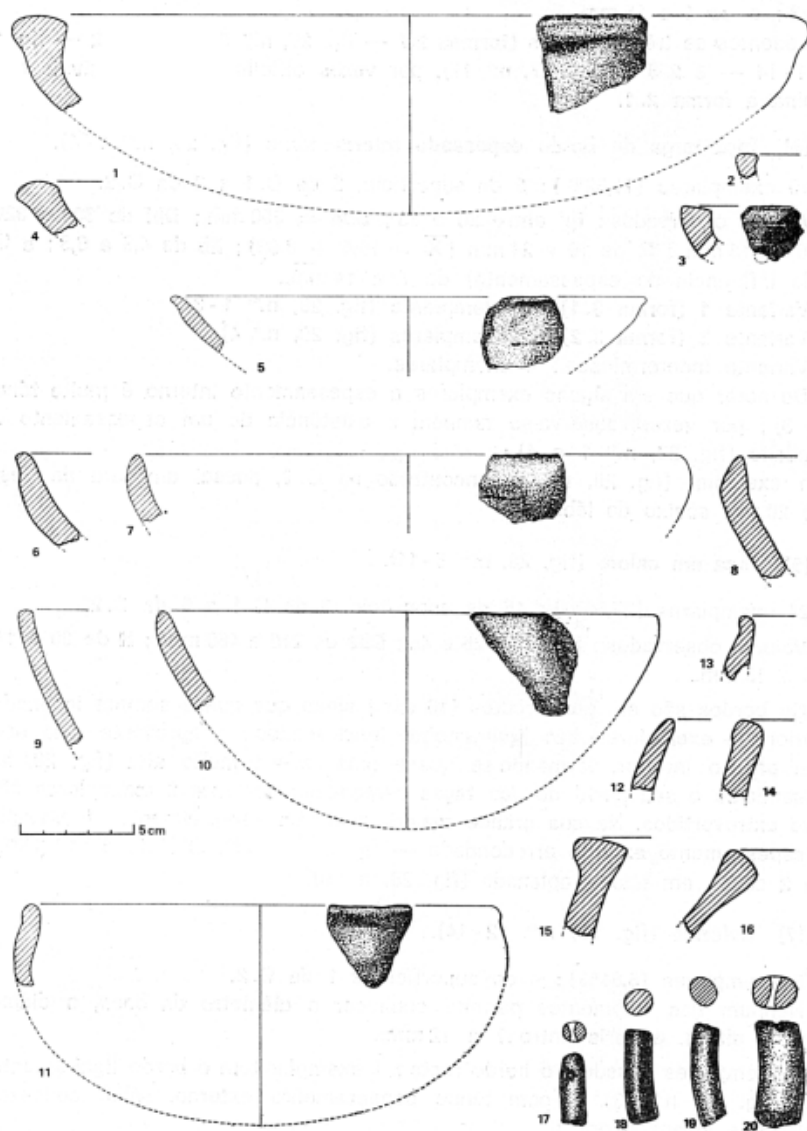


Fig. 28 — Monte Novo. Cerâmica : forma 3 (1 — MN/6, 2 — MN/119, 3 — MN/92 e 4 — MN/53), forma 5 (5 — MN/111, 6 — MN/39, 7 — MN/105, 8 — MN/31, 9 — MN/132, 10 — MN/19 e 11 — MN/121), forma 7 (12 — MN/149, 13 — MN/143 e 14 — MN/118), forma 10 (15 — MN/86 e 16 — MN/26), crescentes (17 — MN/120, 18 — MN/42, 19 — MN/115 e 20 — MN/135). Red. 1/3.

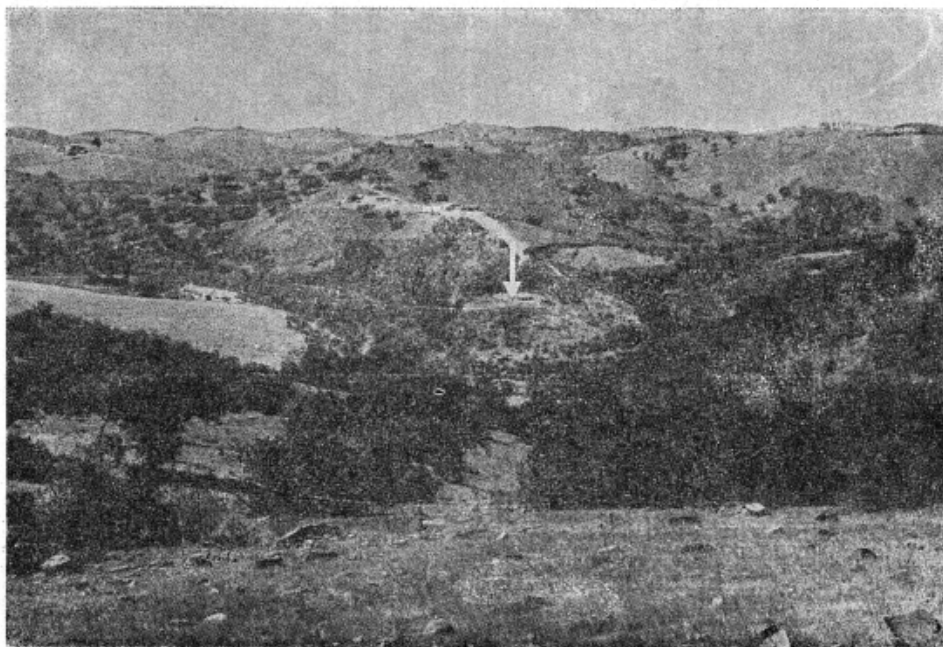


Fig. 29 —O local do povoado do Cortadoiro visto de NE..

CERÂMICA. DIVERSOS

«Crescentes» (fig. 28, n.º 17-20).

11 exemplares, todos fragmentados: 5 da superfície, 3 da C.1 e 3 da C.2.

A pasta é compacta, havendo 1 com raros e.n.p. superiores a 0,5 mm., 1 com abundantes e.n.p. até 1 mm. e escassos superiores a 1 mm.; os restantes têm abundantes e.n.p. superiores a 1 mm.. Os e.n.p. são de quartzo; presente a mica branca.

A maioria (7 exemplares) possui a superfície e a fractura castanho-avermelhadas (10 R 3/6, 10 R 4/6); em 4 o núcleo é acinzentado/negro.

Alguns fragmentos, sobretudo os maiores e da zona mesial, apresentam-se curvos (fig. 28, n.º 19 e 20). A secção é geralmente circular e mais raramente ovalada. 2 exemplares conservam um dos furos terminais (fig. 28, n.º 17). O diâmetro máximo da zona mesial varia entre 10 e 20 mm..

CORTADOIRO (SANTANA DA SERRA — OURIQUE)

LOCALIZAÇÃO

Pequeno esporão (cerca de 70 metros, segundo a direcção NE. — SW., por 40 m.,

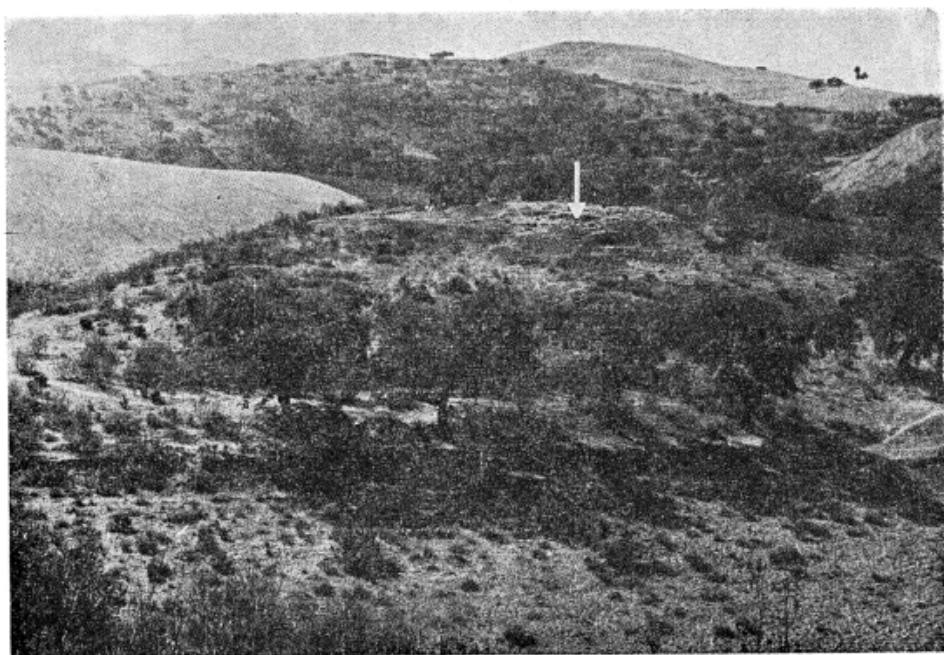


Fig. 30 — O local do povoado do Cortadoiro visto de Norte. A seta indica a zona escavada.

segundo a direcção NW. — SE.; cota de 153,9 m.) da margem esquerda de um dos meandros do Mira; o seu lado SE. cai em escarpa sobre o rio, vencendo um desnível de quase 10 m.; a NW. forma-se uma encosta com um declive de aproximadamente 20% que desce igualmente até ao Mira; um pequeno istmo, de uns escassos metros de largura, liga-o às elevações que se erguem para Sul e que chegam a atingir cotas da ordem dos 243 m. (figs. 29, 30 e 32). Situa-se a 9 km. para S. SW. da vila de Ourique, a 4 km para S. SW. da Aldeia de Palheiros e a 250 m. para NNE. do Monte Novo das Lajes (Distrito de Beja, concelho de Ourique e freguesia de Santana da Serra) (fig. 31); a sua zona central é definida, na quadrícula hectométrica do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa ⁽¹⁹⁾, pelas coordenadas:

$$\begin{aligned} x &= 187 \ 2 \\ y &= 66 \ 2 \end{aligned} \quad (20)$$

O meandro do Mira que banha o sopé do povoado quase se transforma num

(19) Ver nota 6.

(20) Carta Militar de Portugal, S.C.E., Folha 563, 1 : 25 000, Ed. de 1952.



Fig. 31 — Localização do Cortadouro (1) na carta de 1 : 25 000. 2 — Tholos de Nora Velha.

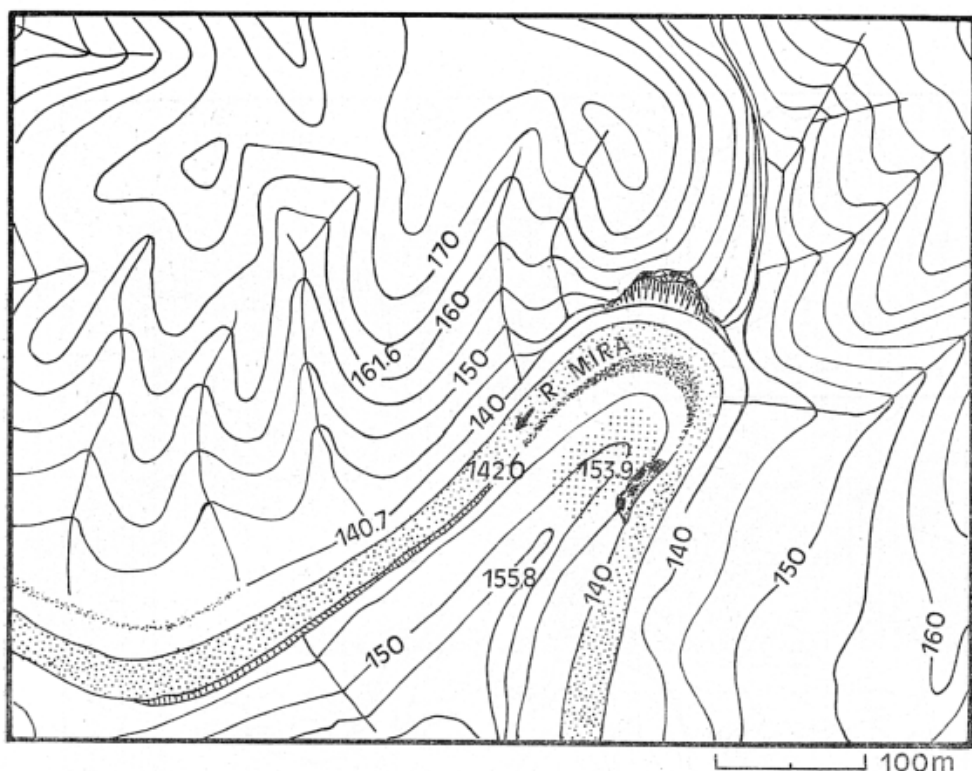


Fig. 32 — Localização do Cortadoiro na carta de 1:5 000 (o ponteadado indica a zona ocupada durante o Calcolítico).

vale seco no auge do Verão. Apenas algumas depressões mais profundas do leito do rio conservam, durante aquele período, reservas de água («pégos»). A região, geologicamente constituída por xistos do Carbónico, onde o relevo começa a elevar-se até aos contrafortes das serras do Ocidente Algarvio, escassamente povoada, é coberta pela azinheira e por brenhas de esteva (*Cistus ladaniferus*, L) que se estendem monotonamente por amplas áreas, a perder de vista, imagem de secura e esterelidade. Com efeito, a jazida integra-se em uma mancha geográfica para a qual o número de dias de precipitação anual é de 90 (21), oscilando o valor anual de precipitação em torno dos 514 mm.

O clima do local durante o Calcolítico não deveria afastar-se muito do actual pois a quase inexistência de um verdadeiro solo residual sob o nível de **habitat** calcolí-

(21) Suzane Daveau, «Répartition et rythme des précipitations au Portugal», Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1977.

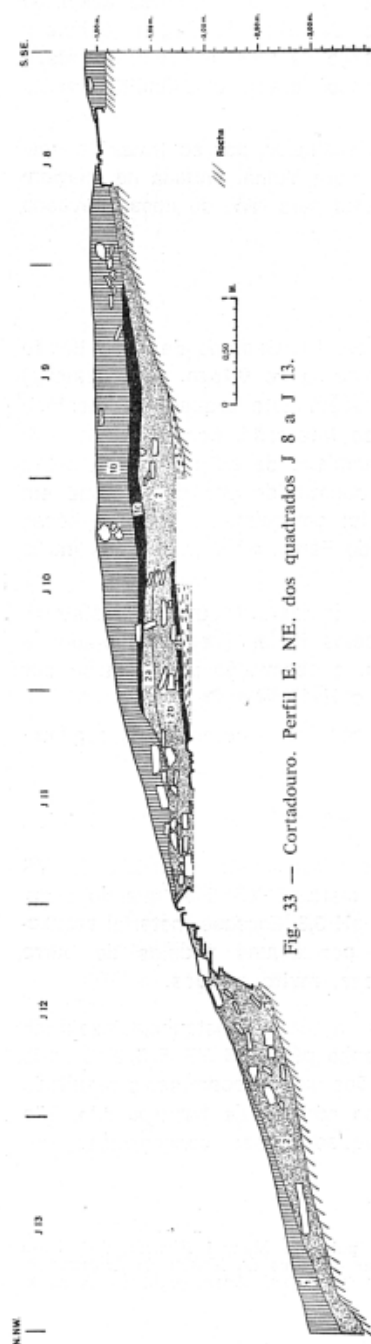


Fig. 33 — Cortadoiro, Perfil E. NE. dos quadrados J 8 a J 13.

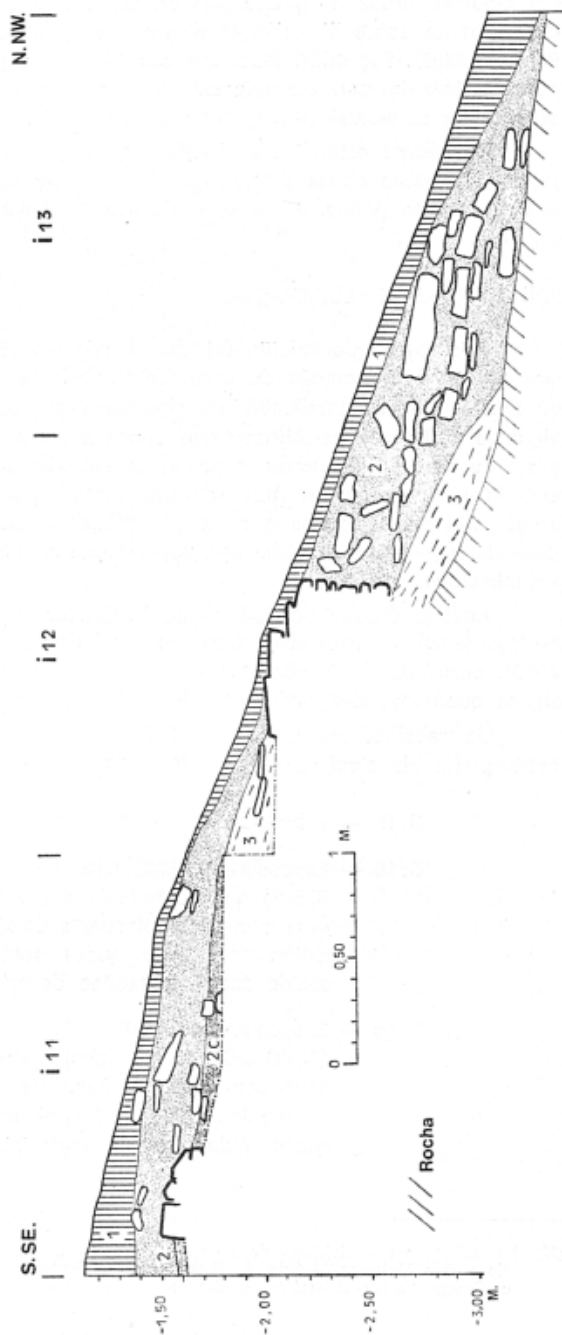


Fig. 34 — Cortadoiro, Perfil W. NW. dos quadrados I 11 - I 13.

quadrado H 10, de fragmentos de cerâmica pertencentes a dois vasos possivelmente da Idade do Ferro.

- C.2a — Espessura de cerca de 0,15 m. Areia argilosa castanha média (5 YR 4/6) quando húmida e castanha clara (5 YR 5.5/6) quando seca. pH 5,8. Material arqueológico exclusivamente calcolítico, surgindo fragmentos de cerâmica em geral rolados e nódulos de barro cozido com impressões de ramagens.
- C.2b — Espessura de cerca de 0,20 m. Pedras grandes e médias, soltas, envolvidas por areia argilosa castanha média (5 YR 4/4) quando húmida e castanha clara (5 YR 5/4) quando seca. pH 5,8. Material arqueológico exclusivamente calcolítico, semelhante ao encontrado na C.2a. Abundantes nódulos de barro cozido com impressões de ramagens. Na base desta camada o espólio torna-se mais abundante e a cerâmica não apresenta vestígios de rolamento. Parece tratar-se de uma camada correspondente a uma fase de desmoronamento das construções calcolíticas.
- C.2c — Espessura de 0,05/0,10 m. Solo de **habitat** constituído por areia argilosa castanha médio-escura (5 YR 3/4) quando húmida e castanha média (5 YR 4/4) quando seca, com pequenos fragmentos de carvão. pH 5,3. Espólio arqueológico exclusivamente calcolítico com cerâmica não rolada.
- C.3 — Plaquetas de xisto desagregadas da rocha-mãe ou colocadas como enchimento. Arqueologicamente estéril.

Três fases de construção detectadas em estreita conexão com a estratigrafia vertical evidenciam a existência de três ocupações humanas. Assim, a C.2c corresponde à ocupação calcolítica, durante a qual teria sido construído um amuralhado em pedra seca (fig. 35), com 0,70 m de largura, muito destruído em altura (altura máxima actual 0,60 m.), que defende o lado NW., o de mais fácil acesso; e um outro muro com 0,45 m. de largura, de direcção NE.-SW., sensivelmente paralelo ao amuralhado e distando deste 1-2 m., aproximadamente (fig. 36). O desmoronamento de parte das construções da C.2c deu lugar à formação da C.2b. A abundância de grandes pedaços de barro cozido com impressões de ramagens indica-nos o tipo de cobertura das habitações calcolíticas. A C.2a ter-se-ia formado durante uma fase de abandono do povoado, devido à acção transportadora dos agentes da geodinâmica externa. Provavelmente durante a Idade do Ferro, o local voltou a ser ocupado. A esta ocupação correspondem dois orifícios de poste estruturados, encontrados nos quadrados I9 e J10. A abundância de nódulos de barro cozido com impressões de ramagens surgidos na camada que se relaciona com esta ocupação — C.1c —, bem como as numerosas ramagens incarbonizadas, juntamente com os orifícios de poste, parecem testemunhar a construção de uma ou mais cabanas destruídas por um incêndio. No quadrado J9 identificou-se um piso de terra queimada, avermelhada, com abundantes ramagens incarbonizadas, em conexão com os orifícios de poste. A escassez de espólio é notável na C.1c; até

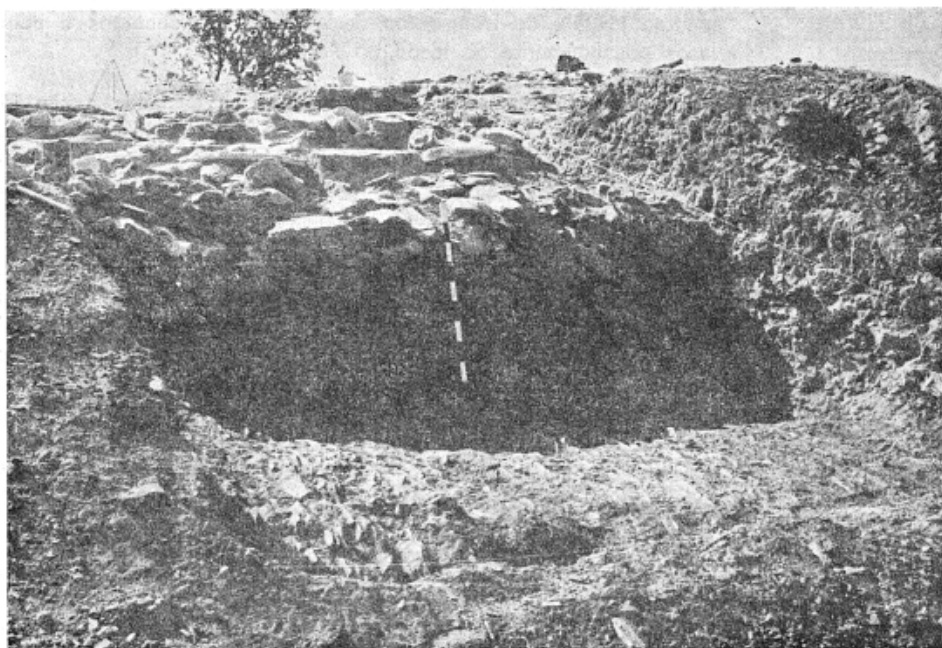


Fig. 35 — Cortadouro. Aspecto da face exterior do amuralhado.

este momento recolheram-se somente os restos de dois grandes recipientes fragmentados numa área muito restrita (quadrado H 10). Finalmente, numa terceira e última ocupação, correspondente à C.1b, foram construídos os muros radiais de pedra seca e os dois muros em arco e paralelos postos a descoberto quando da remoção da C.1a. Esta última ocupação carece de parâmetros cronológicos pois os escassos fragmentos de cerâmica recente encontrados são atípicos.

A ocupação que neste trabalho nos interessa, a calcolítica, é estudada com base no espólio proveniente da escavação da C.2 (a, b e c) dos quadrados H 10, I 10, I 11, I 12, I 13, J 11, J 12 e J 13.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

Não se encontraram subprodutos do talhe. Exumaram-se apenas 5 utensílios: 2 em sílex e 3 em xisto local (fig. 37). A ausência de subprodutos de talhe sugere que os dois artefactos em sílex chegaram ao Cortadouro, pelo menos à área escavada, já em estado definitivo. De salientar também a ausência de qualquer fragmento ou nódulo de sílex.

A fraca representação da indústria lítica é notória quer em valor absoluto quer relativamente ao espólio cerâmico (5,4 %); a sua frequência relativamente à totalidade do espólio é de 5,0 %.

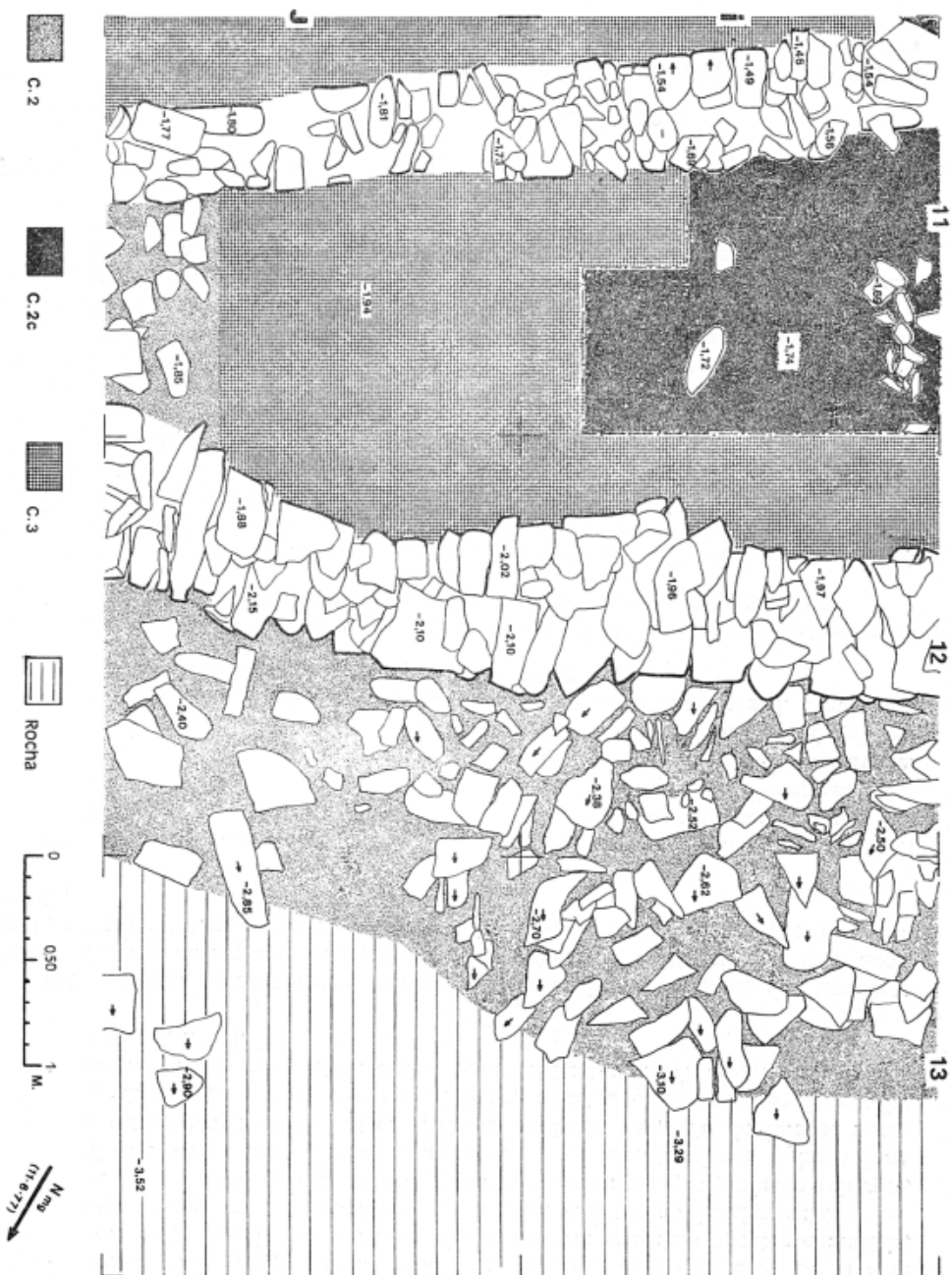


Fig. 36 — Cortadoiro. Plano dos quadrados I 11 - I 13 e J 11 - J 13. De notar (da esquerda para a direita): troço de muro calcolítico; amuralhado da mesma época e pedras resultantes do desmoronamento deste.

- Furador em sílex castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2) e castanho amarelado escuro (10 YR 4/2), sobre lâmina de talão facetado, bolbo de percussão proeminente, secção transversal triangular, secção longitudinal quase sem curvatura e bordos com dois amplos e cavados **encoches** opostos e mesiais, constituídos por retoque inverso e abrupto. A ponta do furador, axial e destacada por dois amplos **encoches** que apresentam retoque profundo e abrupto, directo no **encoche** direito e inverso no esquerdo, é robusta e larga (larg. mínima 4 mm.; compr. 22 mm.). Na extremidade da ponta do furador foram praticados pequenos retoques oblíquos, directos e inversos, conferindo-lhe um perfil em duplo bisel. Dimensões : 59x28x6 mm.. $L/l = 2,1$; $e/l = 0,2$. (Fig. 37, n.º 1).

Este artefacto apresenta uma morfologia singular dentro do grupo dos furadores do Calcolítico em Portugal. O seu particularismo advém da existência dos dois **encoches** opostos, na lâmina-suporte, os quais seriam possivelmente destinados ao encaimento.

- Lâmina não retocada com possíveis traços de uso no bordo direito («faca»), em sílex laranja-acinzentado (10 YR 7/4) e castanho-amarelado escuro (10 YR 4/2). Encontra-se fragmentada transversalmente, tendo desaparecido a zona proximal. Secção transversal triangular. Secção longitudinal encurvada. Bordo direito côncavo; bordo esquerdo convexo. Extremidade distal sub-retangular com espessura ligeiramente superior à da zona mesial. Dimensões actuais : 79x30x9 mm.. $e/l = 0,3$. (Fig. 37, n.º 2).
- Denticulado sobre fragmento de xisto, constituído por dois **encoches** contíguos, clactonenses e directos. Dimensões: 41x21x7 mm. (Fig. 37, n.º 3).
- Ponta de seta de base recta e bordos rectilíneos, em xisto jaspoide de textura fina e fractura concoidal, castanho-avermelhado escuro (10 R 3/4) e vermelho pálido (5 R 6/2). Retoque do anverso e do reverso rasante e oblíquo, marginal e invasor. Extensas áreas do anverso e do reverso não retocadas. Secção transversal biconvexa. Secção longitudinal quase sem curvatura. Dimensões : 36x23x3 mm.. $L/l = 1,5$; $e/l = 0,1$. (Fig. 37, n.º 4).
- Ponta de seta de base côncava, bordos rectilíneos e aletas direitas, em xisto cinzento-azeitona claro (5 Y 6/1) com manchas castanho-avermelhadas pálidas (10 R 5/4). Bordos com retoque marginal e invasor. Áreas relativamente extensas do anverso e reverso não retocadas. Secção transversal biconvexa. Secção longitudinal convexo-côncava, acentuadamente encurvada. Dimensões : 34x15x3 mm.. $L/l = 2,2$; $e/l = 0,2$. (Fig. 37, n.º 5).

UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA

Encontra-se representada por 2 peças (fig. 38, n.ºs 1 e 2) :

- Enxó feita a partir de um seixo fluvial achatado de xisto cinzento-azeitona claro (5 Y 6/1), cinzento-azeitona (5 Y 4/1) e negro-azeitona (5 Y 2/1) com

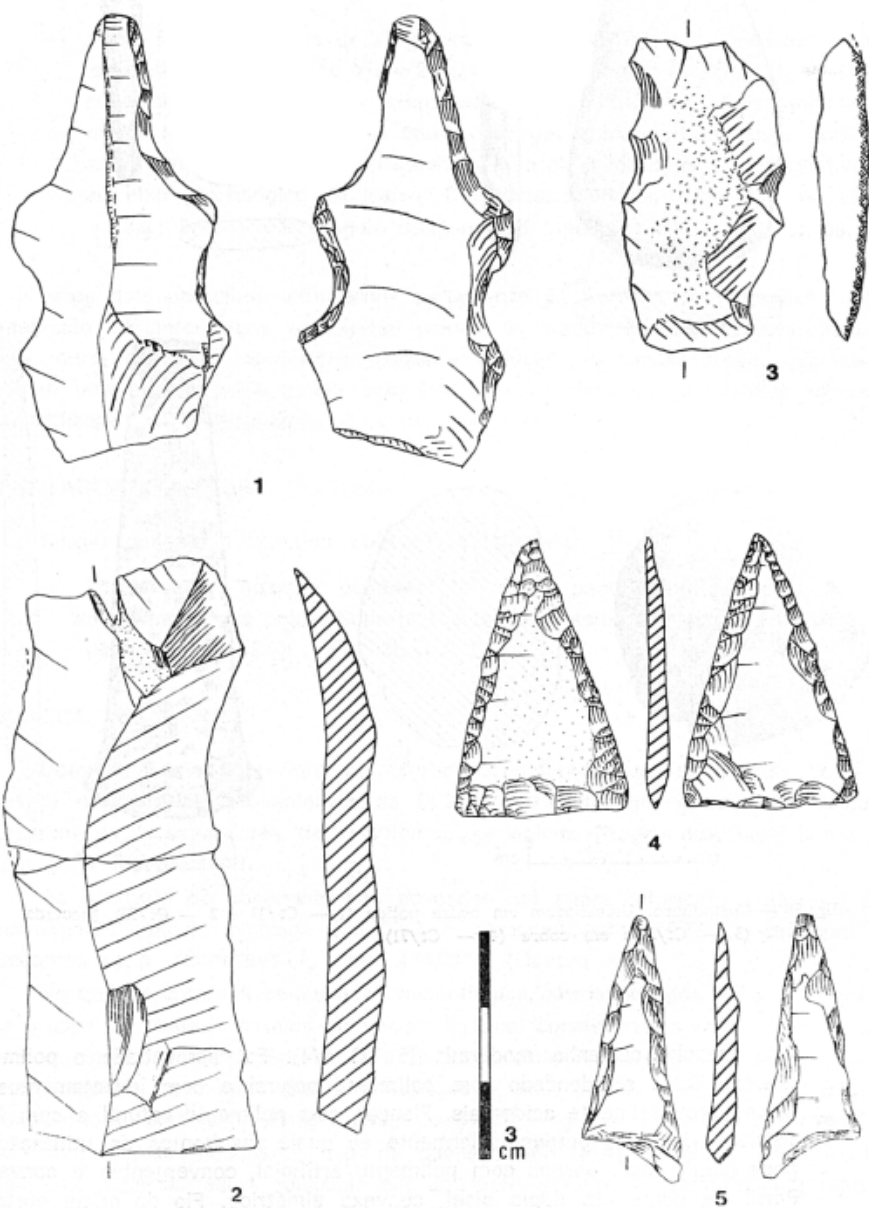


Fig. 37 — Cortadouro. Utensilagem em pedra lascada.

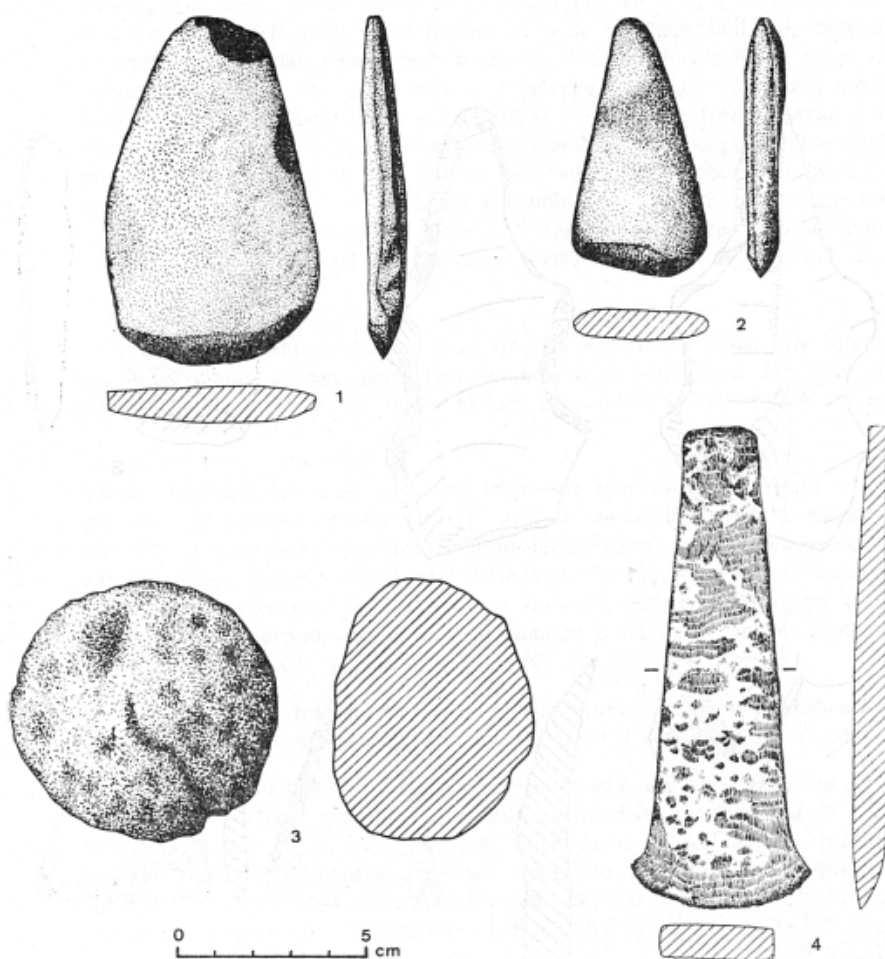


Fig. 38 — Cortadouro. Utensilagem em pedra polida (1 — Ct/23 e 2 — Ct/70), picotada (3 — Ct/52) e em cobre (4 — Ct/71).

uma mancha castanha moderada (5 YR 4/4). Foi aproveitado o polimento natural. Talão arredondado com polimento natural e com levantamentos de lascas provavelmente acidentais. Flancos com polimento natural e com finas estrias orientadas perpendicularmente ao gume resultantes da utilização da peça como enxó. Bordos com polimento artificial, convergentes e convexos. Perfil do gume em duplo bisel, convexo simétrico. Fio do gume cortante, convexo e simétrico. Secção transversal sub-rectangular; secção longitudinal

sub-rectangular com uma ligeira convexidade no flanco superior. Dimensões : 91x55x10 mm.. $L/l = 1,6$; $l/e = 5,5$; $L/e = 9,1$; ângulo do gume aprox. 60° ; peso = 74,30 gr.. (Fig. 38, n.º 1).

- Seixo fluvial achatado de xisto cinzento escuro (N3) com manchas castanho-amareladas escuras (10 YR 4/2) e castanhas médias (5 YR 5/4), de contorno sub-triangular e secções transversal e longitudinal sub-rectangulares. A acção humana manifesta-se através de um gume cortante cujo perfil apresenta um bisel duplo, plano simétrico. Fio do gume dissimétrico relativamente ao eixo morfológico do seixo. Dimensões : 68x36x10 mm. $L/l = 1,8$; $l/e = 3,6$; $L/e = 6,8$; ângulo do gume 60° ; peso = 28,78 gr. (Fig. 38, n.º 2).

Estes dois utensílios, destinados certamente ao trabalho sobre madeira pois os gumes são cortantes, uma das peças possui os traços de uso característicos das enxós, outra apresenta dimensões bastante reduzidas e ambas foram executadas a partir de uma matéria prima pouco resistente, parecem denunciar um fabrico improvisado com utilização da matéria-prima disponível no local.

UTENSILAGEM EM PEDRA PICOTADA

Surgiu somente 1 percutor poliédrico-esferoidal :

- Percutor em quartzo, poliédrico a tender para esferoidal, com acentuado achatamento nos polos. Superfície lateral picotada. Dimensões : 69x68x54 mm.; peso = 350, 26 gr.. (Fig. 38, n.º 3).

CERÂMICA. RECIPIENTES

Como dissemos anteriormente, foram considerados na elaboração desta nota somente os materiais provenientes da C.2, a correspondente à ocupação calcolítica. Exumaram-se 92 exemplares de recipientes cerâmicos (fragmentos com bordo e de forma geral identificável).

Ao contrário do observado nos povoados até agora referidos, a pasta é predominantemente pouco compacta (38,03%) e semi-compacta (34,77%), em geral com abundantes e.n.p. superiores a 1 mm. (74,98%) (Quadro XIV).

No que se refere à composição mineralógica/petrográfica dos e.n.p. distinguem-se dois grupos de pastas : o mais numeroso, ao qual correspondem quase sempre pastas pouco ou semi-compactas, apresenta e.n.p. de quartzo e xisto e ausência de mica — fabrico local (?) ; o menos abundante (apenas 9 exs.) possui e.n.p. de quartzo e mica, estando o xisto ausente e sendo a pasta compacta — grupo oriundo de outra região (?).

Contrastando igualmente com os povoados do Norte do Baixo Alentejo, a cor revela aqui uma cozedura realizada em ambiente geralmente redutor com uma fase de arrefecimento em ambiente oxidante (Quadro XV).

Quadro XIV — Cortadouro. Distribuição dos grupos de pasta pelas formas cerâmicas.

Formas Pasta	1	2	3	5	7	9	Total	
							V.N.	%
1.1	—	—	—	—	1	—	1	1,08
1.2	2	1	4	5	1	—	13	14,13
1.3	—	6	3	1	1	—	11	11,95
2.1	—	3	—	1	2	1	7	7,60
2.2	1	5	4	11	3	1	25	27,17
3.1	—	—	—	—	2	—	2	2,17
3.2	5	5	2	14	6	1	33	35,86
	8	20	13	32	16	3	92	99,96

Quadro XV — Cortadouro. Distribuição dos grupos de cor pelas formas cerâmicas.

Formas Cor	1	2	3	5	7	9	Total	
							V.N.	%
1	4	6	6	12	4	2	34	36,95
2	—	1	—	2	2	1	6	6,52
3.1	3	1	2	1	2	—	9	9,78
3.2	—	1	—	3	3	—	7	7,60
3.3	1	11	5	13	5	—	35	38,04
3.4	—	—	—	1	—	—	1	1,08
	8	20	13	32	16	3	92	99,97

Quadro XVI — Cortadouro. Formas cerâmicas (C. 2).

	V.N.	%
1 — Prato de b. s/esp.	8	8,69
2 — Prato de b. almendr.	20	21,73
3 — Taça de b. esp. int.	13	14,13
5 — Taça em calote	32	34,78
7 — Esférico	16	17,39
9 — Globular	3	3,26
	92	99,98

- 2.2 — Lábio plano, formando aresta viva com o interior (var. 2).
- 2.3 — Lábio convexo, sem aresta interna; a superfície externa pode acompanhar o perfil da superfície interna aproximando-se da **forma 1.3** mas distinguindo-se desta por possuir um ligeiro espessamento interno convexo (var. 3).
- 3 — **Taça larga de bordo espessado internamente** — lp' entre 20 e 41; $Dbe > 280$ mm.; base convexa; bordo espessado internamente (por vezes também com espessamento externo) e lábio plano ou convexo-aplanado:
- 3.1 — Lábio aplanado; espessamento interno de secção triangular e aresta interior acentuada (var. 1).
- 3.2 — Lábio convexo-aplanado; espessamento interno convexo (var. 2).
- 4 — **Taça carenada** — recipiente pouco profundo — lp' entre 10 e 40 — e largo, formado por um fundo quer em calote quer aplanado, e por um corpo, sub-cilíndrico ou tronco-cónico, separado daquele por uma carena:
- 4.1 — Carena alta (lhc entre 56 e 75) e pouco vincada; parede sub-vertical ou ligeiramente inclinada para o interior; fundo pouco convexo (lhc de 11 a 20); bordo sem espessamento (var. 1).
- 4.2 — Carena muito baixa ($lhc \leq 25$), baixa (lhc de 26 a 45) ou média (lhc de 46 a 55); parede sub-vertical, ligeiramente inclinada para o interior ou para o exterior; fundo pouco (lcf de 11 a 20) ou muito pouco convexo ($lcf < 10$), por vezes quase plano; bordo só muito raramente com ligeiro espessamento interno ou externo (var. 2).
- 4.2.1. — Superfície externa da parede, plana ou ligeiramente convexa.
- 4.2.2 — Superfície externa da parede ligeiramente côncava.
- 4.3 — Carena alta (lhc de 56 a 75) ou muito alta ($lhc > 75$); parede sempre inclinada para o interior; fundo entre pouco (lcf de 11 a 20) e muito convexo (lcf de 31 a 40); bordo sem espessamento (var. 3):
- 4.3.1 — Parede com a superfície externa côncava e a superfície interna convexa; a superfície interna da parede faz um ângulo agudo com a superfície interna do fundo.
- 4.3.2. — Parede com a superfície externa plana e a interna côncava; separação pouco acentuada e não angulosa entre a superfície interna da parede e a superfície interna do fundo.
- 4.4 — Carena alta (lhc de 56 a 75) ou muito alta ($lhc > 75$); parede sub-vertical, podendo ser ligeiramente inclinada para o interior ou para o exterior; fundo convexo (lcf de 21 a 30) ou pouco convexo (lcf de 11 a 20); lábio aplanado e largo com espessamento interno (perfil afim do da taça larga de bordo espessado internamente) (var. 4).
- 5 — **Taça em calote** — recipiente em calote de esfera cujo lp' varia entre 20 e 60 (em linguagem comum podia ser designado por tigela).

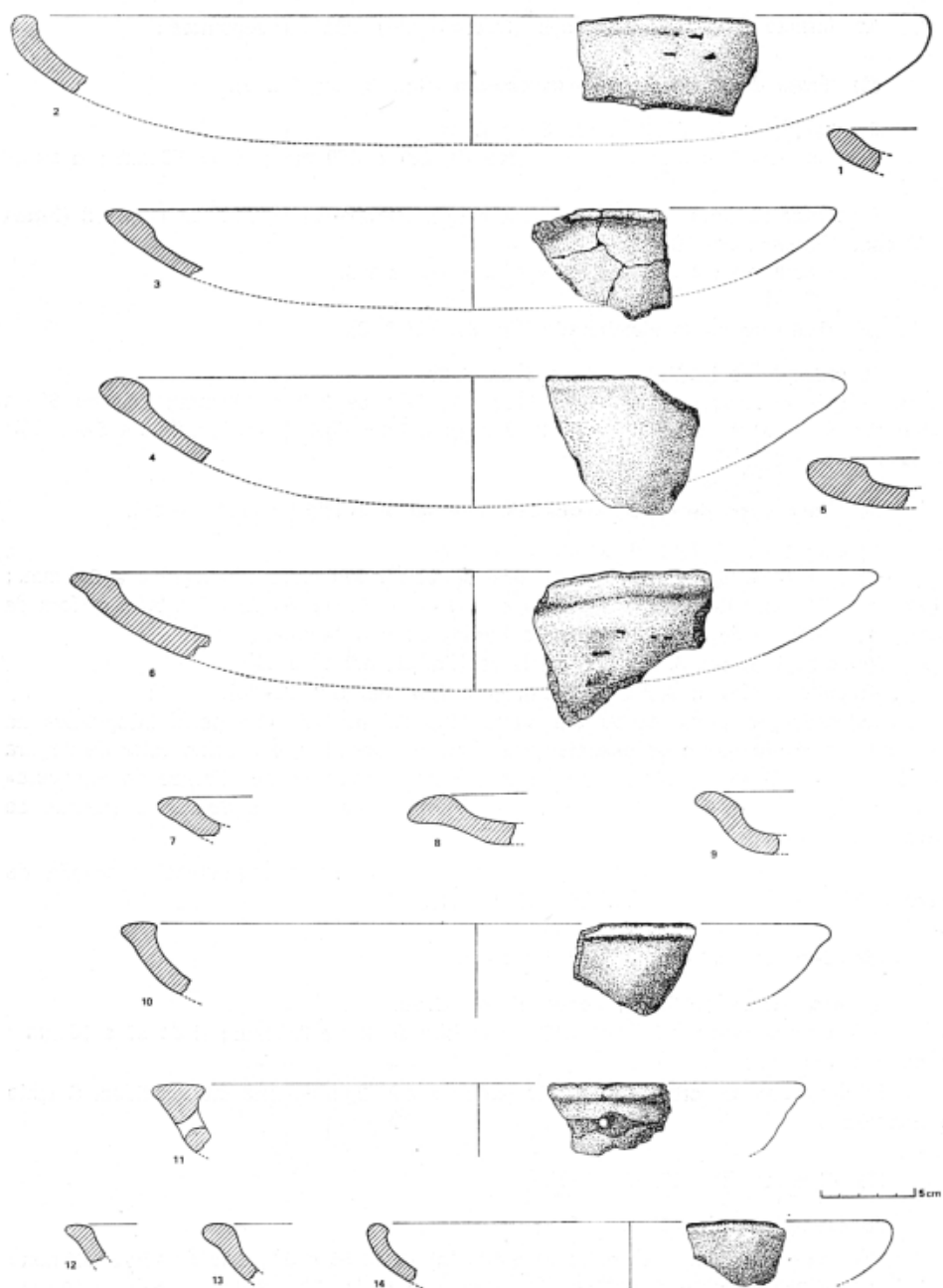


Fig. 39 — Cortadoiro. Cerâmica : forma 1 (1 — Ct/25 e 2 — Ct/63) ; forma 2 (3 — Ct/143, 4 — Ct/118, 5 — Ct/5, 6 — Ct/84, 7 — Ct/122, 8 — Ct/85 e 9 — Ct/19) e forma 3 (10 — Ct/135, 11 — Ct/98, 12 — Ct/20, 13 — Ct/89 e 14 — Ct/48). Red. 1/4.

As formas gerais identificadas (Quadro XVI) são as seguintes :

(1) Prato de bordo sem espessamento (fig. 39, n.º 1 e 2).

8 exemplares (8,69%), sendo 3 da C.2c.

Valores observados : lp' = 14 ; Dbe de 240 a 480 mm. ; H = 70 mm. ; e de 10 a 15 mm..

Presentes as variantes **1 (forma 1.1)** com 2 exemplares (fig. 39, n.º 1) e a **2 (forma 1.2)** com 6 exemplares (fig. 39, n.º 2).

Lábio convexo em 5 exemplares e aplanado em 3.

(2) Prato de bordo almendrado (fig. 39, n.º 3-9).

20 exemplares (21,73%), sendo 5 da C.2c.

Valores observados : lp' entre 14 e 17 ; Dbe de 330 a 430 mm ; Dbi de 300 a 380 mm. ; H de 55 a 70 mm. ; lb de 18 a 31 mm. ($\bar{x}$ = 25,4 + 4,15) ; llb de 5,4 a 6,7 ; e de 8 a 14 mm.

(3) Taça larga de bordo espessado internamente (fig. 39, n.º 10-14).

13 exemplares (14,13%), sendo 3 da C.2c.

Valores observados : lp' = 20 ; Dbe de 280 a 380 mm. ; Dbi de 260 a 350 mm. ; H de 55 a 75 mm. ; lb de 12 a 25 mm. ($\bar{x}$ = 16,4 + 3,71) ; llb de 3,6 a 7,4 ; e (fora da zona de influência do espessamento do bordo) de 8 a 14 mm..

Variante **1 (forma 3.1)** : 7 exemplares (fig. 39, n.º 10 e 11).

Variante **2 (forma 3.2)** : 6 exemplares (fig. 39, n.º 12-14).

De realçar a presença de um bordo (fig. 39, n.º 14) cujo perfil integrámos na variante 2 mas em que o espessamento interno, arredondado, e o baixo valor da largura do lábio (lb = 12 mm.) lembra uma forma que se desenvolve no «Bronze do Sudoeste» (cf. **Forma 1** da necrópole da Provença — Farinha dos Santos, Soares e Tavares da Silva, 1974 b).

2 exemplares possuem furo de suspensão bicónico e transversal à parede do vaso, a 20 e a 32 mm. do lábio. (Fig. 39, n.º 11).

(5) Taça em calote (fig. 40, n.º 1-3).

32 exemplares (34,78%), sendo 15 da C.2c.

Valores observados : lp' entre 29 e 45 ; Dbe de 130 a 320 mm ; H de 50 a 95 mm. ; e de 5 a 12 mm..

Predominam os bordos rectos (23 exs.) ; 9 são ligeiramente introvertidos. O lábio é convexo.

(7) Esférico (fig. 40, n.º 4-7).

16 exemplares (17,39%).

Valores observados : lp'' entre 61 e 69 ; lab entre 86 e 97 ; Dbe de 160 a 400 mm ; Dbi de 150 a 390 mm. ; Dp (Dmx) de 245 a 460 mm. ; H de 170 a 320 mm. ; e de 7 a 12 mm..

Os bordos são quase exclusivamente rectos e sem espessamento (13 exs.) ; 1

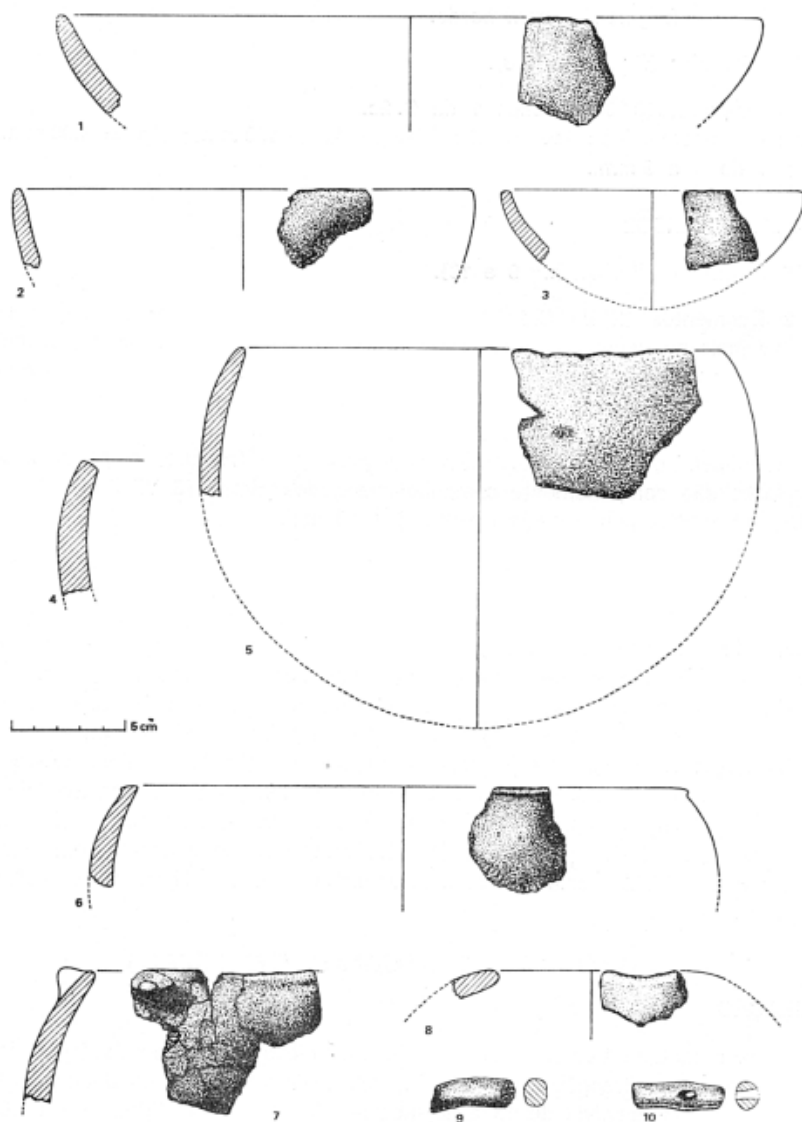


Fig. 40 — Cortadouro. Cerâmica : forma 5 (1 — Ct/30, 2 — Ct/67 e 3 — Ct/101) ; forma 7 (4 — Ct/99, 5 — Ct/87, 6 — Ct/66 e 7 — Ct/61) ; forma 9 (8 — Ct/102), crescentes (9 — Ct/109 e 10 — Ct/129). Red. 1/3.

possui ligeiro espessamento externo (fig. 40, n.º 6); 2 são ligeiramente introvertidos. Apenas 4 têm o lábio aplanado; os restantes exemplares possuem-no convexo.

Verificou-se a presença de mamilos sub-cónicos situados junto ao lábio (entre 0 e 3 mm.) em 2 fragmentos com bordo.

(9) Globular (fig. 40, n.º 8).

3 exemplares (3,26%), sendo 1 da C.2c.

Valores observados: **lab** = 40; **Dbe** de 80 a 150 mm.; **Dp** = 200 mm.; **H** = 160 mm.; **e** de 6 a 9 mm..

CERÂMICA. DIVERSOS

«Crescentes» (fig. 40, n.º 9 e 10).

12 fragmentos (2 da C.2c), de secção sub-circular. Quase todos, mesmo os fragmentos mais pequenos (fragmento menor com 15 mm. de compr.; fragm. maior com 40 mm.) apresentam a característica curvatura. 1 exemplar tem na extremidade um dos furos terminais. Pasta muito porosa, mas em geral pouco friável e com escassos e.n.p. superiores a 1 mm..

Predominam os de cor totalmente (superfície e fractura) cinzenta escura. Só 2 exemplares são completamente castanho-amarelados claros (5 YR 6/2).

Diâmetro máx. compreendido entre 8 e 13 mm..

METAL

Como testemunho da prática da metalurgia do cobre no Cortadouro, surgiu *in situ*, na C.2c, sobre um solo de **habitat**, entre o amuralhado e o muro paralelo a este, no quadrado I 11, um «pingo» de fundição com 14x8x7 mm e o peso de 2,84 gr..

Fora do amuralhado mas sob as pedras resultantes do seu desmoronamento (quadrado J 12) apareceu 1 machado plano de contorno sub-trapezoidal, com bordos rectos, gume em crescente, secção transversal rectangular, secção longitudinal sub-rectangular afilada no gume, compr.: 260 mm., larg. do gume: 46,5 mm., larg. da zona mesial: 30 mm., larg. do talão: 20 mm., esp.: 9,5 mm e peso: 232,2 gr. (fig. 38, n.º 4). Este machado integra-se no tipo 4-5 de Monteagudo (1965). Exemplares semelhantes têm sido encontrados em outras jazidas calcolíticas, nomeadamente em Vila Nova de S. Pedro (Paço, A. do, 1945).

POVOADO DE ALCALAR (PORTIMÃO)

LOCALIZAÇÃO

Ocupa a metade Este (450x200 m.) de uma elevação amesetada (cota de 75 m.), alongada segundo a direcção E. NE — W. SW. cujas vertentes, de declive entre 20% e 30%, vencem um desnível de 15 a 30 metros (figs. 42 e 43). Situa-se a 4 600 m. (em linha recta) para N. NE. da Mexilhoeira Grande, sede da freguesia a que pertence (distrito de Faro, concelho de Portimão). A zona com maior densidade de achados é definida, na quarícula hectométrica do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa, pelas coordenadas:



Fig. 41 — Localização do povoado calcolítico de Alcázar na carta de 1 : 25 000. Indica-se a situação dos monumentos (numeração de G. e V. Leisner) da necrópole de Alcázar.

$$\begin{aligned} x &= 159 \ 3 \\ y &= 25 \ 7 \end{aligned} \quad (23)$$

Assenta sobre calcários do Mesozoico e dele se domina uma região de relevo baixo, fértil e sulcada por numerosos cursos de água (destacam-se as ribeiras da Senhora do Verde e do Farelo). (Fig. 41).

Os numerosos achados pré-históricos identificados nos arredores do povoado por Estácio da Veiga, Santos Rocha e J. Formosinho testemunham as favoráveis condições que a região oferecia à fixação humana. Merece especial referência a necrópole de tholoi de Alcalar, situada nas terras baixas com 13 monumentos publicados, que se estendem para Norte, Nordeste e Noroeste do local do povoado, e nas suas proximidades (a tholos que se encontra a menor distância — monumento n.º 13 — está separada por uns escassos 150 metros da base do povoado). Também no Monte Canelas (cerca de 1 km, para Norte), Estácio da Veiga (1886, I, 241) assinala o aparecimento de machados de pedra polida, percutores e fragmentos de cerâmica semelhante à da necrópole de Alcalar.

PROSPECÇÃO

Visitámos pela primeira vez o local do povoado de Alcalar no dia 1 de Janeiro de 1975. Procedemos então a uma exaustiva prospecção de superfície que forneceu abundantes testemunhos do Calcolítico dispersos por uma área de aproximadamente 450 m. (segundo a direcção E.-W.), por 200 m. (direcção N.-S.). A maior densidade de materiais verificou-se na extremidade Este do «cabeço» (200 m.x200 m.) incluindo a encosta desse mesmo lado. Além de abundantes fragmentos de cerâmica e de alguns objectos líticos, assinalou-se a presença de numerosas conchas de moluscos marinhos, principalmente da espécie *Tapes decussatus*, não só à superfície dos terrenos como também à profundidade de 0,50 m. (observação efectuada no talude do caminho que, pela encosta Este, dá acesso ao cimo da elevação).

A existência de grande número de blocos de calcário e um ligeiro aumento de cota seguido de um brusco desnível em alguns pontos do bordo oriental da parte superior da elevação pode indicar a presença de restos de um amuralhado.

A jazida arqueológica encontra-se muito destruída devido a uma exploração agrícola intensiva aí praticada em regime de pequena propriedade.

UTENSILAGEM EM PEDRA LASCADA

Os documentos que recolhemos reduzem-se a 4 subprodutos de talhe em sílex cinzento, acastanhado claro (5 YR 6/1), cinzento-acastanhado (5 YR 4/1) e cinzento-azeitona escuro (5 Y 3/1).

UTENSILAGEM EM PEDRA POLIDA/PICOTADA

Fragmento com talão de um instrumento de pedra polida. Secção transversal rectangular. Esp. 17 mm..

(23) Carta Militar de Portugal, Esc. 1 : 25 000, folha 594 (Mexilhoeira Grande), Serviços Cartográficos do Exército, 1952.

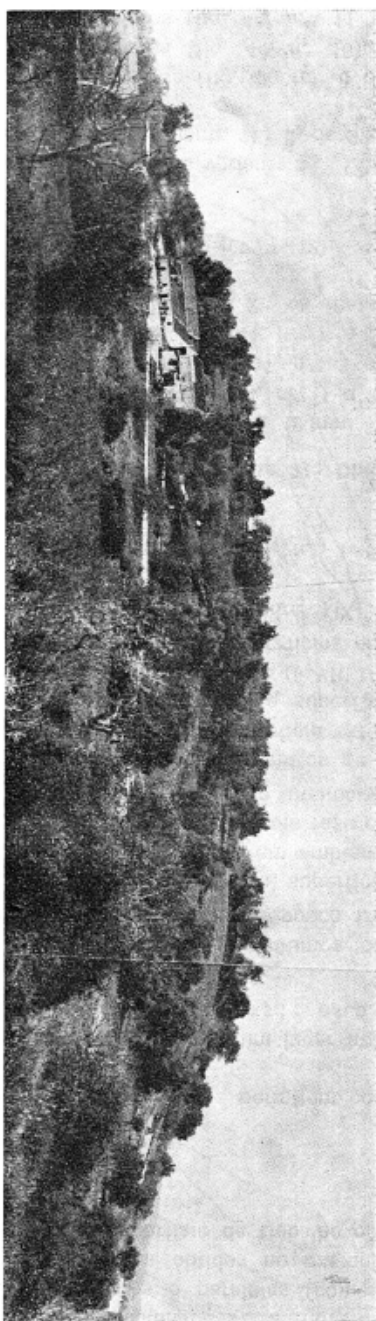


Fig. 42 — O local do povoado de Alcañar visto de E. NE. (do monumento 7).

3 elementos de mó em rochas magmáticas: 2 moventes fragmentados, ambos com duas superfícies de trabalho opostas e paralelas (compr. 118 mm., larg. 80 mm., esp. 40 mm. e peso 512,75 gr. — valores obtidos no exemplar melhor conservado); 1 dormente muito fragmentado com a superfície de trabalho côncava e a base convexa (esp. 58 mm.).

CERÂMICA. RECIPIENTES

Obtiveram-se 65 fragmentos com bordo que permitem conhecer a forma geral do respectivo recipiente.

As pastas pouco e semi-compactas ocupam um lugar importante (22 exemplares) mas a pasta compacta continua a dominar (43 exs.); e.n.p. em geral superiores a 1 mm. (Quadro XVII).

Os e.n.p. são, na sua maioria, de quartzo; admitimos, com reservas, a presença de grãos de feldspato, calcário e calcite; a mica é pouco frequente.

Embora predominem os exemplares (33) com superfícies e fractura castanho-avermelhadas que, por conseguinte, foram cozidos em ambiente oxidante, é elevado o número dos que foram cozidos em ambiente redutor com fase de arrefecimento oxidante (25 exs.); 7 foram cozidos e arrefeceram em ambiente totalmente redutor (Quadro XVIII).

Nos pratos de bordo sem espessamento, nos pratos de bordo almendrado e nas taças largas de bordo espessado internamente a superfície externa é quase sempre mal alisada e muito irregular enquanto, pelo contrário, a superfície interna é muito bem alisada, por vezes com uma aguada castanho-chocolate (5 YR 3/4) polida. Os fragmentos pertencentes às restantes formas apresentam as superfícies geralmente erodidas.

Foram identificadas as seguintes formas (Quadro XIX):

(1) Prato de bordo sem espessamento (fig. 44, n.º 1-6).

9 exemplares.

Valores observados: $lp' = 13$ (1 ex. da variante 2); Dbe de 270 a 390 mm:

$H = 45$ mm. (1 exemplar da variante 2); e de 6 a 19 mm..

Variante 1 (forma 1.1): 2 exemplares (fig. 44, n.º 1 e 2).

Variante 2 (forma 1.2): 4 exemplares (fig. 44, n.º 3 e 6).

Variante 3 (forma 1.3): 3 exemplares (fig. 44, n.º 4 e 5).

Lábio aplanado: 2 exemplares da forma 1.2; os restantes têm lábio convexo.

(2) Prato de bordo almendrado (fig. 44, n.º 7-12).

13 exemplares.

Valores observados: $lp' = 12$ (1 ex. da variante 1); Dbe de 400 a 460 mm.; Dbi de 350 a 400 mm.; $H = 55$ mm. (1 ex. da variante 1); lb de 22 a 41 mm. ($\bar{x} = 28,5 \pm 5,63$); lib de 6,9 a 7,0; e de 10 a 19 mm..

Variante 1 (forma 2.1): 5 exemplares (fig. 44, n.º 8 e 9).

Variante 2 (forma 2.2): 2 exemplares (fig. 44, n.º 10).

Variante 3 (forma 2.3): 6 exemplares (fig. 44, n.º 11 e 12).

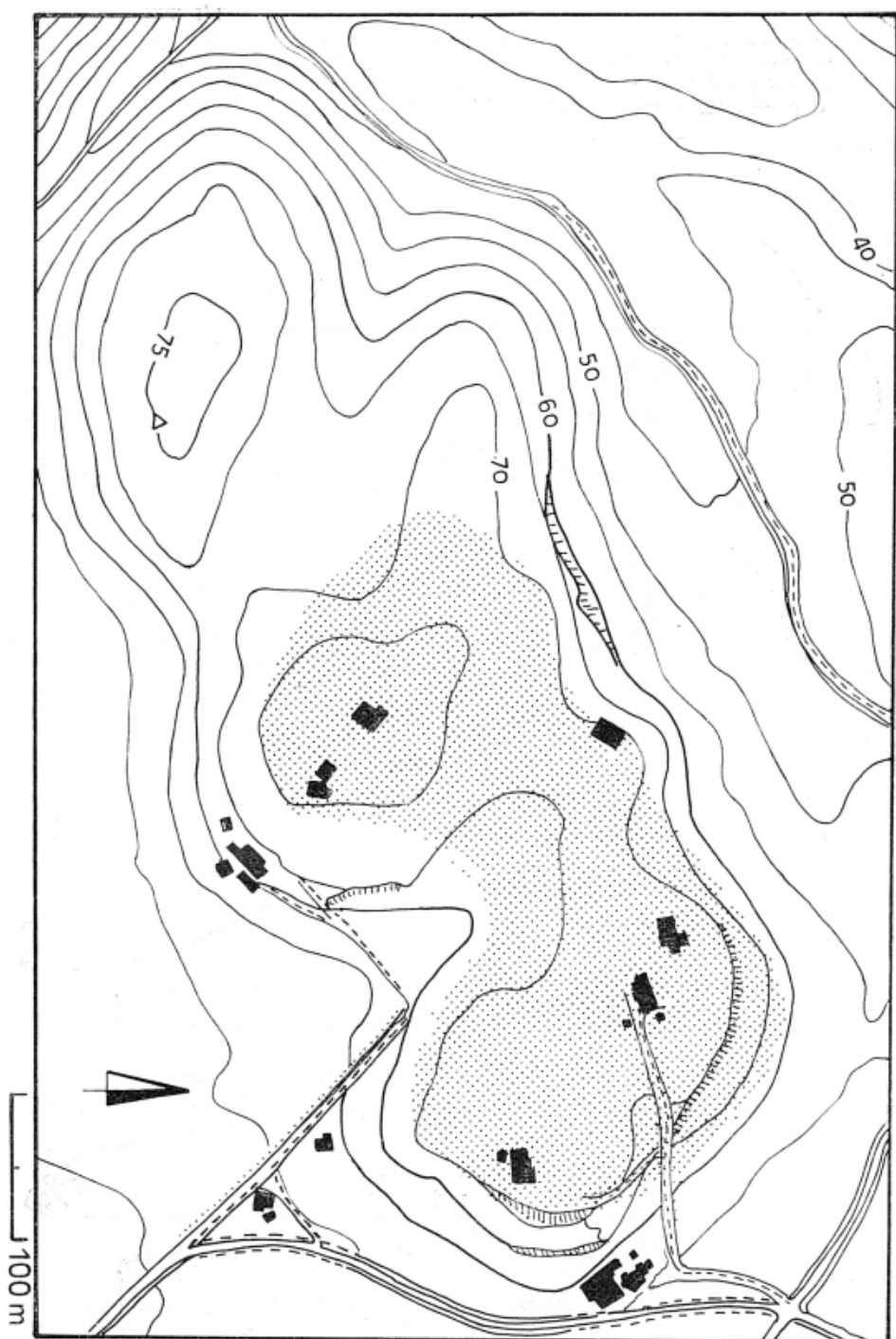


Fig. 43 — Localização do povoado calcolítico de Alcázar na carta de 1 : 5 000. A pontando, a zona cuja prospeção de superfície forneceu material calcolítico.

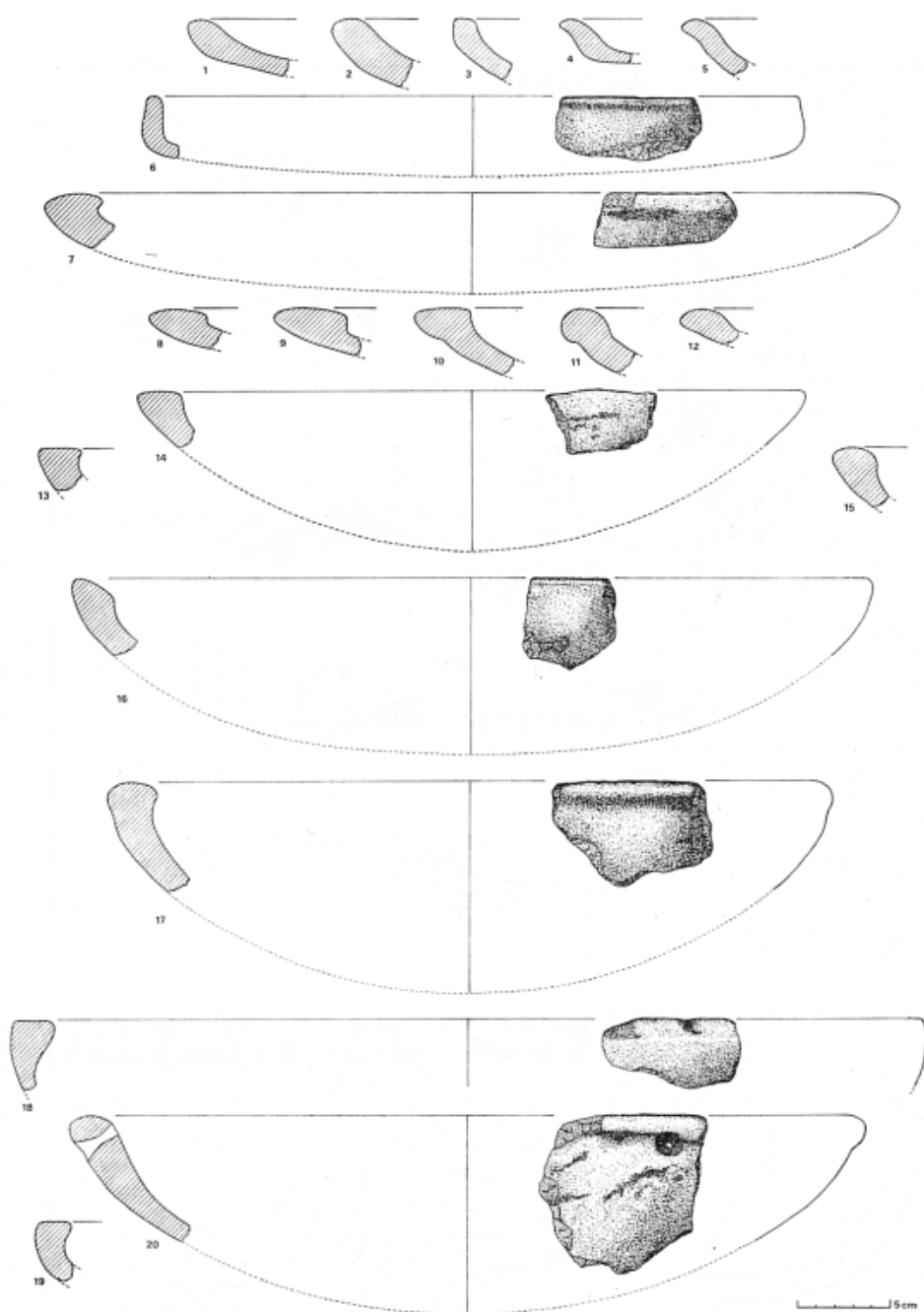


Fig. 44 — Povoado de Alcalar. Cerâmica: **forma 1** (1 — Al/60, 2 — Al/27, 3 — Al/43, 4 — Al/51, 5 — Al/78 e 6 — Al/85), **forma 2** (7 — Al/37, 8 — Al/68, 9 — Al/3, 10 — Al/29, 11 — Al/28 e 12 — Al/25) e **forma 3** (13 — Al/54, 14 — Al/34, 15 — Al/47, 16 — Al/2, 17 — Al/65, 18 — Al/30, 19 — Al/13 e 20 — Al/1). Red. 1/4.

- 6 — **Vaso de corpo alto e bordo extrovertido** — forma geral indeterminada ; o perfil do bordo indica um recipiente de corpo alto, parede ligeiramente inclinada para o exterior e bordo extrovertido ⁽⁴⁾.
- 7 — **Esférico** — recipiente cuja forma geral se baseia na esfera : fundo esférico e ausência de colo ou carena ; lp' ou $lp'' > 60$; Dbe igual ou pouco inferior ao Dp bordo sub-vertical, podendo apresentar ligeira inclinação para o interior o que o torna pouco fechado — $lab > 70$; $Dbe > 100$ mm.
- 8 — **Pequeno esférico** — características morfológicas gerais iguais às do esférico ; distingue-se apenas pelo facto de possuir $Dbe < 100$ mm.
- 9 — **Globular** — recipiente esférico de boca fechada ; bordo muito inclinado para o interior — $lab < 70$; Dp igual ou superior a H mas não ultrapassando $1,5 \times$ o valor desta.
- 10 — **«Pote»** — recipiente de grandes dimensões, de forma geral aproximadamente globular ; bordo espessado.

CABEÇO DA MINA (TORRÃO DO ALENTEJO)

LOCALIZAÇÃO

Ocupa a zona Sul (cerca de 150 metros de extensão) de uma elevação conhecida por Mina ou Cabeço da Mina, alongada segundo a direcção N.—S., de vertentes de declive entre 20% e 30% que vencem uma diferença de nível da ordem dos 60 metros (fig. 3) ; situa-se a cerca de 7,7 km. (em linha recta) para E. SE. da vila do Torrão, 8,5 km. para W.S.W. de Vila Nova da Baronia e 1,6 km. para E.NE. do Monte das Cortes Pequenas a cuja herdade pertence parcialmente (Distrito de Setúbal—Distrito de Beja, concelho de Alcácer do Sal — concelho de Alvito e freguesia do Torrão — freguesia de Vila Nova da Baronia ⁽⁵⁾ (Fig. 2).

A zona central da estação arqueológica é definida, na quadrícula hectométrica do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa ⁽⁶⁾ pelas coordenadas :

$$\begin{aligned}x &= 199\ 7 \\y &= 145\ 2\ (7)\end{aligned}$$

O Cabeço da Mina, que se avista do Torrão e se salienta na planície quando ao deslocarmos desta povoação para Vila Nova da Baronia olhamos para o nosso lado

-
- (4) **Bordo recto** sempre que não existe mudança nítida de direcção relativamente à da parede do vaso ; pode ser **recto vertical**, **recto inclinado para o exterior** e **recto inclinado para o interior**. **Bordo extrovertido** quando inflecte para o exterior, havendo mudança nítida de direcção em relação à da parede do vaso.
 - Bordo introvertido** quando inflecte para o interior, havendo mudança nítida de direcção relativamente à da parede do vaso.
 - (5) O limite dos referidos distritos, concelhos e freguesias atravessa o Cabeço da Mina, dividindo-o longitudinalmente ao meio.
 - (6) **Utilização da Quadrícula Militar Portuguesa na elaboração de estatísticas com base cartográfica**, Comissão de Planeamento da Região de Lisboa, 1975.
 - (7) **Carta Militar de Portugal**, Serviços Cartográficos do Exército, Folha 487, 1:25 000, Ed. de 1944.

(3) **Taça larga de bordo espessado internamente** (fig. 44, n.º 13-20).

15 exemplares.

Valores observados: **lp'** entre 22 e 29; **Dbe** de 360 a 490 mm.; **Dbi** de 320 a 440 mm.; **H** de 85 a 130 mm.; **lb** de 14 a 27 mm. ($x = 19,5 \pm 4,28$); **lib** de 4,6 a 6,9; **e** de 9 a 17 mm..

Variante 1 (**forma 3.1**): 8 exemplares. Alguns, possuem o espessamento interno pouco acentuado e outros, o lábio a tender para convexo.

Variante 2 (**forma 3.2**): 7 exemplares. As afinidades entre o perfil de alguns destes exemplares e o do **prato do bordo almendrado** são muito evidentes; só a sua profundidade (**lp'** > 2) nos leva a incluí-los no grupo das taças.

1 exemplar é atravessado, a cerca de 12 mm. do lábio, por um furo de suspensão cónico.

(5) **Taça em calote** (fig. 45, n.º 1-4).

18 exemplares.

Valores observados: **lp'** entre 24 e 42; **Dbe** de 200 a 350 mm.; **H** = 85 mm.; **e** de 6 a 15 mm.

Predominam os bordos rectos (16 exs.); somente 2 são ligeiramente introvertidos. Ausência de espessamento. 12 com o lábio convexo e 6 com o lábio aplanado.

(7) **Esférico** (fig. 45, n.º 5-9).

8 exemplares.

Valores observados: **lp''** entre 68 e 86; **lab** entre 95 e 102 (o **Dbe** é, neste último caso, superior ao **Dp** devido ao espessamento externo do bordo); **Dbe** de 110 a 250 mm.; **Dbi** de 100 a 240 mm.; **Dp** de 220 a 255 mm.; **H** de 160 a 190 mm.; **e** de 6 a 12 mm..

Os bordos são, na sua maioria rectos; 2 mostram-se ligeiramente extrovertidos; 1 possui acentuado espessamento externo (fig. 45, n.º 9). Lábios quase exclusivamente convexos (1 é aplanado).

3 exemplares (com bordo) apresentam mamilos pouco alongados e situados junto ao bordo (entre 5 e 10 mm. abaixo do lábio); pela sua altura (9-10 mm.) e largura (18-21 mm.) parecem ter-se comportado como elementos de preensão.

Quadro XVII — Povoado de Alcalar. Distribuição dos grupos de pasta pelas formas dos vasos.

	Forma 1	2	3	5	7	9	10	Total V.N.
Pasta								
1.2	1	3	—	—	2	—	—	6
1.3	6	6	9	11	4	—	1	37
2.1	1	—	—	—	—	—	—	1
2.2	—	3	2	3	—	—	—	8
3.2	1	1	4	4	2	1	—	13
	9	13	15	18	8	1	1	65

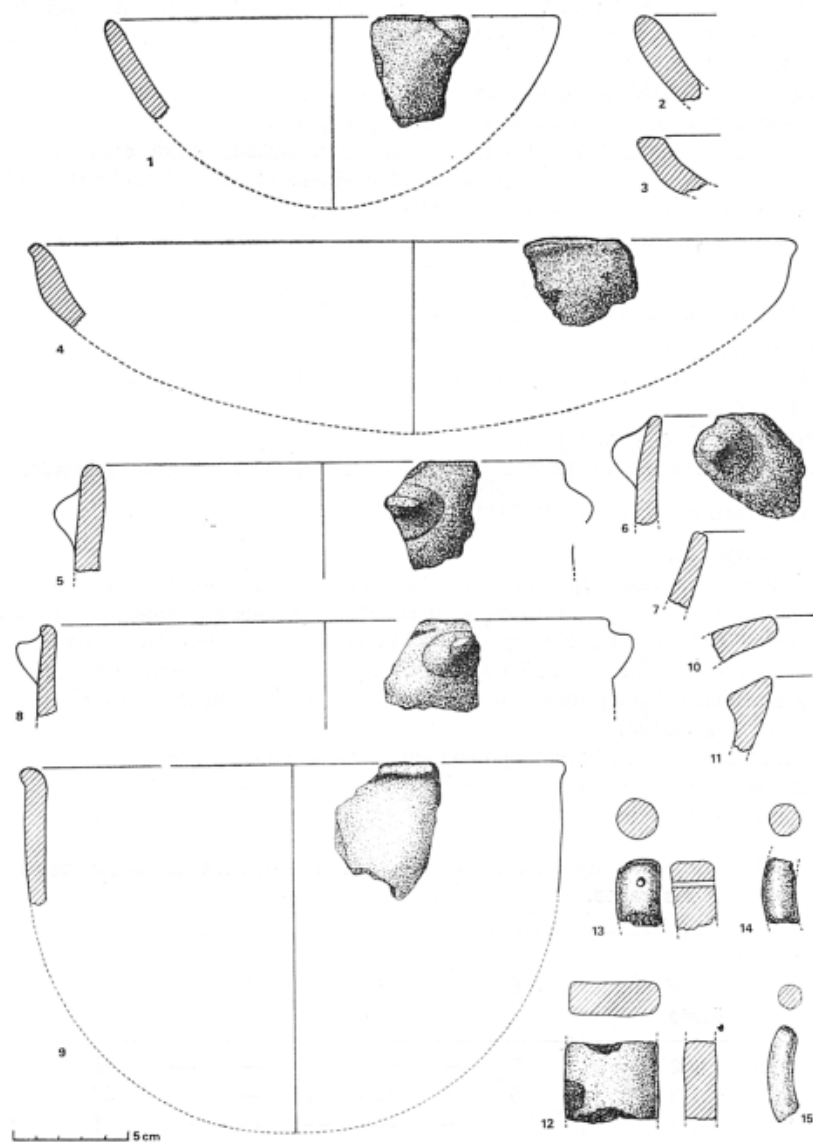


Fig. 45 — Povoado de Alcázar. Cerâmica: **forma 5** (1 — Al/14, 2 — Al/7, 3 — Al/71 e 4 — Al/58), **forma 7** (5 — Al/40, 6 — Al/61, 7 — Al/80, 8 — Al/88 e 9 — Al/89), **forma 9** (10 — Al/19), **forma 10** (11 — Al/95), «peso de tear»? (12 — Al/48), crescentes (13 — Al/49, 14 — Al/16 e 15 — Al/63). Red. 1/3.

Quadro XVIII — Povoado de Alcalar. Distribuição dos grupos de cor pelas formas dos vasos.

Formas	1	2	3	5	7	9	10	Total V.N.
Cor								
1	6	7	8	8	4	—	—	33
2	1	1	—	2	2	—	1	7
3.1	—	—	—	1	—	—	—	1
3.2	—	—	—	—	2	—	—	2
3.3	2	5	7	7	—	1	—	22
	9	13	15	18	8	1	1	65

Quadro XIX — Povoado de Alcalar. Formas.

Forma	V.N.
1	9
2	13
3	15
5	18
7	8
9	1
10	1
	65

(9) Globular (fig. 45, n.º 10).

1 exemplar.

e = 14 mm..

(10) «Pote» (fig. 45 ; n.º 11).

1 exemplar.

e = 9 mm..

O bordo apresenta um acentuado espessamento externo de secção triangular.

Cerâmica. Diversos

«Peso de tear» (?) (fig. 45, n.º 12).

1 fragmento mesial de um presumível «peso de tear». Secção rectangular ; arestas

ligeiramente boleadas. Pasta compacta e fina (escassos e.n.p. superiores a 0,5 mm.). Superfícies e fractura totalmente castanho-avermelhadas.

Larg. 41 mm.; esp. 15 mm..

a

«Crescentes» (fig. 45, n.º 13-15).

5 fragmentos, de secção sub-circular e longitudinalmente encurvados. Um deles possui os restos de um dos furos terminais.

Pasta compacta: 4 exemplares com escassos e.n.p. superiores a 0,5 mm.; 1 com abundantes e.n.p. superiores a 1 mm. Fractura e superfícies castanho-avermelhadas em 4 exemplares e com o núcleo da fractura acinzentado em 1.

O diâmetro máximo varia entre 10 e 20 mm..

CONCLUSÕES

Os povoados que acabámos de apresentar integram dois grandes horizontes: o representado pelo Cabeço da Mina e por Vale Pincel II que parece marcar a fase inicial do Calcolítico do Baixo Alentejo e o representado pelos povoados de Monte Novo, Cortadouro e Alcalar, nitidamente do Calcolítico pleno e ao qual correspondem as **tholoi** do Sudoeste.

Verificámos, com efeito, que os materiais mais característicos exumados no Cabeço da Mina — as **taças carenadas**, as **taças largas de bordo espessado internamente**, os **esféricos com mamilos de preensão alongados**, os «pesos de tear» com um furo em cada topo — se encontram igualmente presentes em Vale Pincel II, a cerca de 70 km., no litoral. (24) (Fig. 46).

Observámos, em seguida, que a poucas centenas de metros de Vale Pincel II, numa zona elevada da encosta Sul do maciço eruptivo dos Chãos de Sines (Monte Novo), se localiza um outro povoado calcolítico mas que não forneceu nem **taça carenada**, nem placas de barro com um furo em cada topo e onde o esférico com mamilos alongados é quase nulo. Em contrapartida, em Monte Novo recolheram-se abundantes fragmentos de **prato de bordo almendrado** e de «crescentes» em barro, materiais ausentes (25) em Vale Pincel II bem como no Cabeço da Mina; a **taça larga de bordo espessado internamente** continua, porém, a ocupar a importância percentual verificada nos dois últimos.

Finalmente, notámos que Monte Novo encontra paralelos em dois outros povoados, um situado no Sul do Baixo Alentejo — o Cortadouro no qual a prática da metalurgia do cobre se encontra indiscutivelmente testemunhada —, outro no Algarve litoral — o de Alcalar, correspondente à necrópole de monumentos de falsa cúpula conhecida pelo mesmo nome. Tanto no Cortadouro como em Alcalar surgiram em número significativo os **pratos de bordo almendrado** e os «crescentes» em barro; a **taça carenada** está, tal como em Monte Novo, ausente.

(24) Há, contudo, diferenças a assinalar, principalmente no que respeita à frequência das formas cerâmicas, (fig. 46), que poderão ser explicadas por diversas ordens de factores: enquadramentos ecológicos e substratos culturais específicos; falta de homogeneidade do conjunto cerâmico de Vale Pincel II em resultado de uma possível contaminação por materiais de um fundo mais antigo a que poderia corresponder a C. 2; reduzidas dimensões da área escavada e prospeção não sistemática em V. P. II: possibilidade de variações laterais na concentração das formas cerâmicas.

(25) A presença em Vale Pincel II de um exemplar considerado com reservas como «crescente» pode indicar uma maior antiguidade para estas peças que viriam a desenvolver-se no Calcolítico pleno.

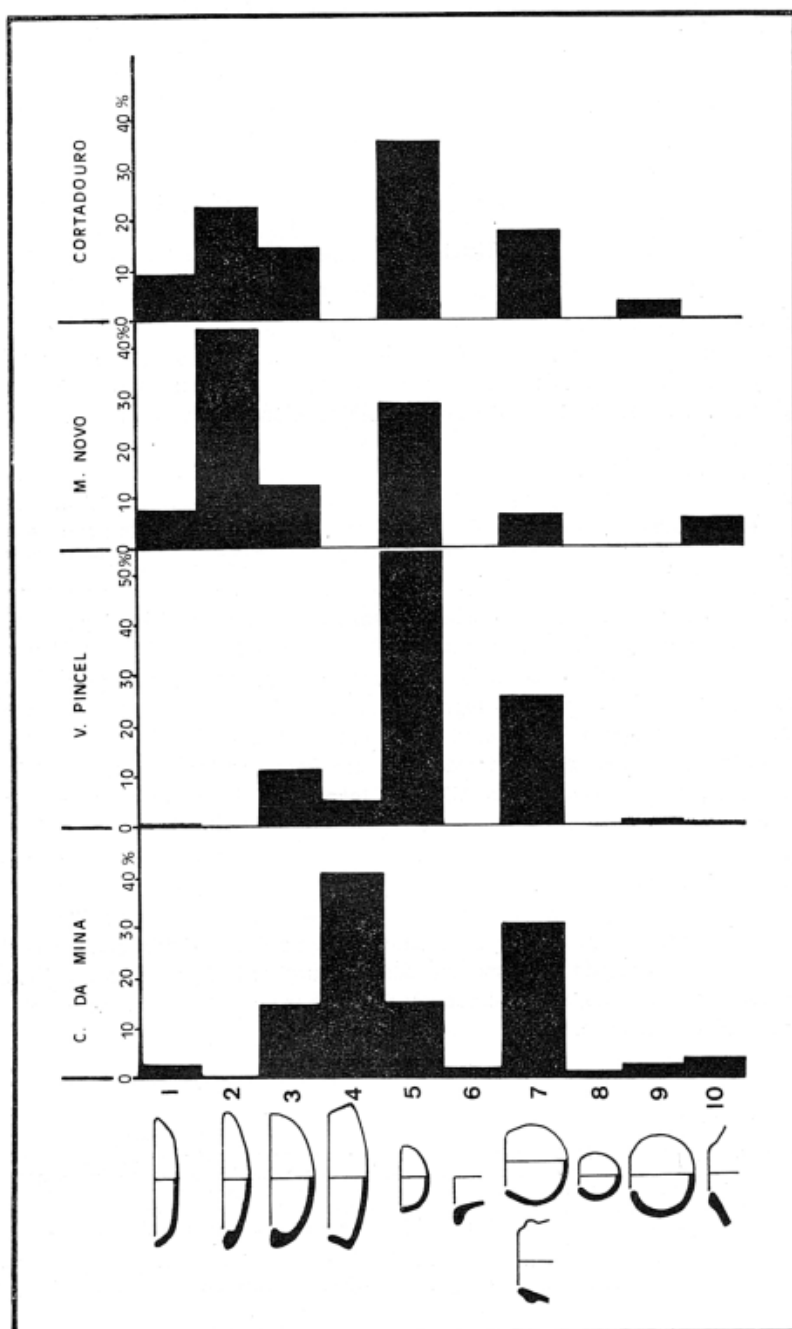


Fig. 46 — Histogramas indicativos da distribuição das formas cerâmicas nos povoados do Cabeço da Mina, Vale Píncel II, Monte Novo e Cortadouro.

A análise crono-corológica que faremos de alguns desses materiais permite localizar o horizonte do Cabeço da Mina/Vale Pincel II no Calcolítico inicial ou mesmo numa fase de transição do Neolítico para o Calcolítico e o de Monte Novo/Cortadouro/Alcalar no Calcolítico pleno e, assim, descobrir na encosta Sul dos Chãos de Sines uma «estratigrafia horizontal» com o «estrato inferior» em Vale Pincel II e o «superior» em Monte Novo (fig. 47).

O final do Calcolítico, ou seja, o Horizonte Campaniforme, encontra-se representado nas regiões de Sines e do Torrão pelos estabelecimentos habitacionais respectivamente de Vale Vistoso (Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1976-77) e da Barrada do Grilo (Farinha dos Santos, M., Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1972), ambos com cerâmica campaniforme exclusivamente incisa.

Detenhamo-nos, pois, na análise crono-corológica de três das formas cerâmicas mais características.

A **taça carenada** surge no litoral estremenho em contextos do Neolítico médio/recente (Camada B do Mon. 1 de Olelas — Cunha Serrão, E. da e Prescott Vicente, E. da, 1958), do Neolítico final (Câmara Ocidental da Praia das Maças — Leisner, V., 1965 —, estrato B da Lapa do Fumo, datado pelo C14 de 3090 ± 160 a.C. — Cunha Serrão, E. da e Marques, G., 1971) e do Calcolítico inicial (Parede I — Paço, A. do, 1964); de assinalar ainda o seu aparecimento em meios claramente calcolíticos como a **tholos** da Praia das Maças⁽²⁶⁾ (Leisner, V., 1965) e o Castro do Zambujal (Paço, A. do e al., 1964). No Alto Alentejo, nomeadamente na região de Reguengos (representada quase sempre por exemplares de pequenas dimensões), ocorre em dólmens considerados da fase de apogeu da cultura megalítica alentejana, com espólios que revelam contemporaneidade com o Neolítico final e o Calcolítico inicial/médio da Estremadura (Anta 1 do Paço, Anta 1 dos Gorginos, Anta 1 do Cebolinho, Anta Grande do Olival da Pega — Leisner, G. e V., 1951). Além disso, a sua presença na **tholos** da Farisoa mostra uma nítida posição calcolítica no seio da cultura megalítica de Reguengos. A distribuição desta forma por todo o Sudoeste peninsular levou-nos ainda a outros povoados do Neolítico final/Calcolítico inicial⁽²⁷⁾ como o Possanco (Ribeiro, L. e Sangmeister, E., 1967) e Papa Uvas — Huelva (Garrido, J. P., 1975) e do Calcolítico como Valencina de la Concepcion — Sevilha (Ruiz Mata, D., 1975). Deste modo, a **taça carenada**, de origem neolítica⁽²⁸⁾, teria atingido o seu máximo desenvolvimento no Calcolítico inicial da Estremadura e do Sudoeste, em meios culturais de profundas tradições neolíticas (Parede I); entraria, seguidamente, em rápido declínio, podendo surgir, muito esporadicamente, em ambientes plenamente calcolíticos.

A **taça larga de bordo espessado internamente**, de perfil muito semelhante ao da **taça** com decoração campaniforme, tipo Palmela, não pode, evidentemente, ser atribuída exclusivamente ao Horizonte Campaniforme. Neste momento, os dados mais seguros

(26) Embora os exemplares da câmara ocidental e da **tholos** do monumento da Praia das Maças, bem como o do estrato B da Lapa do Fumo apresentem perfis iguais ou muito semelhantes aos dos exemplares dos nossos povoados, distinguem-se destes por serem de pequenas dimensões.

(27) Não podemos deixar de referir um exemplar da variante 4 encontrado no Cabeço do Pez (Torrão), concheiro do Mesolítico em fase de neolitização, com cerâmica impressa, incisa e plástica atribuída ao Neolítico médio (Farinha dos Santos, M., Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1974).

(28) Sejam ainda de considerar as flagrantes afinidades formais entre esta **taça** e os «vases a fond bombé et paroi dégaie» do Chasséen (Vaquer, J., 1975).

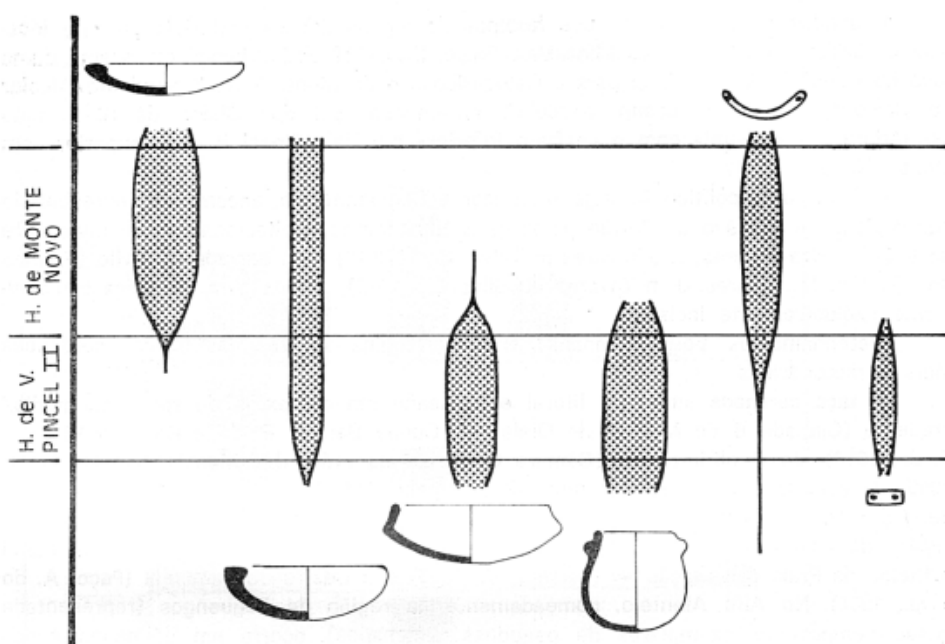


Fig. 47 — Diagrama evolutivo de algumas formas cerâmicas dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve.

que possuímos provêm da Rotura. No estudo da cerâmica estratificada deste povoado (Tavares da Silva, C., 1971), verificou-se que a **taça larga de bordo espessado internamente** surge logo no nível mais profundo, juntamente com taça canelada e sem «folha de acácia», considerado de um momento avançado do Calcolítico inferior. Do Pedrão provieram duas destas taças, decoradas internamente segundo a técnica do «canelado», tendo sido integradas no Horizonte dos Copos Canelados — Calcolítico inicial da Estremadura — (Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1975). Outros achados mostram uma localização cronológica no Calcolítico pleno do Sudoeste: **tholos** de La Zarcita e de El Moro, ambas em Huelva (Cerdan. C., Leisner, G. e V., 1975). A origem pré-calcolítica desta forma é sugerida pelo achado de um exemplar no **tumulus** do monumento megalítico da Palhota (Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1976-77). Em face destes dados, defendemos recentemente (Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1975-77) que a taça tipo Palmela teria resultado da aplicação a uma forma indígena e, por conseguinte, pré-campaniforme, da técnica decorativa campaniforme assimilada e recriada pelas populações autóctones ao contactarem com o vaso campaniforme internacional surgido por via exógena nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal.

O **prato de bordo almeadrado** encontra na Rotura a sua melhor definição estratigráfica: estando presente, em reduzida percentagem, no nível mais profundo, o qual

	TEJO (Ribatejo e Estremadura)	BAIXO ALENTEJO E ALGARVE	HUELVA-SEVILHA
-1500	H. campaniforme (Rotura III)	Bronze I do Sudoeste H. campaniforme/ Ferradaira	H. campaniforme
-2000	Cerâmica c/ Decoração tipo folha de acácia (Rotura II)	Prato de bordo almendrado (Monte Novo)	Prato de bordo almendrado (Valencina)
-2500	Copos canelados (Rotura I)	Taça carenada (Vale Pínel II)	Taça carenada (Papa Uvas)
-2700			

Fig. 48 — Quadro cronológico do Calcolítico para o Sudoeste peninsular.

apresenta abundantes indícios da prática da metalurgia do cobre juntamente com taça canelada (mas sem copo canelado) e é atribuível a um momento final do Calcolítico inferior da Estremadura, atinge o seu máximo desenvolvimento nos níveis médios, imediatamente pré-campaniformes, do Horizonte «Folha de Acácia», e decresce nos níveis superiores, do Horizonte Campaniforme (Tavares da Silva, C., 1971). O que se verifica na Rotura parece repetir-se em toda a área do Sudoeste peninsular, isto é, a presente forma ocorre predominantemente, ao contrário da **taça carenada**, em meios marcadamente calcolíticos; assim, surge em grande abundância no povoado de Valencina de la Concepcion (Ruiz Mata, D., 1975) e, no que se refere a monumentos funerários desta área, é sobretudo em **tholoi** que tem sido encontrada (Amendoeira Nova — Ourique, monumentos 2 e 3 de Monte Velho — Algarve, monumento 3 de Alcalar, El Moro — Huelva, La Zarcita — Huelva, San Bartolomé de la Torre — Huelva). Os poucos monumentos de carácter dolménico que forneceram exemplares deste prato foram utilizados numa fase calcolítica: Nora (Algarve) e El Pozuelo 3 (Huelva). No Alto Alentejo, a sua presença faz-se sentir exclusivamente em dólmenes muito evoluídos:

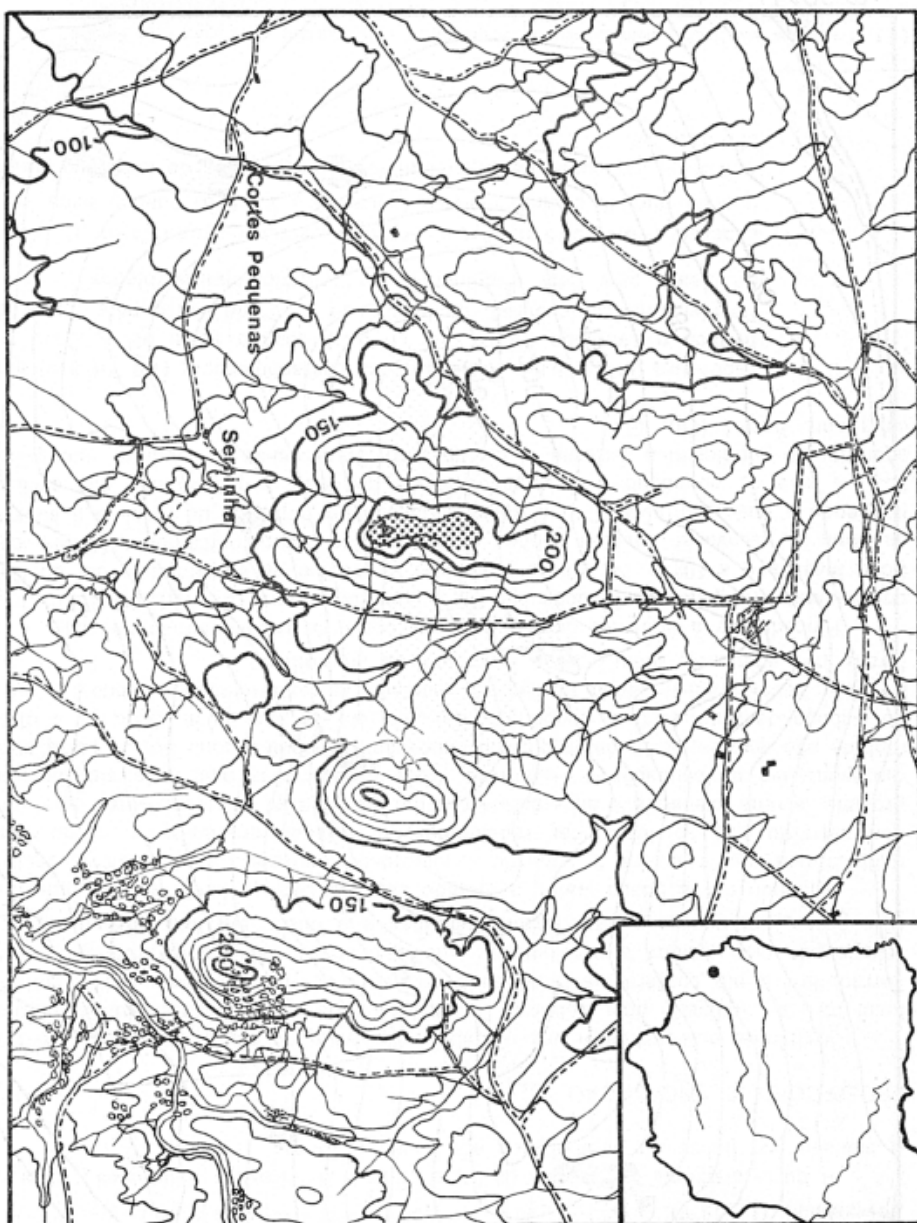


Fig. 2 — Situação do Cabeço da Mina na carta de 1 : 25 000.

Anta 1 do Cebolinho, Anta Grande do Olival da Pega e Anta Grande da Comenda da Igreja (Leisner, G. e V., 1959). Nesta província, povoados como o «Castelo» do Giraldo (Paço, A. do e Ventura, J.F., 1961) e Famão (Arnaud, J. M., 1971) forneceram igualmente **prato de bordo almendrado**.

A ausência de outras tentativas de estudo dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve dificulta a procura dos traços mais característicos da economia e da organização social que lhes correspondem. Contudo, não podemos deixar de referir alguns aspectos mais relevantes relacionados com o modo de produção.

O desenvolvimento das forças produtivas, baseado fundamentalmente no domínio das técnicas agrícolas, teria conduzido ao aparecimento de um excedente económico que permitiu a implantação da metalurgia do cobre. Esta necessitaria de artífices especializados que seriam mantidos através dos excedentes acumulados. De notar, com efeito, que a sociedade megalítica pré-calcolítica — fosse de carácter tribo-patriarcal, possuindo como unidade económico-social básica a família patriarcal (a cada família podia corresponder um monumento megalítico construído em regime de entre-ajuda com o concurso colectivo de outras famílias, facto que iria reforçar o papel eminentemente económico do agregado familiar), ou conhecesse uma organização marcadamente hierarquizada e correspondente a uma forma embrionária de Estado, organização afim da do modo de produção asiático, o que nos parece pouco plausível no estado actual dos nossos conhecimentos dado o tipo dos povoados até agora identificados e o número elevado de monumentos megalíticos existentes em áreas reduzidas — teria necessariamente de produzir um considerável excedente económico.

Com o desenvolvimento da metalurgia do cobre, melhor, com o incremento de uma economia agro-metalúrgica ocorre essa grande divisão social do trabalho que se traduz, como atrás ficou implícito, na existência dos seguintes grupos sociais diferenciados: por um lado, os agricultores, os criadores de gado, os caçadores e os recolectores e, por outro, os artífices especializados ligados à metalurgia, nas mãos dos quais se vai acumulando o sobreproduto adquirido pelo trabalho dos primeiros. Com esta grande divisão social gera-se um processo que levará à diferenciação da comunidade em classes antagónicas e no decurso do qual surgem as primeiras formas de guerra.

Ao observar-se na região de Sines a morfologia inerente a cada estabelecimento humano, desde o Mesolítico ao Calcolítico pleno, nota-se que, enquanto até esta última etapa os povoados se localizam em zonas baixas e abertas sem quaisquer condições naturais ou artificiais de defesa (Vale Marim, Vale Pincel I e Vale Pincel II), no Calcolítico pleno há a preocupação de se escolher um local elevado, um dos mais elevados da área em questão, do qual se domina uma vasta paisagem e onde se constroem estruturas muito possivelmente defensivas (Monte Novo). Todos os outros povoados estudados no presente trabalho (excepção feita a Vale Pincel II que poderá ser de uma fase de transição do Neolítico para o Calcolítico e cuja economia, embora assentando parcialmente na agricultura, se encontraria muito dependente da exploração dos recursos do mar) indicam igualmente boas condições naturais e, por vezes, artificiais (Cortadouro, Alcalar?) de defesa. O mesmo, aliás, se verifica quanto à ocupação calcolítica da Estremadura. Se estes dados podem mostrar de uma forma indirecta a vincada

diferenciação social que terá tido lugar no Sul de Portugal com o advento da prática da metalurgia do cobre, a necrópole correspondente ao povoado de Alcalar fornece pelo menos um testemunho directo do mesmo fenómeno. Assim, no monumento n.º 3, não obstante se manter a prática do «enterramento colectivo», é nítido o destaque dado ao indivíduo do sexo masculino sepultado no «nicho» lateral da câmara.

Um estudo mais aprofundado dos povoados agora noticiados poderá vir a revelar traços ainda mais evidentes da referida grande divisão social do trabalho que se poderia ter manifestado não apenas no seio de cada um dos diversos povoados mas, inclusivamente, na distinção entre povoados: é significativa a diferença existente entre um povoado como o Cortadouro que, por hipótese, constituiria um pequeno centro especializado na metalurgia do cobre e um povoado como Alcalar que, pelas suas dimensões e pela necrópole que, pelo menos em parte, lhe corresponde⁽²⁹⁾ representaria, possivelmente, uma forma embrionária de organização urbana.

Pelo que ficou dito, e ainda que não possamos, por enquanto, definir o modo de produção da sociedade calcólica do Sul de Portugal, cremos estar em presença de uma fase de transição da sociedade igualitária para a sociedade de classes. E não podemos esquecer, como aponta J. Suret-Canale (1974), que entre uma e outra há todas as transições possíveis.

(29) Não sabemos se não existirão outros povoados da mesma época relacionados com as *hotoi* da região; considerem-se as referências de Estácio da Veiga (1886, I, 241) a Monte Canelas.

RÉSUMÉ

Les habitats correspondant aux **tholoi** du Bas-Alentejo et Algarve n'étaient pas connus jusqu'à présent.

Les seuls habitats calcolithiques connus dans le Bas-Alentejo appartenaient à l'Horizon Campaniforme (Barrada do Grilo, Vale Vistoso, Outeiro de S. Bernardo).

Dans ce travail on présente les cinq premiers habitats calcolithiques pré-campainiforme du Bas-Alentejo (Cabeço da Mina, Vale Pincel II, Monte Novo, Cortadouro) et de l'Algarve (Alcalar). Leur étude a permis d'isoler deux Horizons au **processus** de calcolithisation du Bas-Alentejo (Fig. 47).

L'Horizon de Vale Pincel II/Cabeço da Mina est le plus ancien. Il appartient au Calcolithique Initial ou même à une phase de transition du Néolithique vers le Calcolithique. Il se caractérise par la présence de l'écuelle carénée (38% à Cabeço da Mina), de vases globuleux qui portent très souvent des moyens de préhension (mamelons en général allongés), de coupes à bord épaissi et de plaques de céramique rectangulaires percées aux extrémités (poids pour le tissage).

L'Horizon de Monte Novo/Cortadouro/Alcalar appartient au Calcolithique plein. Il se caractérise par une prédominance de l'assiette à bord «almendrado», (Fig. 27, n.° 5-17), la présence de «crescentes» (Fig. 28, n.° 17-20) et l'absence de l'écuelle carénée ainsi que de la plaque de céramique rectangulaire percée aux extrémités. À cet Horizon la métallurgie du cuivre était implantée. Il est possible que certains petits établissements aient été essentiellement métallurgistes (Cortadouro). Les habitats de cet Horizon offrent des matériels (assiettes à bord «almendrado», «crescentes») semblables au mobilier des **tholoi** de la région. Ces habitats se situent sur des hauteurs et possèdent des structures défensives. L'industrie lithique a une faible fréquence aux deux horizons. Le type le plus remarquable est la pointe de flèche à base concave qui est commun à tous les deux horizons.

La relation chronologique établie pour les deux horizons se base sur la stratigraphie horizontale présentée par Vale Pincel II et Monte Novo (600 m séparent les deux gisements) et sur la position chronologique des types caractéristiques de chaque horizon dans des gisements d'Estremadura et dans des monuments funéraires du Alentejo et Algarve.

Dans un cas (Alcalar) il a été possible rattacher l'habitat à la nécropole (celle-ci, fouillée depuis la fin du dernier siècle, comporte 13 **tholoi**; la plus proche de l'habitat se situe à 150 m). Ce fait a contribué beaucoup pour la présentation de quelques apré-

ciations sur l'organisation sociale des communautés du Horizon Monte Novo/Cortadouro/Alcalar. En effet, l'observation du riche mobilier du niche du monument n.º 3 de Alcalar pose un problème de différenciation sociale d'un individu relativement aux autres inhumés. En considérant le nombre de monuments, nous pensons que les sépultures pourraient correspondre à des familles et que l'organisation sociale pourrait s'approcher de la notion de l'organisation tribu-patriarcale ; chaque habitat se comportant comme une unité socio-économique.

Los Millares paraît être d'accord avec cette même idée.

L'économie serait essentiellement agricole (abondance de meules et de broyeurs) et il se produisait certainement un excédant économique qui a permis l'implantation de la métallurgie.

Les habitats objet de cet étude trouvent leurs parallèles en Andalousie (Papa Uvas, Valencina de la Concepción). Ils présentent des différences culturelles, au niveau de certains types céramiques et lithiques, avec les habitats d'Estremadura (Vila Nova de S. Pedro) et du Sud-est péninsulaire (Los Millares), mais ils appartiennent au même complexe culturel (Sud de la Péninsule Ibérique), caractérisé par des habitats sur des hauteurs, généralement fortifiés, par la construction des monuments funéraires du type tholos, par le culte de la «déesse-mère» (idoles schématiques d'os ou de pierre) et surtout par une économie agro-métallurgique.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. e ARRIBAS, A., 1963, «El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares», *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, Madrid.
- ARNAUD, J. M., 1971, Os povoados «neo-eneolíticos» de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa. *Notícia preliminar*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.
- BARROS E CARVALHOSA, A. e ZBYSZEWSKI, G., 1972, «Carta geológica de Portugal na escala de 1 : 50 000. Notícia explicativa da Folha 40 - C — Viana do Alentejo», *Serviços Geológicos*, Lisboa.
- BORDES, F., 1975, *Sur la notion de sol d'habitat en préhistoire paleolithique*, «Bulletin de la Société Préhistorique Française. Comptes Rendus des Séances Mensuelles», 72,5, Paris.
- CERDAN MARQUEZ, C., LEISNER G. e LEISNER, V., 1975, *Sepulcros megalíticos de Huelva*, «Huelva: Prehistoria y Antigüedad», Editora Nacional, Madrid.
- CUNHA SERRÃO, E. e MARQUES, G., 1971, *Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.
- CUNHA SERRÃO, E. e PRESCOTT VICENTE, E., 1958, *O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XXXIX, Lisboa.
- DOMERGUE, C. e FREIRE DE ANDRADE, R., 1971, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal): note préliminaire*, «Conimbriga», 10, Coimbra.
- ESTACIO DA VEIGA, S.P.M., 1886 - 1891, «Antiguidades monumentaes do Algarve», I - IV, Lisboa.
- FARINHA DOS SANTOS, M., SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1972, *Campaniforme da Barrada do Grilo (Torreão — Vale do Sado)*, «O arqueólogo Português», VI (S. III), Lisboa.
- 1974 a *O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado — Torreão). Primeira notícia*, «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», I, Porto.
- 1974 b, *Necrópole da Provença (Sines). Campanha de escavações de 1972*, «Arqueologia e História», V, Lisboa.
- GARRIDO, J. P., 1975, *Poblados de la Edad del Bronce y otros elementos culturales*, «Huelva: Prehistoria y Antigüedad», Editora Nacional, Madrid.
- GARRIDO ROIZ, J. P. e ORTA GARCIA, E. M., 1967, «Excavaciones en Niebla (Huelva). El tholos de El Moro», *Excavaciones Arqueológicas en España*, 57, Madrid.
- LEISNER, V., 1965, «Die Megalithgräber Der Iberischen Halbinsel. Der Westen», *Madrider Forschungen*, 1/3, Berlin.
- LEISNER, G. e V., 1943, «Die Megalithgräber Der Iberischen Halbinsel. Der Süden», Berlin.
- 1951, «Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz», Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.
- 1959, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen», *Madrider Forschungen*, 1/2, Berlin.
- LIMA, J. F., 1953, *O Outeiro de S. Bernardo e a cerâmica campaniforme*, «O Arqueólogo Português», II (S. II), Lisboa.
- OLIVEIRA JORGE, V. M., 1973, *Novas estações pré-históricas do litoral de Porto Covo (Sines): Notícia preliminar*, «Actas das II Jornadas Arqueológicas», I, Lisboa.
- PAÇO, A. do, 1964, «Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)», Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- PAÇO, A. do e VENTURA, J. F., 1961, *Castelo do Giraldo (Évora). Trabalhos de 1960*, «Revista de Guimarães», LXXI, Guimarães.
- PAÇO, A. do, LEISNER, V., TRINDADE, L., SCHUBART, H. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1964, *Castro do Zambujal (Torres Vedras)*, Boletim da Junta Distrital de Lisboa, LXI - LXII (S. II), Lisboa.

- RIBEIRO, L. e SANGMEISTER, E., 1967, *Der neolithische fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal*, «Madrider Mitteilungen», 8, Heidelberg.
- RUIZ MATA, D., 1975, *Cerámicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepcion (Sevilla)*, «Madrider Mitteilungen», 16, Heidelberg.
- SCHULE, W. e PELLICER, M., 1966, «El Cerro de la Virgen — Orce (Granada) I», Excavaciones Arqueológicas en España, Madrid.
- SERRALHEIRO, A. S. C. e FREIRE DE ANDRADE, R., 1961, *O monumento megalítico do Monte das Pereiras*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XLV, Lisboa.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1975, *A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal*, «Setúbal Arqueológica», I, Setúbal.
- 1975 - 77, *O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal*, «O Arqueólogo Português», VII - IX (S. III), Lisboa.
- 1976 - 77 a, *Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo — Sines)*, «Setúbal Arqueológica», II - III, Setúbal.
- 1976 - 77 b, *O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém)*, «Setúbal Arqueológica», II - III, Setúbal.
- TAVARES DA SILVA, C., 1971, *O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.
- VAQUER, J., 1975, «La céramique chasséenne du Languedoc», Laboratoire de Préhistoire et de Paléontologie, Carcassonne.
- VEIGA FERREIRA, O. da e CAVACO, R., 1952, *O Monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XXXIII, Lisboa.
- VIANA, A., 1960, *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Monumento da Nora Velha*, «Arquivo de Beja», XVII, Beja.
- VIANA, A., FREIRE DE ANDRADE, R. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1961, *O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique)*, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XLV, Lisboa.
- VIANA, A., VEIGA FERREIRA, O. da e FREIRE DE ANDRADE, R., 1961, *Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique*, «Revista de Guimarães», LXXI, 1 - 2, Guimarães.
- ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1967, *Acerca duma tholos encontrada em Castro Marim*, «O Arqueólogo Português», I (S. III), Lisboa.

**MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL**

SETÚBAL ARQUEOLÓGICA

VOLUME II-III



**JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL
1976-77**